



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
CENTRO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO - MPEDU

FRANCISCO RANIEL ALVES RODRIGUES

**“A ESTRANHA MANIA DE TER FÉ NA VIDA:” NARRATIVAS E TRAVESSIAS
DE EGRESSAS DA PEDAGOGIA DA URCA**

CRATO - CE, 2024

FRANCISCO RANIEL ALVES RODRIGUES

**“A ESTRANHA MANIA DE TER FÉ NA VIDA:” NARRATIVAS E TRAVESSIAS
DE EGRESSAS DA PEDAGOGIA DA URCA**

Dissertação apresentada ao curso de
Mestrado Profissional em Educação do
Centro de Educação, da Universidade
Regional do Cariri, como requisito parcial à
obtenção de título de Mestre em Educação.
Área de concentração: formação de
professores, currículo e ensino.
Orientadora: Profa. Dra. Maria Dulcineia da
Silva Loureiro.

CRATO - CE, 2024

Ficha Catalográfica elaborada pelo autor através do sistema
de geração automático da Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri – URCA

Rodrigues, Francisco Raniel Alves

F819alves Rodriguese A Estranha mania de ter fé na vida: Narrativas e
travessias de egressas da pedagogia da URCA / Francisco Raniel Alves Rodrigues.
Crato-CE, 2024.

115p.

Dissertação. Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do
Cariri - URCA.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Maria Dulcineia da Silva Loureiro

1.Narrativas, 2.Educação, 3.Pedagogia; I.Título.

CDD: 300

FRANCISCO RANIEL ALVES RODRIGUES

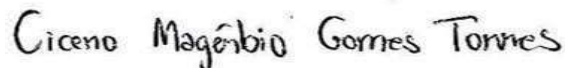
**“A ESTRANHA MANIA DE TER FÉ NA VIDA:” NARRATIVAS E TRAVESSIAS
DE EGRESSAS DA PEDAGOGIA DA URCA**

Aprovado em: 05 DE FEVEREIRO DE 2024

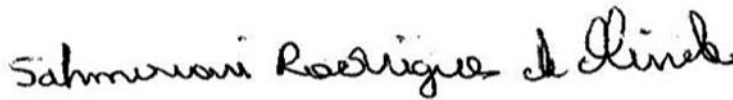
Banca Examinadora



Profa. Dra. Maria Dulcinea da Silva Loureiro Orientadora do MEPDU /UR



Prof. Dr. Cicero Magerbio Gomes Torres
Membro Interno do Programa/URCA



Prof. Dr. Sahmaroni Rodrigues de Olinda
Membro Externo do Programa/UFC



Profa. Dra. Inambê Sales Fontenele
Membro Externo do Programa - IFCE

DEDICATÓRIA

A Nossa Senhora, a minha Mãe, in memorian, as minhas irmãs, a minha esposa, ao meu filho. Em especial a todas as crianças órfãs desse país.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, in memorian, pelos 8 anos mais felizes de minha vida. Por seu amor e gana para criar os filhos sozinha.

As minhas irmãs Magerlânia (Nega), Elayne e Laninha, por terem atravessado comigo meus maiores calvários. A força de vocês sempre foi combustível para meu caminhar.

Ao Monsenhor José Honor de Brito, o qual me acolheu em sua morada, me mostrou o valor do estudo e deu um novo sentido a figura masculina em minha vida.

Aos familiares do coração que em algum momento me acolheram em seus lares em suas vidas: Vó Penha (in memorian), Salvelina, Deri, Ana e Ari, Fátima e Ivandro.

Aos meus irmãos de vida, de escolha, de transcendência do sangue: Granjeiro, Rudá, Marciana, Laiany, Laíze, Reylla.

Aos meus amigos e amigas os quais são muitos e não caberia citar nomes aqui, agradeço a cada um de vocês pela amizade e confesso que vocês me adiantaram o céu aqui na terra.

Aos meus sogros, Quinha e Hermes, que me adotaram como filho.

Aos meus sobrinhos Nicole, Rosa, Clara, Vitória (in memorian), Lucas, Léo, Duda, Dennis, Alicya, Hyago, Davi, Lara, Lian, Miguel. Que venham mais!

A madre Esmeraldo, pelo seu exemplo e amor para com as crianças pobres.

Aos professores que passaram por mim durante toda minha trajetória educacional. De modo particular a professora Dulce que acolheu essa ideia junto comigo e compartilhou desse sonho, possibilitando o acontecimento desse trabalho.

Um agradecimento especial aos dois pilares da minha vida, minha esposa Ana Carolina e meu filho Heitor. Neles se materializou meu maior sonho de ter uma família. Minha companheira que sempre me motivou e acreditou que esse momento chegaria, mesmo quando eu duvidei. Me apoiou nas minhas decisões e não permitiu que a coragem desse lugar ao medo. Heitor que tanto me chamou para brincar durante a escrita desse trabalho. Brincou, fez barulho, chorou por minha atenção, sempre com a frase “já tá trabalhando de

novo”. Ele é o ser mais incrível que conheço, meu manual de ser humano melhor. A pessoa que mais amo nesse mundo.

Por fim agradeço a Deus, por seu amor incondicional, por tanto se fazer presente na minha história. A Nossa Senhora pelo seu constante amor maternal por esse filho, só nós sabemos o quanto a nossa relação é profunda!

Ando devagar porque já tive pressa e levo esse sorriso porque já chorei demais. Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe. Só levo a certeza de que muito pouco sei ou nada sei... Todo mundo ama um dia. Todo mundo chora. Um dia a gente chega. E no outro vai embora. Cada um de nós compõe a sua história. E cada ser em si carrega o dom de ser capaz de ser feliz. (Almir Sater e Renato Teixeira)

RESUMO

A narrativa é tema central deste estudo. Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa é compreender as histórias de vida de sete mulheres pedagogas. Percebendo a relevância do ensino superior, de maneira particular do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri na vida delas. Trata-se de uma pesquisa Narrativa com histórias de vida, que permite uma relação entre o sujeito e o objeto, entre aquelas que narram com aquilo que se narra, entre o pesquisador e as pesquisadas. Com base em uma abordagem qualitativa de pesquisa, o trabalho perpassa as discussões das narrativas e sua importância para uma compreensão do contexto dessas egressas. Suas trajetórias antes, durante e pós-pedagogia. A análise teórica baseou-se em alguns autores, como Paulo Freire, Zygmunt Bauman, Antônio Nóvoa, Dermeval Saviani, dentre outros. As narrativas foram escritas pelas próprias autoras, sem nenhuma interferência da nossa parte. Nossa função enquanto pesquisador foi interpretar os textos os teorizando. Decidindo o que era mais relevante para a pesquisa, para atingirmos nossos objetivos. A narrativa é modelada pelo processo de interpretação do pesquisador e das narradoras pesquisadas e dessa relação, contextualizado pelas circunstâncias particulares das situações. Assim através de uma análise detalhada das narrativas percebemos a importância do Curso de Pedagogia da URCA para essas mulheres e para sua formação docente. Conseguimos perceber a importância da educação como instrumento de libertação das mais diversas formas de opressão, de ordem social, econômicas, cultural, religiosa, moral, entre outras. O estudo com narrativas nos permitiu ouvir essas mulheres através das suas histórias de vidas e perceber como essas histórias se cruzam com Pedagogia- URCA e como é eficaz o estudo com narrativas pois possibilita pensar sobre as experiências, questioná-las e posicionar-se diante delas. Sejam as próprias narradoras ao lerem seus relatos, seja o pesquisador ao fazer seus estudos, ou ao possível leitor desejoso de conhecer tais histórias.

Palavras-chave: narrativas; histórias de vida; educação; pedagogia; formação docente.

ABSTRACT

Narrative is the central theme of this study. Thus, the general objective of the research is to understand the life stories of seven female educators. Realizing the relevance of higher education, particularly the Pedagogy Course at the Regional University of Cariri in their lives. This is Narrative research with life stories, which allows a relationship between the subject and the object, between those who narrate and what is narrated, between the researcher and those researched. Based on a qualitative research approach, the work covers discussions of narratives and their importance for understanding the context of these graduates. Their trajectories before, during and after pedagogy. The theoretical analysis was based on some authors, such as Paulo Freire, Zygmunt Bauman, Antônio Nóvoa, Dermeval Saviani, among others. The narratives were written by the authors themselves, without any interference from us. Our role as a researcher was to interpret the texts by theorizing them. Deciding what was most relevant to the research, to achieve our objectives. The narrative is shaped by the process of interpretation between the researcher and the narrators researched and this relationship, contextualized by the particular circumstances of the situations. Thus, through a detailed analysis of the narratives, we realized the importance of the URCA Pedagogy Course for these women and for their teaching training. We were able to perceive the relevance of education as an instrument of liberation from the most diverse forms of oppression, social, economic, cultural, religious, moral, ethical, among others. The study with narratives allowed us to listen to these women through their life stories and understand how these stories intersect with Pedagogy-URCA and how the study with narratives is effective as it allows us to think about experiences, question them and position ourselves before from them. Be it the narrators themselves when reading their reports, or the researcher or the possible reader wanting to know these stories.

Keywords: narratives; Life stories; education; pedagogy; teacher training.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	“CAÇADORA DE MIM”: ELAS EM BUSCA DE ALGO MAIS.	19
2.1	“Não vive, apenas aguenta”: A história em débito com as mulheres.	20
2.2	“Nada a temer se não o correr da luta”: O advento do século XIX e XX.	24
2.3	“Nada a fazer senão esquecer o medo”: A pedagogia em busca de um por quê.	29
2.4	“Longe se vai, sonhando demais”: Elas e a Pedagogia.....	36
3	“TRAVESSIA: MUITO TENHO A FALAR!” A GRADUAÇÃO.	40
3.1	“Quem traz no corpo a marca, mistura a dor e a alegria”. Entre flores e espinhos.	41
3.2	“Já não sonho, hoje faço com meu braço o meu viver:” Graduandas de aço e de flores. 56	
4	“CORAÇÃO DE ESTUDANTE: UMA VEZ FORMADA SEMPRE EM FORMAÇÃO.	71
4.1	“Nova aurora a cada dia”: As realidades pós diploma.	72
4.2	“Há que se cuidar do broto, pra que a vida nos dê flor e fruto”: O Pós-Curso.	77
4.3	“É preciso ter sonho sempre”: Um instrumento de liberdade!	87
5	CONCLUSÃO.....	92
	REFERÊNCIAS	97
	APÊNDICE	105
	Descrição do Produto Educacional.....	105
	ANEXOS	106

1 INTRODUÇÃO

No dia 1º de setembro de 1989 durante uma procissão de Nossa Senhora da Penha, padroeira da cidade do Crato onde resido, minha mãe Rose Mary conhecida por todos como Rosa, sente as primeiras contrações e se encaminha para a maternidade São Francisco, que fica próxima a igreja da Sé Catedral. Nasci de parto normal às 4 horas da madrugada do já dia 2 de setembro. Eu era o quarto filho. Após meu nascimento tive mais duas irmãs. Diferente do meu irmão e de minhas quatro irmãs, eu sou o único filho cuja paternidade minha mãe, por algum motivo desconhecido, não revelou. Sou desses milhares de brasileiros cujo “aborto masculino” é legalizado. Segundo o Portal da Transparência do Registro Civil, em matéria divulgada pelo G1 em 13 agosto de 2023, dia atribuído a comemoração do dia dos pais, o Brasil só neste ano registrou mais de 100 mil crianças sem o nome do pai, são quase 500 por dia. No dia 27 de Abril de 1998 mãe falece em decorrência do parto de minha irmã caçula, deixando 6 filhos órfãos.

Entre idas e vindas, morando em diversas casas, inclusive sozinho aos 11 anos de idade, estudei em diversas escolas, todas públicas. Tive experiências boas e significativas e também dolorosas. Lembro-me de uma escola de nome Estado da Paraíba localizada no Bairro Pimenta no Crato- CE na qual eu tinha um tratamento diferenciado. Por exemplo, eu era orientado pela gestão da escola a só entrar em sala de aula quando estivesse com vontade de assistir aulas, nos outros dias eu poderia ficar na biblioteca lendo, desenhando, lendo, ou fazendo alguma outra atividade. A escola conhecia minha história de vida e por isso me dava tal tratamento, inclusive permitindo que eu repetisse a merenda, pois, sabiam da minha situação de vida. Essa escola só tinha o fundamental I, assim tive que mudar de escola e passei a estudar numa escola do meu bairro, a escola Polivalente, no bairro seminário na mesma cidade.

Nessa realidade já era bem diferente, a começar pela merenda escolar que não era ofertada todos os dias. Durante esse período eu já morava sozinho numa pequena casa de taipa, das heranças que mãe nos deixou. Eu me alimentava da caridade de vizinhas, mas alimentação diária não era minha rotina, por vezes fui dormir com fome e esperava amanhecer o dia para ser convidado por alguém a tomar café. O que nem sempre acontecia. A vizinha que mais me dava refeição chamava-se Salvelina um ser humano de

coração imenso, mas, que era alcoólatra. Por isso nem todo dia tinha refeição na casa dela, muitas vezes passava o dia bebendo no bar ou na casa de alguma amiga.

Tais situações evidentemente me prejudicaram e muito na escola, visto que faltava muito, por motivos já explicitados, assim reprovei o ano (5º série). Ao receber tal notícia do diretor da escola e da coordenadora ouvi em alto e bom som da boca do diretor: “sabe por que você repetiu? Porque você é vagabundo!”. Voltei pra casa aos prantos com aquelas palavras e principalmente com a forma como foram ditas, se é que há alguma forma gentil de chamar uma criança de vagabundo. Vim me interrogando o caminho inteiro sobre aquela frase, dizia pra mim: não roubo, não uso droga, ele me chama de vagabundo. Mas após enxugar as lágrimas, eu jurei provar que eu não era vagabundo.

Entre tantas idas e vindas após concluir o ensino médio, pois nunca parei de estudar, sempre creditando ao estudo uma possibilidade de mudança de realidade. Depois de muitos percalços, percursos e esperanças, em 2011 após prestar vestibular, ingresso para o curso de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri- URCA. As Ciências Sociais abrange três áreas das ciências humanas, a Sociologia, a Antropologia e a Ciência Política, no caso dessa última bem menos contemplada na grade do curso. Fiz a opção pela licenciatura, uma vez que também é ofertado o bacharelado. Essa graduação foi bem intensa, vivi cada experiência disponibilizada, congressos, colóquios, fóruns, disciplinas optativas para além das exigências, e na parte docente os estágios. Uma das gratas experiências foi a de retornar a escola de ensino médio que estudei a Teodorico Teles, poucos anos depois de ter concluído o 3º Ano médio.

Essa oportunidade surgiu durante o 5º semestre de Ciências Sociais através de dois caminhos, o primeiro se dá na disciplina Estágio I Diagnóstico da Escola, o outro com o programa PIBID- Sociologia. Até então, eu estava no projeto de iniciação científica da CAPES intitulado “Juventude em contexto de droga e violência” na qual realizei diversas atividades com jovens detentos na cadeia pública de Juazeiro do Norte na região metropolitana do Cariri- CE. O projeto contava com pesquisadores da URCA, UFC, UECE e UFPE, com apoio financeiro da FUNCAP pelo programa BPI. Terminado a pesquisa e tendo iniciado o 5º semestre, tive a oportunidade de participar do Programa de Iniciação a Docência PIBID-Sociologia, fui bolsista PIBID logo que o programa foi implantado na URCA. Devido à licenciatura de Ciências Sociais cursei as disciplinas de Estágios I, II e III ambos em escolas regulares do Ensino médio, o que despertou ainda mais em mim o gosto pela docência. A graduação em Ciências Sociais mudaria completamente minha

vida. Em 2014 durante a Disciplina obrigatória de Estágio em Organizações Não Governamentais, conheço na Pastoral do Menor local escolhido para fazer o estágio, minha esposa, com que me casei em 2016 e tivemos um filho Heitor, hoje com 4 anos!

Após concluir a Ciências Sociais (sendo o 1º da família a ter nível superior), já com muito interesse na área da educação, decido fazer outra graduação. Em 2016, ingresso no Curso de Pedagogia da URCA, referente ao vestibular 2016.1. No ano de 2015, fui contratado para lecionar num colégio privado da cidade do Crato onde resido. Na mesma, tive oportunidade de lecionar nos três níveis fundamental I e II e no Ensino médio, com as disciplinas de Formação Humana (4º ao 9º Ano) Filosofia (6º ao 3º Médio) e Sociologia (Ensino Médio). Nesse momento, senti cada vez mais que uma graduação em Pedagogia potencializaria o meu eu professor.

Tinha como hábito trazido das Ciências Sociais andar com diário de campo e tomava nota de diversas situações ocorridas nas aulas da Pedagogia e nos diferentes espaços acadêmicos. Já no II semestre decidi falar com a professora da disciplina de Filosofia da Educação I sobre uma possível orientação. Por já ter experiência de outra graduação, sabia que quanto antes definisse um objeto e a orientação melhor seria o resultado. No nosso primeiro encontro comecei falando sobre pesquisar algo no colégio privado onde já trabalhava. Ao final da conversa, não me segurei e disse: “Professora na verdade, lembra quando a senhora propôs aquela atividade sobre como foi nosso tempo de escola? Desde aquele tempo, que venho pensando em estudar a atuação dos professores do Curso de Pedagogia da URCA”. Ela pediu que eu guardasse o tema que propus por primeiro e que iríamos sim fazer essa pesquisa.

O tipo de pesquisa escolhida na época foi a Etnográfica, na qual a estrutura do espaço e o tempo não são claramente delimitados, e as entrevistas surgem espontaneamente a partir de contatos naturais do campo. Numa etnografia o olhar é fruto de uma escolha. Escolha de elementos que legitimamos como mais significativos do que outros. O etnógrafo como aquele que interpreta a cultura encontrando sentidos em gestos e ações, etc. Marisa Peirano (1995) vem dizer que a etnografia é um dos maiores fundantes da antropologia. Para ela, a antropologia tem como objetivo, a partir das diferenças, formular o conceito de humanidade, é a diferença que se faz saber que gera compreensão do diferente. Daí a necessidade de adentrar o campo, de uma pesquisa participante, de deixar de lado o que ela chama de pesquisa de varanda. Assim, o trabalho etnográfico seria a combinação de dados apreendidos em determinado contexto, à sensibilidade do etnógrafo

e sua formação de pesquisador. O título da monografia foi “Quem são eles? Quem eles pensam que são?”: Um estudo etnográfico sobre a atuação docente no curso de pedagogia.

Importante falarmos sobre essa pesquisa, pois, considero os primórdios desse trabalho. Lembro que uma das colocações que uma das membras da banca fez na minha defesa foi: “se você diz que a maioria das docentes do curso de pedagogia são mulheres porque no título você diz quem são eles e não quem são elas?” Aquela pergunta permaneceu por algum tempo em mim, que de fato houve esse equívoco de minha parte uma vez que o curso de pedagogia da URCA é majoritariamente feminino.

Com a oportunidade de vivenciar a pedagogia, frequentando diversos semestres e, turnos manhã e noite, já que tinha aproveitado muitas disciplinas e ia adiantando as cadeiras, ouvi diversos relatos de mulheres, mães, esposas, jovens e adultas que tinham nas suas histórias sempre um enredo de superação tanto de situações familiares como socioeconômicas. Geralmente essas colocações sobre as histórias de vida se davam nas apresentações nos inícios de semestres, ou durante alguma dinâmica proposta por algum docente. Mas também em rodas de conversas comigo ou mais pessoas. Com a ideia de deixar como produto para o mestrado profissional em educação um material com Narrativas de egressas da Pedagogia URCA, ouvindo alguns conselhos, veio então a ideia de fazer a dissertação partindo dessas narrativas, fazendo uma análise sobre elas, teorizando-as com o currículo e a formação.

Então traçamos alguns objetivos como compreender a relevância do Ensino Superior, especificamente do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri, nas histórias de vida de sete mulheres. Quais caminhos levaram essas mulheres a Pedagogia? Que visões essas egressas tinham sobre o curso, suas práticas e seus docentes. Lembranças das aulas, docentes, colegas, expectativas, etc. Percebendo a partir das narrativas quais currículos se fazem presente na formação, visto que é impossível pensar Currículo desassociando do contexto histórico. Verificar o pós-curso, o que mudou profissionalmente, como se deu a formação depois da pedagogia, projetos de formação, sonhos. Por fim refletir sobre a formação continuada, ressaltando que continuação não significa falta e sim processo a ser percorrido.

Nas Ciências Sociais aprendemos que o objeto de estudo é construído, uma vez que não aparece pronto na realidade. Ele é fruto de uma problematização ou indagação. Assim sua existência depende de um pesquisador (que nas ciências sociais chamamos de cientista) que constrói os dados que consegue apreender. Dito isso especificamente a antropologia e

a sociologia são ciências cujo objeto de estudo é histórico, cujas realidades estão em constantes transições dentro de uma cronologia. O sujeito e o objeto tem em si a mesma natureza. Quando o pesquisador se propõe a investigar determinada realidade social, lidará com seres humanos, com ações sociais da qual ele de uma forma ou de outra também faz parte.

Como dito anteriormente optamos por trabalhar com pesquisa Narrativa, com método qualitativo, uma característica importante dessa metodologia é a relação entre sujeito e objeto uma vez que se forma um diálogo e um laço de confiança visto que esse sujeito pesquisador terá acesso a memórias e histórias de vida, cheias de significados para o sujeito objeto pesquisado. Gaulejac (2005) diz que esse método tem por objetivo ter acesso a uma realidade que ultrapassa o narrador. A história de vida contada pelo próprio sujeito e a sua maneira possibilita compreender o universo do qual ele faz parte. De acordo com Nogueira (2004) na relação de cumplicidade entre pesquisadores e sujeitos pesquisados encontra-se a possibilidade daquele que narra sua história experimentar uma ressignificação de seu percurso e de dar continuidade à construção de um sentido frente ao relato endereçado. Compreendemos que nesse tipo de pesquisa as subjetividades do pesquisador e dos pesquisados estão presentes. Como dizem Minayo e Sanches (1933, p.244)

É no campo da subjetividade e do simbolismo que se afirma a abordagem qualitativa. A compreensão das relações e atividades humanas com os significados que as animam é radicalmente diferente do agrupamento dos fenômenos sob conceito e/ou categorias genéricas dadas pelas observações e experimentações e pela descoberta de leis e que ordenariam o social.

Nesse sentido e cientes de que não há uma ciência neutra, consequentemente um discurso neutro, faz-se necessário escolhas que podem contribuir com a pesquisa, escolhas feitas durante o percurso metodológico. É nesse caminhar que o conhecimento vai surgindo e ao construir o conhecimento científico sobre determinado objeto conhecemos não só ele como a nós, nas palavras de GOHN (2005,p.255) “consideramos que a própria realidade é dialética, e o pensamento científico, uma das modalidades de aprendê-la”. Considerando então que as realidades sociais são dinâmicas é que optamos por fazer uma cronologia das narrativas dentro de um determinado contexto. Gaskell (2003, p. 81) diz que a pesquisa qualitativa é vezes vista como uma maneira de dar poder ou dar voz às pessoas, em vez de tratá-las como objetos, cujo comportamento dever ser quantificado e

estatisticamente modelado. Diferente disso, ao dar voz ao pesquisado buscamos compartilhar um conhecimento que pode estar velado, ou mesmo marginalizado. Por isso optamos pela pesquisa qualitativa por reconhecer que ela está mais próxima da realidade social, trazendo de fato como o sujeito se reconhece.

A aplicação dessa pesquisa se deu da seguinte forma, selecionamos 7 mulheres pedagogas egressas do curso de pedagogia da URCA. A escolha por essas pessoas seguiu alguns critérios: anos de formação distintos, para que assim possamos perceber melhor os currículos e suas nuances e os contextos históricos tanto delas como da região. Serem de localidades diferentes para dá uma amostragem da amplitude do curso de Pedagogia da URCA. Idades distintas. E o principal quererem participar tendo como motivação maior tornar suas histórias conhecidas. Algumas dessas pedagogas conhecemos pessoalmente e sabia parte de suas histórias, outras foram indicadas por pessoas próximas quando contamos sobre o desejo de realizar tal trabalho. Elas enviaram de forma digitada suas narrativas. Tais narrativas estão disponíveis na íntegra no Produto Educacional disponível em e-book.

Acreditamos que narrativas orais ou escritas são fontes de conhecimento e partem da suposição de que todos tem algo a contar. E nunca esse contar é sobre alguém isolado. O indivíduo é uma unidade dentro da coletividade. Assim as narrativas por mais particulares que pareçam ser, unificam-se num grupo. O relato colhido é uma produção de si que o sujeito elabora (Bourdieu apud Preuss 1997) e não uma apresentação de si. A maneira como o indivíduo conta e oferece acesso a outras dimensões, como ao sociológico, a ponte entre sujeito e coletivo. A narrar sua história o sujeito fala do seu contexto, seus processos experimentados e intimamente ligado ao contexto social onde ele está inserido. E é justamente aqui que entra o papel do pesquisador, fazendo esse trabalho de colcha de retalhos onde cada retalho (narrativa) converge num todo a ser apreendido.

Nosso recorte para esse estudo focará nas narrativas dessas mulheres frutos de uma sociedade desigual, excludente, machista e patriarcal. Esse trabalho portanto trará histórias e experiências que se relacionam de alguma forma com o curso de Pedagogia da URCA e as interpretações que essas egressas fazem e das interpretações que farei a respeito das delas. Segundo Charles Wright (1972) ao cientista social é recomendado que aproxime o trabalho de sua vida, ou seja, que faça um canal de duas vias: do produto de sua ciência ao seu cotidiano e de sua experiência própria para a elaboração do seu ofício. Isso para mim

se apresentará como um desafio, uma vez que lidarei com histórias reais, que para essas mulheres pode ter um caráter sagrado e que para mim não poderá torna-se profano.

Essa dissertação será dividida em alguns capítulos que facilitaram na descrição e apreensão do mesmo. No primeiro capítulo “CAÇADORA DE MIM”: ELAS EM BUSCA DE ALGO MAIS, apresentamos as narradoras, as mulheres escolhidas para participar desse projeto quem são elas, de onde são, etc. Fazemos uma cronologia histórica sobre a visão ocidental sobre o feminino. Como essas ideias influenciaram nas condições educacionais da mulher brasileira, observando de que forma ocorreu a inserção da mulher na rede escolar, como aluna e também educadora. Em seguida apresentamos também o Curso de pedagogia e suas nuances, contexto em que foi criado, lutas, etc. Finalmente sobre as motivações que levaram essas mulheres a ingressar na pedagogia suas trajetórias e contextos.

O segundo capítulo: “TRAVESSIA: MUITO TENHO A FALAR!” A GRADUAÇÃO, descrevemos as visões dessas egressas sobre o curso, suas memórias e relatos do período de graduação, desafios, críticas, elogios, e sobre o papel do professor universitário na formação dessas pedagogas e como o desempenhar desse papel reflete na graduação.

O último capítulo “CORAÇÃO DE ESTUDANTE”: UMA VEZ FORMADA SEMPRE EM FORMAÇÃO trata de um olhar sobre a formação continuada, verificaremos o que mudou na vida dessas pessoas pós-curso, sonhos, projetos, formações, como estão essas mulheres hoje. Esse capítulo trará aspectos das experiências formativas. Por fim dialogaremos sobre o poder da educação como instrumento de libertação. Uma educação humanizante que nos liberta de situações opressoras mas não nos põe no lugar do opressor. Educação que nos faz compreender que somos seres em constante processo de formação.

2 “CAÇADORA DE MIM”: ELAS EM BUSCA DE ALGO MAIS.

Escolhemos para participar desse trabalho sete mulheres que residem no cariri cearense. São elas: Ana Alice de Lima Teodosio, 34 anos natural de Assaré- CE; Antônia Eugenia de Oliveira, 43 anos natural de Crato - CE; Cícera Cosmo de Souza, 37 Anos natural do Distrito de Quincuncá em Farias Brito - CE; Francisca Sandra de Sousa, 46 anos, natural de Ipubi - PE; Joice Maria de Sousa, 45 anos, natural de Barbalha - CE; Luana Ricarto da Costa, 27 anos, natural de Ponta da Serra distrito da Cidade do Crato - CE; Veridiane Rosa da Silva, 42 Anos natural de Brejo Santo - CE.

Meu contato com essas mulheres se deu de variadas formas, Ana Alice foi através de uma atividade da igreja católica no Assaré. Eugenia, pagamos duas cadeiras juntos durante a graduação de pedagogia. Cícera foi minha professora da disciplina obrigatória de Didática da Geografia na graduação de pedagogia. Sandra e Luana foram minhas colegas de turma do mestrado em Educação. Veridiane era da turma anterior a nossa de mestrado e pagamos juntos a disciplina optativa de Educação e Criatividade. Joice, ouvi falar sobre através de uma amiga em comum que ao tomar conhecimento sobre esse projeto pensou em Joice e me passou seu contato. De um total de dez que convidamos já contando com possíveis recusas ou desistências, sete aceitaram embarcar conosco nesse projeto.

São sete mulheres, justamente esse número tão rico em misticismo, significados e crenças ao longo da histórias nas diferentes culturas. Segundo a professora Helena Sousa Melo (2006, p. 15) o número sete está envolvido em vários setores da nossa vida. Esse número desempenha um papel na religião, na ciência, nas artes, na literatura, nos negócios e na educação. Na cultura geral são 7 as maravilhas do mundo, as notas musicais, os dias da semana, as cores do arco-íris. Na tradição da igreja católica são sete os sacramentos. Sete os pecados mortais e as virtudes teologais assim como são sete os dons do Espírito Santo. Encontra-se simbolismos ligados a esse número em todas as religiões. No Judaísmo há os 7 degraus da Perfeição . No Hinduísmo/Budismo há menção dos 7 raios do Sol de Buda. No Islamismo o Alcorão faz alusão aos 7 céus, aos 7 mares, às 7 terras, às 7 divisões do inferno, às 7 portas do paraíso, às 7 palavras da profissão de fé mulçumana etc. Para Pitágoras, matemático e pai da numerologia, o sete é um número perfeito.

Na China, os números ímpares e pares possuem uma polaridade energética: os ímpares são yang, a energia celestial, o masculino, os pares são yin a energia territorial, o

feminino. O número 7 para os chineses representa um ciclo completo, ele é um símbolo da mulher, por causa dos ciclos lunares femininos. Nas antigas culturas orientais o número quatro simboliza a Terra e junto ao três que simboliza o Céu, compreende-se que o sete representa uma Totalidade em Movimento ou um Dinamismo Total. É justamente nessa última ideia que desejamos relacionar essas sete mulheres, que completaram seus ciclos na pedagogia e representam uma totalidade que está em movimento. Já movimentavam-se antes de cada uma delas ingressarem no ensino superior e continua após elas concluírem, nessa busca por um algo mais.

2.1 “Não vive, apenas aguenta”: A história em débito com as mulheres.

Ao pensar na escola, estereótipos como meninos e meninas estudando juntos. Professores de sexos distintos dando aula a alunos e alunas. Estudantes pensando que tipo profissão terão, qual universidade irão cursar. Currículos iguais para meninos e meninas, etc. Vem a nossa mente. Para as gerações mais novas até parece que sempre foi assim, tal como a internet sempre existiu e todo aparato através dela. Mas basta uma breve conversa com os pais de mais de 40 anos, ou avós com mais de 50, 60 anos que veremos que num passado nem tão distante a escola ou mesmo a educação eram diferentes. Tanto que muitos desses pais não concluíram seus estudos. E muitos avós, ou bisavós no sabiam apenas assinar o nome. Educação nem sempre foi pra todos (ou maioria) e mesmo quando ofertada nos primórdios de nossa nação não era para o público feminino.

A subordinação feminina não foi algo criado pelos portugueses, muito menos legitimada somente no Brasil. A história ocidental demonstra isso, pois coube a ela anular os protagonismos femininos no decorrer dos tempos. Se perguntarmos numa sala de ensino médio, ou na academia, quem foi Sócrates? No mínimo ouviremos respostas como: pai da filosofia, pensador grego, criador da maiêutica, ironia... Frases como: “só sei que nada sei; conhece-te a ti mesmo...” mas se nas mesmas salas perguntarmos quem foi Diotima de Mantinea e Aspásia de Mileto? Provavelmente não ouviremos que Diotima de Mantinea foi responsável pela educação e treinamento intelectual de Sócrates na juventude. “Diotima foi, (...), mais importante na criação do Sócrates que conhecemos do que qualquer outro ser humano” segundo Paul Johnson (2012. P. 97). Aspásia foi outra mulher de suma importância na vida de Sócrates, ele a tinha em alto conceito o intelecto dela e

suas conquistas literárias, quando recebeu o pedido dos pais de um rapaz para que recomendasse um mestre para ensiná-lo retórica, ele mencionou Aspásia.

Essas duas mulheres tiveram comprovadamente grande influência positiva na formação do pensamento de Sócrates, de modo que ele defendia que a mulher deveria ter um papel muito ampliado na sociedade de Atenas. O filósofo dava especial importância ao fato de que as mulheres deveriam ter acesso a uma educação “tão completa quanto os homens”. Pensava que essa elevação das mulheres ao mesmo “status” dos homens na sociedade não era um favor, mas sim uma manifestação de Justiça. (JOHNSON, 2012p. 98)

Notadamente o pensamento de Sócrates estava além do seu tempo. Para Platão (discípulo de Sócrates) para formação da sociedade ideal mulheres e homens tem que ter direitos civis equiparados, uma vez que homens e mulheres têm almas iguais. Uma vez que ambos tenham alma, ambos podem exercer cargos de chefia. Pensamento contrário ao pensamento em Atenas no qual a mulher tinha que tão somente submeter-se ao marido. Aristóteles (1999) acreditava que a mulher tinha alma inferior ao homem, seria como uma versão incompleta dele. As mulheres eram somente um corpo que fértil servia somente para reprodução, que o sêmen masculino tinha todas as qualidades para dar origem a uma criança.

Ainda que seja um mito, mesmo que muitos não acreditem assim, a história do Éden e seus dois habitantes, Adão e Eva, criados a imagem e semelhança do seu criador. Já espelha para nós a visão histórica ocidental sobre a mulher. Criada por necessidade do homem e para atender seu desejo, o qual precisa ceder uma de suas costelas a partir de um sono profundo, para gerar sua companheira. Que enganada pela serpente, que nem falar sabe, come o bendito fruto e leva o homem a comer também, introduzindo assim o pecado no mundo e condenando não só seu esposo, mas toda raça humana a morte. (Gênesis. Cap. 1,2,3) Santo Agostinho, filósofo da idade média e doutor da igreja diz:

Por que o demônio não fala com Adão e sim com Eva? indaga Agostinho. E dá a resposta: Satanás se dirigiu "ao elemento inferior dos dois humanos (...) pressupondo que ao homem não seria assim tão fácil enganar, e que não seria aprisionado por um falso movimento de sua parte, mas só se desviado para outro erro." Agostinho admite as circunstâncias atenuantes para Adão: "Não podemos acreditar que o homem fosse levado para o mau caminho (...) porque acreditava que a mulher estivesse falando a verdade, mas que ele caiu através das sugestões dela porque estavam muito unidos em sua parceria (...). Eva aceitou o que disse a serpente como verdadeiro, enquanto Adão se recusou a separar-se de sua companheira, mesmo que isso significasse dividir com ela o pecado" (Agostinho p.11, 2022)

A ideia de Agostinho junto a ideia de submissão permanece até os dias atuais não só na igreja católica, mas nas religiões cristãs. Porém as ideologias sobre a inferioridade das mulheres não é privilégio cristão. Nietzsche (2017, pág. 13) escreve que a mulher é considerada profunda, por quê? Porque nela jamais se chega ao fundo. A mulher não é sequer superficial (2005, p.70) chega a afirmar que “comparando no todo o homem e a mulher, podemos dizer: a mulher não teria o gênio para o ornamento, não tivesse o instinto para o papel secundário”. Schopenhauer (1964, p. 209) diz que se a mulher é, por natureza, dissimulada, isto é, fingida, astuta, ardilosa, mentirosa, etc., ela é incapaz de atingir a verdade filosófica. Explica-se, assim, sua incapacidade de filosofar. Para Hegel (apud SILVA, 2011) mulheres são passíveis de educação, mas não são feitas para atividades que demandam uma faculdade universal, tais como as ciências mais avançadas, a filosofia e certas formas de produção artística... Não podem atingir o ideal. Esse recorte histórico é relevante uma vez que fomos colônia de um país europeu que não estava neutro a essas ideias sobre o papel da mulher, o que influenciou diretamente na educação que a sociedade portuguesa trouxe para o Brasil em especial para as mulheres, pois, acreditavam segundo Rodrigues (1962, p32) que não ficava bem o exercício das artes da escrita e leitura para o sexo feminino. Essa ideologia submetia a mulher à sujeição e à obediência, essa submissão passava do pai para o marido. (MACHADO, 1980, p. 155).

Para falarmos sobre a educação das mulheres nas terras brasileiras, precisamos começar pela educação no Brasil colônia. Essa história começa com a vinda dos padres da Companhia de Jesus, os chamados jesuítas, para esse território em 1549. Ficou a cargo dos jesuítas a educação brasileira de 1549 a 1759. Importante falarmos que a Companhia de Jesus era responsável por boa parte da educação do mundo ocidental, visto que Portugal nesse período era uma potência mundial. No Brasil a primeira escola foi criada na cidade de Salvador pelo Padre jesuíta Manoel da Nóbrega junto com outros cinco padres jesuítas. O objetivo era a conversão à fé católica pela catequese e dar instrução de ler e escrever aos filhos dos que pertenciam às elites. O plano pedagógico jesuíta chamado *Ratio Studiorum*, era um plano educacional aplicado em todos os colégios jesuítas do mundo. Como os jesuítas tinham uma visão essencialista do homem, que seria universal e imutável, uma interpretação de São Tomás de Aquino sobre Aristóteles. Então, acreditavam que tendo o homem uma essência imutável, universal, as mesmas regras, ou planos educacionais utilizados em um local serviriam para outro. Obviamente que tal plano não tinha como ser

seguido à risca. Segundo Tobias (1986, p. 55) o padre Manoel da Nóbrega ao introduzir o primeiro plano educacional no Brasil precisou adaptar ao novo ambiente e às inelutáveis surpresas de um mundo virgem e incomensurável. Os jesuítas tiveram ainda que ensinar a língua portuguesa e, conseqüentemente, aprenderem a língua tupi-guarani que acabou por se tornar matéria do currículo educacional dos jesuítas no Brasil (TOBIAS, p. 56).

A exemplo do que acontecia na Coroa e em outros países, nos primeiros séculos a mulher não tinha acesso à educação escolarizada, vivia presa em seus lares, cercadas pelas filhas e escravas, destinadas aos trabalhos domésticos, as rezas, a submissão de seus pais e maridos e ensinavam suas filhas a reproduzirem tal comportamento. Tudo conforme a única educação que lhes era concedida. Segundo Rodrigues (1962, p. 18) o padre jesuíta Manoel da Nóbrega tentou, em vão, criar um projeto de educação feminina na colônia, pois acreditava que “poderia vir a colaborar de forma eficiente na obra da catequese e conversão do gentio e na formação de famílias autênticas cristãs”. Diz ainda parecer que essa ideia, viera dos próprios nativos da Bahia que, em 1552, recorreram a Nóbrega para que fossem fundados também abrigos para suas filhas, confiando-as a mulheres cultas e virtuosas. Não havia uma educação escolarizada para a mulher, porém ela era educada dentro dos seus lares. Um modelo educacional, destinado às mulheres da classe aristocrática.

Primeiros os trabalhos de agulha, de meia, de bordar, de marcar, a branco, a matriz, a ouro, a prata, com cabelo, com miçanga, com froque, com vidrinhos, com sêda (sic) e depois ... uns elementozinhos de leitura e escrita e às vezes algumas contas. Terminara o polimento. (RODRIGUES, 1962, p. 12).

O padre Manoel da Nóbrega teve seu pedido recusado pela então rainha de Portugal Dona Catarina, temendo os desdobramentos que o acesso das indígenas à educação poderia causar na cultura vigente.

No século XVI, na própria metrópole não havia escolas para meninas. Educava-se em casa. As portuguesas eram, na sua maioria, analfabetas. Mesmo as mulheres que viviam na Corte possuíam pouca leitura, destinada apenas ao livro de rezas. Por que então oferecer educação para mulheres ‘selvagens’, em uma colônia tão distante e que só existia para o lucro português? (RIBEIRO, 2000, p.81).

Essa primeira fase da educação jesuítica encerra no final do século XVI, após a morte do Padre Manoel da Nóbrega iniciando período onde a educação passa a ser

elitizada. O objetivo da escola passou a ser segundo Tobias “educar o europeu rico, inexistente na pessoa da grande maioria do menino brasileiro” (1986, p. 68). Com isso, a educação dos padres jesuítas passa a ser destinada exclusivamente ao instrumento da catequese para os nativos e a educação escolarizada destinada às camadas mais abastadas da sociedade colonial. Aos 40 anos as mulheres portuguesas tornavam-se matronas, ou seja, de idade avançada. Então havia uma questão para com as mulheres que não se casavam e atingiam determinada idade. Para elas restava a clausura, conventos e casas de recolhimento femininas, um espaço para as mulheres desamparadas ou solteiras. Os conventos não possuíam estruturas formais de ensino, mas as mulheres ali tinham acesso ao estudo, aprendiam a ler, escrever, bordar, músicas e, evidentemente, a prática da oração, reza e contemplação. Vemos assim que naquela época concebia-se a mulher para o casamento, ou para a vida religiosa, ou para o trabalho doméstico e escravo, práticas que precisavam de pouca ou nenhuma educação escolar.

2.2 “Nada a temer se não o correr da luta”: O advento do século XIX e XX.

Um fato histórico que interferiu diretamente na educação brasileira e consequentemente na educação das mulheres foi a expulsão dos jesuítas. Após séculos à frente da educação nas terras brasileiras, os padres jesuítas foram expulsos de Portugal e de suas colônias. Com a política de laicização do Estado e as fortes influências das ideias iluministas. Com a nomeação para primeiro-ministro de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal. Azevedo (1963, p. 538) diz que o Marquês de Pombal, em 1759, expulsou os jesuítas do reino e dos seus domínios, inaugurando com a sua política radical a série de medidas semelhantes, tomadas pela França (1763), Espanha, Nápoles e Sicília (1767) entre outros, o que acarretaria em 1773, na total supressão da Companhia de Jesus pelo Papa Clemente XIV.

Com a falta de recursos para criar e administrar as escolas e com a falta de professores capacitados para exercerem a função, uma vez que os jesuítas exerciam tal função. O Brasil fica sem instrução, durante todos os anos que mediam entre 1759 e 1772 (13 anos), quando foi criado o Subsídio Literário (VERISSIMO, 1961, p. 387). Esse novo imposto custearia a educação colonial. Aqui o fato relevante é que a educação sai do campo religioso e é assumida pelo Estado. Pombal como dito vinha com ideais iluministas e nesse pensamento havia a ideia que a educação deveria ser laica. Entre as reformas

pombalinas houve abertura e instalação de escolas régias para o público feminino, porém separadamente por sexo, ou seja, somente professoras mulheres podiam dar aulas às meninas e professores homens aos meninos e nunca as meninas estariam ao lado dos meninos na mesma sala de aula. Algo que perdurou no Brasil até poucas décadas atrás nos colégios católicos.

Em 1808 a Família Real chega ao Brasil, com ela reformas estruturantes acontecem na parte administrativa, cultural e educacional. O interesse do governo recém-instalado em relação à educação foi a formação de quadros para a administração e o exército. Abriam-se cursos de ensino superior, para homens, na corte e em alguns outros lugares do país. O número de escolas de ler e escrever aumentou em todas as províncias, sem isto caracterizar escolarização para a maior parte da população. Eram algumas dezenas de escolas abertas tanto para o sexo masculino, em sua maioria, como também para o sexo feminino. D. João VI veio preocupar-se com a formação dos mestres e seu método de ensino.

Um rei, como D. João VI, e uma corte em sua totalidade não podiam chegar a uma Colônia atrasada e culturalmente relegada sem fazer-lhe explodir a infra e a superestrutura, inclusive a educacional. Seria vergonhoso para o rei e para a sua corte terem os filhos e parentes “educados” por escolas e professores como a grande maioria dos que, então, existiam no Brasil afora. D. João VI, monarca de visão realmente superior, começou de imediato suas reformas e criações culturais e educacionais, pois bem sabia que a fuga, para escapar dos generais de Napoleão, não era coisa muito provisória. (TOBIAS. 1986, p. 117 - 118.)

Iniciam assim mudanças na educação brasileira. A falta de especialização para administração contribuiu para que o rei criasse escolas, destinadas a formar e preparar para o atendimento do serviço público. Foram criados cursos nas áreas de medicina, anatomia, economia, agricultura e outros. Ressaltamos que os esforços do Rei D. João VI para criar um sistema educacional tratava-se de uma educação elitizada que serviu para aumentar cada vez mais as desigualdades. Somente com a volta de D. João VI a Portugal e com a Independência do Brasil foi criada a primeira legislação específica sobre o ensino primário, a lei de 15 de outubro de 1827, conhecida como Lei Geral, que padronizou as escolas de primeiras letras no país.

Mesmo com essas mudanças e a permissão para as mulheres estudarem, elas não aprendiam todas as matérias ensinadas aos meninos. Era previsto na lei igualdade para os mestres e as mestras, porém a própria legislação posterior abriu brechas para que na prática as professoras ganhassem menos que os homens. Em outras palavras, no primeiro

reinado no tocante a educação feminina a educação limitou-se às escolas primárias, geralmente, subordinado a Igreja, onde apenas ensinavam, além, dos afazeres domésticos, as primeiras letras. Somente no segundo reinado que o número de escolas destinadas às mulheres aumenta. Mesmo não sendo a ideal, a lei de 15 de outubro (dia dos professores) de 1827, foi importante para a educação da mulher brasileira e tudo que isso significaria pois além permitir que as mulheres pudessem ter acesso às escolas, legitima a profissão de professora, fato importantíssimo para as próximas décadas.

No século XIX há um aumento significativo dos efetivos femininos na rede escolar pública. Com a criação das escolas mistas que permitiam que meninos e meninas estudassem não só na mesma escola, mas na mesma sala. Aumentaram significativamente o contrato de mulheres. Houve a regulamentação da carreira do magistério durante os governos provinciais e o estabelecimento de escolas normais para a formação de professores(as) nas últimas décadas do período imperial, que passaram a ser frequentadas quase que exclusivamente por mulheres. Houve também a implementação dos grupos escolares, na primeira década do século XX, onde o corpo docente, neste momento, já era predominantemente feminino. Existia a crença de que como as mulheres podiam educar seus filhos, visto que esse papel era atribuído a elas e não aos homens, então elas podiam educar outras crianças que não fossem seus filhos. Acreditava-se aqui que as mulheres tinham toda uma vocação para o magistério e a palavra vocação aqui não é por acaso. A professora teria que ser alguém com um caráter, uma moral elevada, com comportamentos socialmente aceitos que a legitimasse moralmente. Da mulher esperava-se virgindade até o casamento e fidelidade ao esposo depois de casada. Do homem não se esperava nenhuma dessas coisas, nem se perguntava se era virgem, muito mesmo se questionava suas infidelidades moralmente aceitas.

As escolas normais que preparavam as meninas para serem professoras tinham regras rígidas. No início as mulheres trabalhavam somente nas escolas mistas ou femininas e os homens em escolas masculinas. Depois as professoras puderam ensinar nos primeiros anos a educação também dos meninos. Os cargos superiores nas escolas como de direção também ficavam a cargo dos homens. Os salários delas eram mais baixos. A idade mínima exigida delas para ensinar era de 25 anos. Somente em 1879 que as mulheres conseguiram o direito de entrar nas universidades. Porém com a licença dos pais para as mulheres solteiras e dos maridos para as casadas. Com isso o número de mulheres no ensino superior era muito pouco.

As mudanças históricas ocorridas no Brasil não estão desassociadas do que acontecia no mundo, em especial na Europa e nos Estados Unidos. A ida da mulher para o mercado de trabalho não se deu por benevolência masculina, muito menos por sua consciência do direito à liberdade da mulher, mas por necessidade. O mundo viveu duas grandes Revoluções, a Francesa (1789- 1799) que influenciaria diretamente no pensamento Ocidental dos séculos seguintes e a Revolução Industrial (1760 – 1780) que consolida o pensamento e modelo de vida capitalista. Após essas Revoluções vieram então a Primeira Guerra Mundial (1914 -1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945).

O período das duas guerras mundiais contribuiu para desestabilizar os papéis sociais de gênero, uma vez que possibilitou integrar a mulher à sociedade pela necessidade de substituir a mão de obra masculina na indústria. Entretanto, era mais uma necessidade econômica gerada pela guerra, do que uma afirmação de igualdade entre os sexos. Assim, com o fim da guerra, restaurou-se uma perspectiva profundamente conservadora em relação aos gêneros, atribuindo-se novamente à mulher ao espaço doméstico. (MESQUITA, 2014, p. 654).

Vemos que a inserção da mulher no mercado de trabalho (fora do lar) se dá tardiamente na sociedade ocidental. Somente quando os homens, por força das guerras, deixam seus postos de trabalho e suas famílias, é que essas mulheres, tendo que assumir os negócios da família, começam a sair de casa para trabalhar. Até então, à mulher cabia às tarefas do lar. Com o final da guerra, nem todas essas mulheres voltaram para suas casas. Muitas por terem perdido seus maridos na guerra, outras porque o marido voltou mutilado. Além do próprio questionamento da sociedade sobre a competência e contribuição das mulheres, o mercado também vê no trabalho feminino algo pelo qual se podia pagar menos e que em determinadas funções realizavam o trabalho melhor e com mais maestria que os homens. Assim, com o término da Segunda Guerra Mundial, houve todo um questionamento de diferentes ordens sobre o tipo de sociedade deveria ser criada, qual seria o papel da mulher nessa nova conjuntura pós-guerra, etc.. E esses eventos contribuem para a emancipação das mulheres. Mas não sem muita luta e elas não correriam dela.

Como dito, o capitalismo se consolida e com ele as situações abusivas as quais os trabalhadores homens e mulheres eram submetidos. Mesmo os homens também sendo vítimas desse sistema as mulheres eram ainda mais, recebiam salários menores por vezes trabalhando mais. A mulher era explorada mais vergonhosamente ainda do que os trabalhadores do outro sexo (BEAUVOIR, 2016, p.166). A partir das teorias socialistas do século XIX a condição da mulher passa a ser entendida como parte das relações de

exploração das sociedades de classes. As mulheres vivenciam as lutas operárias se aproximam dos estudos marxistas, “[...] as mulheres trabalhadoras romperam o silêncio e projetaram suas reivindicações na esfera pública.” (ALVES, 1981, p.40). No período de 1968 a 1977, com o feminismo nos Estados Unidos a mulher busca romper com o paradigma de ser “dominado”.

No Brasil o feminismo enquanto movimento político surge no começo do século XX associado à luta por direitos políticos. Antes disso, várias mulheres tiveram papel importante na política nacional, mulheres como Felipa Aranha e Teresa Quariterê, Maria Quitéria, Luiza Mahin e Maria Tomásia Lima. Em 1910 um grupo de mulheres funda o Partido Republicano Feminino, as chamadas sufragistas lutavam pelo direito ao voto e pela sua cidadania. Motivadas pelo que já acontecia em outros países, movimentos como as feministas no Brasil fizeram protestos em prol da emancipação da mulher, reconhecendo a exploração e a desvalorização da mulher no trabalho. As operárias têxteis Teresa Carini e Tereza Fabri se destacaram na elaboração do manifesto das costureiras em São Paulo, em 1917, em que reivindicavam a redução da carga horária de trabalho para oito horas por dia. (SCHUMACHER 2015). Em 1918 Bertha Luz que estudara em Paris na França e tendo contato com movimentos femininos, lidera a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher. Foi a partir desse movimento que o voto feminino foi estabelecido pela primeira vez em um Estado brasileiro.

Eufóricas e motivadas com o pioneirismo do estado potiguar na conquista da cidadania plena das mulheres, repetiram a ousadia de lançar panfletos em defesa do sufrágio feminino a bordo de um aeroplano. [...] além dessas manifestações públicas, elas continuavam a utilizar a escrita como forma de resistência. Inclusive, redigiram um abaixo-assinado que colheu cerca de 2 mil assinaturas de mulheres em todo o país e o apresentaram a Comissão de Constituição e Justiça do Senado. (SCHUMACHER E CEVA, 2015, p.61)

Em 24 de fevereiro de 1932 Getúlio Vargas assina o esperado direito ao voto. Também foi, nesse período, que estabeleceram o salário-mínimo e as oito horas da jornada de trabalho regulamentando e o direito de licença à maternidade. Em 1937 com o golpe do Estado Novo e o fechamento do Regime o Movimento Feminista passa por um processo de desarticulação. Enquanto isso nos Estados Unidos e na Europa muita coisa acontecia, movimento pelos direitos civis, contracultura e os hippies, greves e passeatas estudantis, artes modernas e novas tendências na música e no cinema. Tudo isso formou um grande

quadro de transformação cultural. Porém no Brasil a realidade era outra, vivíamos um golpe em 64 que ilegalizava o movimento feminista. Nesse contexto da sociedade brasileira que emerge o Curso de Pedagogia na Cidade do Crato interior cearense sobre o qual falaremos agora.

2.3 “Nada a fazer senão esquecer o medo”: A pedagogia em busca de um por quê.

Como vimos, o início do século XX é marcado por diferentes mudanças sociais em todo mundo. No Brasil, na década de 30 houve intensas mudanças políticas econômicas e sociais decorrente da crise internacional da economia. O mercado de trabalho tinha novas exigências, entre elas uma maior escolarização da mão de obra. O que consequentemente levaria a necessidade de mais escolas. Tanto o governo como um grupo de intelectuais educadores, que se expressou por meio do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, tomaram iniciativas favoráveis ao aumento da escolarização.

Com o êxodo rural na década de 30 há uma grande concentração de pessoas, ou seja, mão de obra nos grandes centros urbanos, porém esse número era superior ao de indústrias e gerou o crescimento desorganizado das cidades em especial da região sudeste do país. Um grupo de intelectuais defendiam que o processo de industrialização necessitava de políticas educacionais que modernizassem a educação. Defendiam uma nova pedagogia que fosse eficiente. Com as diferentes reivindicações foram criadas a Universidade de São Paulo e do Distrito Federal que implantaram as licenciaturas e o curso de pedagogia, expandindo para o país pelo Decreto-Lei nº 1.190 de 4 de abril de 1939. De acordo com o decreto o curso de pedagogia fora criado com o objetivo de “preenchimento dos cargos técnicos de educação do Ministério da Educação” (Art. 51, c). A Faculdade Nacional de Filosofia ministrava os seguintes cursos de licenciatura: filosofia, matemática, física, química, história natural, geografia e história, ciências sociais, letras clássicas, letras neolatinas, letras anglo-germânicas e o curso de pedagogia. Não por acaso o Curso de Pedagogia da URCA localizado no campus Pimenta na cidade de Crato-CE foi fundado em 06 de dezembro de 1959 pela então Faculdade de Filosofia do Crato, instituição ligada à Diocese de Crato.

A Universidade Regional do Cariri- URCA está localizada na Região Metropolitana do Cariri. Com sede da reitoria na cidade de Crato possui campus em Crato

e Juazeiro do Norte e três unidades descentralizadas em Campos Sales, Iguatu e Missão Velha. A URCA atende estudantes dos Estados do Ceará (principalmente Região do Cariri e Centro Sul), Pernambuco, Piauí e Paraíba. A região é fortemente marcada pelo turismo religioso e com uma grande comunidade acadêmica, tem como principal cidade Juazeiro do Norte cidade marcada pelas romarias em torno da figura do padre Cícero e por um forte polo industrial, Universidades, etc., que contribuem diretamente para o desenvolvimento socioeconômico desse lugar.

Somente em 04 de setembro de 1970 pelo decreto Presidencial nº 67140 o Curso de Pedagogia da URCA é reconhecido. O Curso convive logo na sua primeira década com a inauguração de Brasília como a nova capital do Brasil e com a Ditadura Militar de 1964. Período desastroso para educação, os brasileiros perdiam o pouco poder que tinham de participação. A repressão, torturas e mortes além de desaparecimentos e suicídios tornavam arriscadas todas as formas de oposição ao regime. Foram reestruturadas as representações estudantis, em 1967 foram postas fora de lei organizações como União Nacional dos Estudantes (UNE) e os grêmios tornaram-se centros cívicos. Surgiria ainda o ensino obrigatório de Educação Moral e Cívica. Em dezembro de 1968 o famoso AI-5 (Ato Institucional nº5) retirava todas as garantias individuais, públicas e privadas e concedia ao então presidente da República poderes para atuar como executivo e legislativo. Em fevereiro do ano seguinte um Decreto de lei nº 477 proibiria professores, funcionários das escolas e alunos de toda e qualquer manifestação de caráter político.

Nesse período ditatorial a tendência tecnicista foi introduzida, prejudicando, sobretudo as escolas públicas. Entre os objetivos dessa corrente estava adequar a educação às exigências da sociedade industrial e tecnológica. O Brasil precisava tratar a educação como capital humano que uma vez investindo nele possibilitaria o crescimento econômico. É nesse contexto histórico nacional que o Curso de Pedagogia da então Faculdade de Filosofia do Crato emerge. O próprio objetivo do Curso faz referência a essa ideia tecnicista, diz: “formar trabalhadores para o magistério, orientação e administração de escolas e sistemas escolares e preparar trabalhadores para o exercício das altas atividades culturais de ordem desinteressada ou técnica” (Art. 2º do Regimento Interno da URCA, in: Anais Tomo 1: 1959 – 1960). Tal objetivo estava em consonância com o Parecer do Conselho Federal de Educação - CFE 251/1962, o Curso de Pedagogia passa a formar o “técnico em educação” e o “professor das disciplinas pedagógicas” para lecionar no Curso Normal. Era a dicotomia do bacharelado x licenciatura.

Com o enfraquecimento após muita resistência e lutas que marcaram a história do nosso país, o Regime Militar começava a perder fôlego e o longo processo de democratização começava germinar. Na década de 80 a sociedade civil, as organizações estudantis começavam a recuperar espaço. E o fim do exílio para aqueles que foram deportados voltava a dar sinais de esperança. A lei nº 7.044/82 dispensava as escolas da obrigatoriedade da profissionalização, retornando o foco para formação geral. O ensino da disciplina de filosofia tornou-se optativa. Nada veio de forma gratuita, houve lutas e resistências de diversos movimentos e associações. Em 1985 o país teve seu primeiro governo civil pós-ditadura. A revelia dos movimentos populares surge a campanha “Diretas já”, o presidente eleito Tancredo Neves morre e o seu vice que vinha de um partido fiel à ditadura, o PDS, José Sarney veta a emenda que propunha restabelecer as eleições diretas. Os partidos extintos voltam à legalidade, surgem outros como o PT (Partido dos Trabalhadores), também ressurgem os organismos de representação estudantil (UNE, UEE, etc.). A censura em grande escala é abolida e os debates políticos retornam às praças e salas de aulas.

Nesse novo cenário a luta dos educadores brasileiros pela redefinição da identidade do Curso de Pedagogia, fragilizada desde suas origens, se intensifica. Diz o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia – 2017 (PPC):

É, sobretudo, nesse contexto que o modo dialético de ler a realidade tomou forma e apareceu com vigor nas produções e encontros educacionais da época. É, principalmente, na visão de unidade entre a teoria e a prática que essa ideia pode ser vislumbrada, posto que a docência constitui a base da identidade profissional de todo educador. (P. 5-6)

Após a ditadura era necessário e urgente a valorização do magistério e a recuperação da escola pública. Com o insucesso do ensino profissionalizante os debates seguiam para a reestruturação dos cursos de formação de professores de grau superior, pedagogia e licenciatura. A escola pública virou centro de debates em plena formulação da Constituinte de 1987/88. Essa nova Constituição deveria entre outras coisas garantir a gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; ensino fundamental obrigatório e gratuito; valorização dos profissionais de ensino com planos de carreira para o magistério público; autonomia universitária; etc. A partir da lei Magna foi estabelecida a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Lei No. 9394/96.

Com a aprovação da Constituição de 1988, fazia-se necessário elaborar a lei complementar

para tratar das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Em 20 de dezembro de 1996, é promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB que estabelece:

A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida nesta formação a base comum nacional. (Art. 64).

Ainda em 1995 a professora Meirecele Calíope Leitinho propõe a reconceptualização do Curso de Pedagogia. Em 1998 o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) aprova o Projeto de Atualização do Currículo do Curso, a centralidade era “a formação do educador, podendo, a partir do interesse do estudante, habilitar o gestor escolar, o supervisor e o orientador educacional.” (URCA, 1998). No ano seguinte o Colegiado do Departamento apresenta reformulações no documento anterior, definindo como perfil o profissional “habilitado para atuar na educação formal e não formal, sendo exercício do magistério” a base obrigatória de sua formação e identidade profissional.

Neste sentido, o licenciado em pedagogia da URCA é um profissional capacitado para interferir no processo educacional através da realização de atividades de ensino (docência na educação infantil, ensino fundamental e nas disciplinas de formação pedagógica do nível médio) pesquisa e extensão. Assim, como na organização de sistemas, unidades, projetos e experiências formais e não formais; produção e difusão do conhecimento científico e tecnológico da educação numa perspectiva crítico dialético. (Projeto Político Pedagógico. 2007P. 6-7).

Como vimos o século XX foi marcado por profundas transformações no campo social, cultural, político e econômico. Dando enfoque na ciência e na tecnologia, que viriam a modificar de forma radical nossos hábitos e costumes. O século XXI traria mais mudanças que afetariam todos os setores da vida social. Os desafios educacionais abarcariam esses novos tempos e um curso de formação de professores não ficaria isento dessas exigências. Para isso contaria com Associação Nacional para a Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), que tem sua gênese na década de 1970.

A ANFOPE travou diversas lutas na busca da valorização do magistério. Foi ela a responsável pela 1ª Conferência Brasileira de Educação criando em 02 de abril de 1980 do Comitê Nacional Pró Formação do Educador, em seguida reformulado como Comissão Nacional de Reformulação dos Cursos de Formação do Educador. O surgimento da

ANFOPE está vinculado à nossa democracia e às conquistas educacionais. É a partir dos princípios defendidos pelo movimento de educadores que se constrói a Base Comum Nacional. A ANFOPE participa da discussão e elaboração do Plano Nacional de Educação e de forma ativa nas Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia. Nos anos 2000 fez um largo movimento com a finalidade de coletivamente construir um projeto de formação dos profissionais de educação e intervir nas políticas educacionais.

Em 2003, com a posse do presidente Luís Inácio Lula da Silva pelo Partido dos Trabalhadores (PT) surgem novas formas de diálogo com o MEC. As diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia são aprovadas em 2006, após sete anos de debates com o Ministério da Educação e com o Conselho Nacional da Educação (CNE), sendo integrados princípios e concepções defendidos pela ANFOPE. Nos anos seguintes em comunhão com entidades educacionais foram aprofundados estudos sobre a formação e profissionalização do magistério, sempre articuladas às lutas gerais dos educadores em grandes eventos como a CONEB (2008), a I Conferência Nacional de Educação (CONAE/2010) e a II CONAE (2014). Entre algumas das recomendações da ANFOPE, esta:

A formação para a vida humana, forma de manifestação da educação unilateral dos homens; a docência como base da formação profissional; o trabalho pedagógico como foco formativo; a sólida formação teórica em todas as atividades curriculares; a ampla formação cultural; a criação de experiências curriculares que permitam contato dos alunos com a realidade da escola básica, desde o início do curso; a incorporação da pesquisa como princípio de formação; a possibilidade de vivência pelos alunos, de forma de gestão democrática; o desenvolvimento do compromisso social e político da docência; a reflexão sobre a formação do professor e sobre suas condições de trabalho; a avaliação permanente dos cursos de Formação dos Profissionais da educação como parte integrante das atividades curriculares e entendida como responsabilidade coletiva a ser conduzida à luz do Projeto Político-Pedagógico de cada curso em questão; o conhecimento das responsabilidades do trabalho docente nos vários contextos e áreas do campo educacional. (ANFOPE, 2000, p. 37)

A partir dessas recomendações, o Departamento de Educação - URCA faz uma rediscussão do Projeto Político Pedagógico. Entre 2002 e 2005 o colegiado acompanhou o debate nacional sobre as Diretrizes curriculares que deveriam orientar o Curso de Pedagogia. Eram acompanhados os diferentes posicionamentos das instituições oficiais, educadores e cientistas e assim era pensando uma proposta de curso que atendesse às demandas contemporâneas. Houve embates que envolveram diferentes áreas da sociedade civil e do Estado. O Conselho Nacional da Educação (CNE) publica as Diretrizes

Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Em 15 de maio de 2006 a Resolução CNE/CP nº1 que institui essas diretrizes é publicada. A Resolução CNE/CP 1/2006. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1. A presente Resolução institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura, definindo princípios, condições de ensino e de aprendizagem, procedimentos a serem observados em seu planejamento e avaliação, pelos órgãos dos sistemas de ensino e pelas instituições de educação superior do país, nos termos explicitados nos Pareceres CNE/CP nos 5/2005 e 3/2006.

Em 2006, com esse novo instrumental em mãos, o Curso de Pedagogia dá mais um importante passo. Discussões relevantes continuaram sendo construídas através de diversos encontros e debates que objetivavam esclarecimentos necessários para uma reorganização do Curso. Surgiu a proposta de se pensar sobre as demandas educacionais da região do Cariri. Assim surge uma ideia dialógica de ouvir não somente o Colegiado do Curso, mas a comunidade institucional e local sobre as expectativas em relação ao Curso de Pedagogia da URCA surgia assim o “Pedagogia Escuta!”. As questões norteadoras seriam: Qual a importância da Pedagogia no e para o desenvolvimento do Cariri? Qual o perfil do profissional que devemos formar? Que ações são necessárias no diálogo entre o Curso de Pedagogia e a comunidade?

Participaram diversos representantes de instituições, representantes dos segmentos sociais, Secretaria de Educação dos municípios e Coordenadorias Regionais de Desenvolvimento da Educação – CREDE’s, movimentos sociais, além de Instituições escolares, professores, alunos e ex-alunos do Curso. O evento aconteceu em dois momentos, sendo o primeiro no dia 02 de agosto de 2006 e o segundo nos dias 04 e 05 de outubro do mesmo ano.

A partir desse evento, percebeu-se a necessidade de promover uma escuta de um número maior de estudantes em formação. Assim, de sala em sala, os professores se dedicaram a ouvir os alunos acerca das mesmas perguntas elaboradas no Pedagogia Escuta I. Vale destacar que os participantes do Pedagogia Escuta I e II enfatizaram princípios norteadores importantes para a formação em Pedagogia no Cariri. Em suma, refletiram que essa graduação deveria se voltar para uma formação crítica, política e consciente dos formandos, tendo em vista uma transformação social. Para isso elucidaram a importância da garantia de uma sólida formação teórico-metodológica, sendo proposta a formação de profissionais com domínio dos conteúdos teórico-práticos. Todo esse trabalho foi sistematizado pelo professor Antônio Ferreira Lima, à época Chefe do Departamento de Educação, e pela Professora Francisca Clara de Paula Oliveira, à época coordenadora do Curso de Pedagogia. (Projeto Político Pedagógico. 2017P. 9).

O Projeto Político Pedagógico 2007 foi implantado. Com princípios e eixos norteadores e objetivos definidos. O perfil do licenciado em pedagogia era bem desenhado, bem como a organização do curso. É esse PPP ao qual minha graduação está regida, já que o novo Projeto Político Pedagógico só estaria pronto no ano de 2017. Em 2010 Foram retomadas as discussões dos seminários “Pedagogia Escuta 1” e “Pedagogia Escuta 2”, inicialmente, por meio do I Colóquio de Formação Docente, realizado dias 26 e 27 de outubro do mesmo ano, com o tema, “Os caminhos e (des)caminhos da formação docente”, após esse fato, houve a elaboração de uma versão do Projeto Político Pedagógico que tomava como base o PPP de 2007, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia (2006) e a análise de propostas pedagógicas de cursos de Pedagogia de outras universidades brasileiras.

Segundo Ata da reunião do dia 17 de novembro de 2010, que ocorreu às 10h30min da manhã, tendo dois pontos de pauta: aprovação do PPP de agosto de 2007 e aprovação do PPP de novembro de 2010. O PPP de 2010 foi aprovado em reunião departamental e encaminhado à Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PROGRAD. Como o PPP 2007 era recente por questões de legalidade o PPP 2010 não foi implantado, mais tarde serviria de base para o PPC 2017. O Projeto Político Pedagógico (PPP) seria agora denominado Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia (PPC). A partir da realização da XV Semana de Pedagogia da URCA, que aconteceu no período de 04 a 08 de maio de 2015 e teve como tema “Identidade e Currículo do Curso de Pedagogia”. As discussões que se deram nessa semana apontaram para a necessidade de uma reformulação curricular que dialogasse com a realidade da educação brasileira na interlocução com as demandas contemporâneas partindo desse diálogo inicial, o presente Projeto Político Pedagógico (PPP), doravante denominado Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia (PPC). O atual Projeto Pedagógico do Curso tem como finalidade principal atender aos anseios da comunidade local, sem perder de vista as reflexões forjadas em âmbito nacional, tendo como base, como já citado, os principais dispositivos regulamentadores da organização e funcionamento dos cursos de formação de Pedagogos no Brasil.

O pedagogo é habilitado para Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental; Gestão Educacional. Na Pedagogia – URCA ingressam cerca de 160 graduandos por ano. Com dois vestibulares anuais com turmas pela manhã e noite. O pedagogo atua nas escolas públicas e privadas, em secretarias de educação, universidades,

movimentos sociais, ONGs, SESC, SESI, SENAC, empresas, etc. O leque de atuação do pedagogo é bem abrangente. Vimos até aqui o processo de busca de identidade do Curso de Pedagogia- URCA. São muitos os porquês da Pedagogia e não é nossa intenção encerrá-los, mesmo que assim quiséssemos não conseguiríamos. Pois, estão inseridos numa realidade ampla, nessa teia chamada sociedade, que é dinâmica e múltipla. À luz do que foi apresentado até aqui, compreendemos ser relevante avaliarmos as motivações que levaram essas 7 mulheres, escolhidas para esse trabalho, a ingressarem na pedagogia URCA.

2.4 “Longe se vai, sonhando demais”: Elas e a Pedagogia.

Vivemos e somos frutos de uma sociedade machista e patriarcal que coloca principalmente os homens, héteros, brancos numa posição de privilégio e que subjuga por vezes o papel da mulher na sociedade. Algo que como vimos anteriormente não é novo. Muitas regras, inclusive leis foram construídas sobre a perspectiva masculina e algumas delas perduram ainda hoje, mesmo as mulheres sendo maioria no Brasil. O Brasil tem 6,0 milhões de mulheres a mais do que homens. A população brasileira é composta por cerca de 104,5 milhões de mulheres e 98,5 milhões de homens, o que, respectivamente, corresponde a 51,5% e 48,5% da população residente no país¹. Em meio a tantos desafios, as mulheres são maioria no ensino superior, conforme a pesquisa “Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil”, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O Censo do INEP/MEC de 2021 mostrou que entraram 3,9 milhões de alunos, sendo destes 2.317.277 de mulheres, representando 58,7% dos ingressantes. O Censo de 2022 afirma que 61% dos concluintes de um curso superior são mulheres e 39% de homens.

As motivações que levam a mulher a buscar o estudo, o ensino superior, são das mais diversas, aqui veremos algumas dessas motivações que fizeram nossas narradoras escolher o ensino superior especificamente a Pedagogia. Começamos por Ana Alice que se formou no ano de 2018. Segundo ela nos conta, desde a infância teve o desejo de cursar uma faculdade. Aluna de escola pública, no ano de 2009 conclui o ensino médio e em seguida faz seu primeiro vestibular para o curso de História também na URCA, não conseguindo aprovação. Começa a trabalhar e o sonho do ensino superior fica um pouco adormecido, mas não por muito tempo. Pesquisa outros cursos e em suas pesquisas, ler

¹ Censo demográfico 2022: População por idade e sexo- Resultado do Universo- IBGE.

sobre a Pedagogia e suas áreas de atuação, surgindo ali uma nova possibilidade. Depois de ler a respeito do que é ser pedagogo, realiza então a inscrição para o vestibular, agora sendo aprovada para a turma de 2013.1, iniciando um novo ciclo de vida. Costuma dizer que não escolheu a pedagogia e sim a pedagogia que a escolheu.

Cícera Cosmo colou grau no ano de 2012, o curso de Pedagogia também não é sua primeira opção. Ela sempre foi apaixonada pelo mundo das letras e queria ser professora de Língua Portuguesa. Após concluir o ensino médio em escola pública, no ano 2007 veio o primeiro vestibular em letras não tendo êxito, certa vez, ouviu que existia um curso chamado pedagogia, e que era fácil o ingresso. Movida por transitar pelo caminho mais acessível, em 2008 veio, o segundo vestibular, dessa vez para pedagogia sendo aprovada. Ressaltamos que essa facilidade era muito mais pelas condições de vida da nossa narradora em 2003 e aos 16 anos cursando o 2º ano, nos termos utilizados por ela “agora forçadamente mulher” descobriu que estava grávida. Agora a vida da nossa personagem, não mais era uma. Seus sonhos necessitavam de um novo direcionamento.

Antônia Eugênia concluiu a graduação em Pedagogia no ano de 2019. Em 1998, decidiu casar e também prestar vestibular, porém não sendo aprovada. No ano 2000, ingressa em outro Ensino Médio profissionalizante, o antigo Curso Pedagógico, num colégio próximo ao campus da URCA no Crato. Colégio Estadual Wilson Gonçalves. Mesmo com uma gravidez complicada e conturbada, continuou estudando. Seu pai tinha comércio e a ajudou a cuidar do filho, matricular-se num cursinho pré-vestibular. Mais um vestibular prestado e dessa vez com êxito. Inscrita em três vestibulares no ano de 2009, conseguiu aprovação em dois, no Curso de Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará - UFC, atualmente Universidade Federal do Cariri - UFCA, e para o curso de Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri - URCA. Começa a cursar as duas ao mesmo tempo. Vendo a impossibilidade, opta pela UFC. Concluído o curso de Biblioteconomia, decidi fazer uma Pós-graduação, tornando-se aluna de um futuro professor do curso de Pedagogia na URCA. Finalizada a especialização e após uma pausa de dois anos da academia, faz um novo vestibular obtendo aprovação para a Pedagogia.

A Joice Maria realiza seu sonho de ser graduada em 2009. Era fevereiro de 2005, e ao passar de ônibus vê a faixa que falava de cursinho pré-vestibular ofertado de forma gratuita. Mesmo tendo concluído o ensino médio em escola pública no ano de 1998 nossa narradora decide fazer o cursinho. Durante o cursinho eram apresentadas as licenciaturas e suas funcionalidades, também apresentaram as exatas, mas sua identificação era para

pedagogia. Devido às boas notas que tirava nos simulados foi aconselhada a cursar Direito porém, ela dizia afirmativamente: “farei pedagogia – onde poderei dar aulas e ensinar, que é o que eu quero.” Fez o vestibular, dias depois saiu o resultado na rádio. Algo comum naquele tempo. Foi avisada por conhecidos, porém resolveu conferir na ilha digital, um programa do governo do estado que proporcionava acesso à internet (era um “cyber” social) se pagava R\$ 0,25 centavos para ter acesso a uma hora de navegação. Pediu para moça fazer o acesso, não tinha habilidade e nem prática naquela época, ela assim o fez, puxou as informações e imprimiu, seu nome estava na lista do Curso de Graduação em Pedagogia, período da manhã.

Nossa caçula Luana Ricarto formou-se em 2018, egressa da escola pública Luana foi a terceira de sua família a ir pra universidade, somente um irmão não foi. Suas duas irmãs também se formaram em pedagogia pela mesma universidade. Ao concluir a educação básica prestou vestibular para o curso de Direito na URCA, porém não obteve resultado favorável. Quando ouviu de sua irmã “você deve fazer pedagogia assim como eu, direito é uma faculdade de gente rica”. Isso não nunca saiu da memória dela, segundo a mesma até então não era de seu conhecimento que havia essa divisão (curso de rico e de pobre). Em junho de 2013 presta vestibular para pedagogia sendo aprovada. Conta que passou o primeiro semestre apenas tentando se adaptar, fazendo amizades e conhecendo a estrutura de uma comunidade acadêmica, em contrapartida ficava naquele espaço o tempo todo alimentando seus sonhos de não ser professora, mas sim uma advogada. Entretanto, logo no segundo semestre surpreendeu-se ao sentir que estava apaixonada pelo curso e que era ali o seu lugar. As discussões teóricas faziam seus olhos brilharem, e a partir daí conseguiu enxergar o leque de oportunidades que teria ao concluir pedagogia.

Sandra de Sousa cola grau no ano de 2002, conta-nos que seus pais deram o primeiro passo para a docência e rumo ao curso de Pedagogia. Eles foram os seus primeiros professores. Ensinaram-lhe a ler e contar em casa, usando uma cartilha do ABC e uma tabuada, comprados na feira livre da cidade de Brejo Santo. Embarcou nos trilhos da escola, pela primeira vez, junto com a maioria das crianças dali, numa sala multisseriada. Indo tempos depois para a cidade, nesse percurso vivia dividida entre a vontade de estudar, a possibilidade de um futuro melhor e a saudade de casa. Como não tinha transporte escolar, morava nas casas de pessoas amigas ou familiares, ajudava nas atividades domésticas para poder frequentar a escola. Isso a fez valorizar cada aula assistida e sonhar com mais vontade com um futuro profissional. Era certa que um dia teria salário digno e

um emprego certo. Foi ser monitora de uma creche. Essa monitoria a encaminhou para no segundo grau, optar pelo Curso. Atribui a ida para a Pedagogia-Urca ao concurso que foi aprovada como professora efetiva do município de Brejo Santo, porque foi o que a proporcionou ter condições financeiras de custear o ônibus e xerocar o material para o curso. A aprovação no concurso público estava atrelada a cursar uma faculdade. Assim escolheu o curso de Pedagogia, já que exercia a função de professora e começou a estudar logo que assumiu como efetiva no município. Então precisa seguir com a formação. Organizou a rotina entre estudar, fazer planejamento diário e dar aulas na escola por seis meses, até o vestibular e foi aprovada para o curso de Pedagogia.

Veridiane Rosa colou grau no ano de 2005. Ela nos relata que não teve a oportunidade de frequentar a escola até os 7 anos de idade, acabou perdendo toda a educação infantil e parte da fundamental, em termos formais. Apesar disso, por ter nove irmãos mais velhos que já iam para a escola diariamente e traziam consigo seus cadernos, cartilhas e o seu conhecimento em educação básica, foi alfabetizada em casa. Começou a frequentar a escola em uma comunidade vizinha, um prédio pequeno de apenas uma sala, que abrigava estudantes de diferentes idades e séries. Teve que estudar à noite, pois precisava trabalhar ajudando seus pais e irmãos mais velhos na roça, e à tarde, conseguiu o trabalho de professora de reforço por um projeto mantido por patrocinadores do exterior. Terminado o Ensino Médio sem saber qual seria o próximo passo. Conta que sua visão de mundo já tinha sido ampliada diversas vezes desde que deixou a escolinha perto do Compra Fiado, mas a ideia de um ensino superior ainda era muito alheia à minha realidade tangível. Lembra-se de um dia em que eu estava ajudando o pai a plantar manivas de bananeira, ainda em plena infância, e ele contou histórias sobre voos de avião e uma tal de URCA, que ficava no Crato, e poderia abrir várias portas na vida de quem por ali passava. Pouco depois que terminei o 3º ano. Depois convencida por algumas primas a prestar o vestibular para essa universidade, por mais que não entendesse muito bem o que era a prova e o que significaria ser aprovada. Ouvia pessoas falando sobre redação, modelos de questões, e tentava apurar com um ouvido atento o máximo de informações referentes à prova. Prestou o vestibular da URCA e seguiu a vida normalmente. Meses depois, uma de suas colegas de trabalho checkou a relação de aprovados no vestibular, que, na época, era disponibilizada em um jornal, veio a surpresa de sua aprovação

O sonho dessas sete mulheres de ingressar no ensino superior apesar de terem motivações distintas têm algo em comum, primeiro o fato de serem mulheres e já vimos

que se hoje a mulher tem livre acesso ao ensino, essa conquista só foi alcançada após uma árdua luta travada durante muito tempo por elas. Em segundo lugar, a esperança que elas depositaram no Ensino Superior. Longe elas foram ingressando na Pedagogia, abrindo o peito numa procura, mas, aonde se chega assim? Saberemos ao conhecer como se deu essa travessia.

3 “TRAVESSIA: MUITO TENHO A FALAR!” A GRADUAÇÃO.

Ingressar no ensino superior apesar de ser sonho de muitos, não significa que tudo são flores. Fazer um vestibular, ser aprovado, alegrar-se com a família e amigos, em alguns casos os rituais nos corpos como raspar o cabelo (no caso dos homens) e cortar parte da sobrancelha (no caso das meninas), funcionam quase que como o rito de passagem. Ritual esse que ao adentrar a universidade é confirmado por vezes com o trote de boas vindas, aula de abertura, apresentações, etc. Na primeira semana já as quebras de paradigmas como pedir permissão para entrar e sair. Ausência de fardamento obrigatório. Mapas de sala. Entre outras regras tão comuns na vida escolar e que agora deixam de existir no ensino superior. Além de tudo isso há a questão relevante de que na graduação não se convive somente com as pessoas da mesma localidade.

Como já dito, o ensino superior público, gratuito e acessível a todos e todas estiveram por muito tempo distante da realidade do povo brasileiro. Em especial dos marginalizados, negros, povos originários, mulheres, etc, e mesmo quando as mulheres começaram ter direito aos estudos tratava-se de privilégio das mulheres brancas. Em outras palavras, para gerações anteriores a graduação era uma utopia. Ou por vezes nem isso, uma vez que não se pode sonhar com aquilo nem se sabe que existe. Atualmente as universidades públicas estão presentes em diversas localidades do nosso país (incluindo o ensino a distância), nas mais diferentes realidades culturais, sociais e econômicas. Bem como as universidades privadas que a partir de políticas públicas tornaram-se acessíveis também aos excluídos. E mesmo as universidades públicas recebendo alunos oriundos das escolas privadas, com a política de cotas há a garantia de acesso dos mais pobres.

Relatado anteriormente, a Pedagogia da URCA fica na sede da universidade no Campus Pimenta na cidade do Crato- CE. Uma cidade com 131.050 habitantes (Censo

IBGE 2022). Localizada no sopé da Chapada do Araripe, o município faz fronteira com o Estado de Pernambuco, é apelidada de oásis, devido seu número de nascentes (que já foi bem maior) ao pé da serra. A exemplo de muitas cidades brasileiras, o Crato tem forte influência da igreja católica, uma vez que seus fundadores foram frades Capuchinhos. O próprio padre Cícero Romão Batista, fundador da cidade de Juazeiro do Norte-CE, é filho dessa terra. É uma cidade rica em cultura popular a exemplo da Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto; belezas naturais principalmente por abranger parte da Chapada do Araripe e toda diversidade que nela existe; religiosidade e história como, por exemplo, o Caldeirão de Santa Cruz do Deserto; além de eventos modernos e feiras agropecuárias como a Expocrato cujo parque fica ao lado da URCA. Há ainda prédios históricos como o Seminário São José, a igreja da Sé, museu, Instituto Cultural do Cariri, Centro Cultural do Cariri, entre outros. É sobre essa cidade que Luiz Gonzaga cantou “O cratinho é de açúcar, o Cratinho é doce, Cratinho é terra boa, todo mundo quer ir pra lá!”. Esse foi o destino de cinco das nossas egressas, e o ninho de duas delas. Que vieram para a Pedagogia na busca por um sonho, que lhes foi permitido concretizar. Soltam a voz nas estradas, já não querem parar, seus caminhos são de pedra, como puderam caminhar?

3.1 “Quem traz no corpo a marca, mistura a dor e a alegria”. Entre flores e espinhos.

Após toda alegria de entrar no ensino superior, vem questões práticas a serem resolvidas como matrícula, transporte, manutenção entre outras coisas. A universidade é gratuita, seus custos não. Começamos pela questão do transporte, das nossas narradoras apenas Eugênia residia no Crato e por morar em Bairro vizinho fazia o percurso até a universidade a pé. Luana por exemplo, mesmo morando no município do Crato, por sua localidade ser zona rural a mesma precisava do transporte público.

Sabemos que nem tudo é só flores em nossa vida, a cada dia que passava ficava ainda mais complicado me manter na universidade, o dinheiro de meus pais não dava para garantir o deslocamento, pois a distância de minha casa para chegar até a URCA era de 17 km. Por isso, nós estudantes do distrito de Ponta da Serra lutávamos para garantir o ônibus escolar gratuito, mas a prefeitura sempre se negava a ceder o transporte para alunos do ensino superior (Narradora Luana, 2023)

Cícera também vinha da zona rural da cidade de Farias Brito. Uma cidade que fica vizinha ao Crato porém distante quase 50 km.

Foram diversos os desafios enfrentados durante o curso de pedagogia (...) a distância percorrida todos os dias de casa até a Universidade. 11 km do distrito de Quincuncá até a sede do município, e 45 Km de Farias Brito até a cidade do Crato. 112 Km percorridos durante 09 semestre de aula. O transporte se dava em D20 e topique. (Narradora Cícera, 2023)

Joice morava em Barbalha, cidade vizinha que fica em média 25 km da URCA, segundo ela a prefeitura cedia o ônibus para as estudantes. Sandra e Veridiane vinham de Brejo Santo, cidade a mais de 80 km de distância do Crato. Elas pagavam 50% do valor do ônibus, o restante era pago pela prefeitura municipal. Analice também fazia mais de 160 km por dia para cursar a Pedagogia. A questão do transporte, segundo ela durante o período da graduação foi alternando houve período que a prefeitura pagava integral e os estudantes o combustível, outro período que pagavam metade do valor da topic. Chegando a pagar até 290 reais mensais.

Lendo o relato delas e fazendo o paralelo com o tempo que cursei a pedagogia na turma de 2016.1, não há como não perceber que tais situações são realidades comuns nessa graduação independente da época. Da turma que fomos regular somente 6 alunos eram do Crato. Outros vinham de cidades com 20, 30, 60, 80, 90 km de distância. Inclusive de outro Estado como Pernambuco. Esses colegas saiam de casa às 15h30min, 16h, 17h... passando uma, duas, três, até quatro horas no ônibus ou topiques para chegar na URCA. Alguns retornavam para suas casas mais de uma da madrugada. Isso quando os veículos não quebram no caminho. Veículos pagos pelos estudantes, em alguns casos as prefeituras de suas cidades pagavam metade do valor ou uma porcentagem. Os valores que os estudantes pagam, em caso de cidades mais distantes, chegavam a 300 reais. Pela Constituição Federal, compete ao município a manutenção da educação infantil e do ensino fundamental, conforme inciso “VI” do art. 30, verbis: “Art. 30. Compete aos Municípios: [...] VI - manter, com a cooperação técnica e financeira da União e do Estado, programas de educação infantil e de ensino fundamental.” Como os estudantes são de nível superior, as prefeituras se valem dessa norma para não fornecer os transportes. Presenciamos alunas na pedagogia à noite chorando por não terem o dinheiro para pagar o transporte. Geralmente no mês de agosto uma vez que tinham contratos nas prefeituras e não recebiam mês de férias.

Levando em conta o horário que essas pessoas saiam de suas casas e retornavam, vemos a importância do Restaurante Universitário, inaugurado em 2010. No qual são servidos almoços e jantares a um custo de 0,80 centavos. Porém 3 de nossas narradoras que formaram-se antes dessa data não tinham acesso ao restaurante, pois não existia à época, o que aumentava seus custos e de tantos estudantes que por ali passaram, alguns que chegaram a se formar e outros que desistiram por não terem como se manter e um, dos fatores era a alimentação. Realidade essa da pedagogia e outras graduações. Além dos gastos com transportes há as despesas com apostilas, xerox, material, utensílios, roupas, entre outras questões. Sobre esses desafios abrimos aspas para elas:

“Mesmo garantindo o ônibus ainda era pesado sustentar a situação, por isso tive que trabalhar na casa de minha irmã mais velha a fim conseguir dinheiro para as xérox solicitadas em cada disciplina. Visto isso, nesse período eu estudava pela manhã, trabalhava a tarde e realizava os afazeres domésticos em minha casa no intervalo entre um e outro. Todavia o importante naquele momento era não desistir de me formar e conseguir um emprego dentro da área de estudo a qual fui inserida.” (Narradora Luana, 2023)

“Cada dia vivido durante os cinco longos anos foram únicos, muitas dificuldades vivenciadas, entre elas, ter que conciliar o trabalho e os estudos, pois diferente da maioria dos meus colegas que já trabalhavam em escolas, eu trabalhava como atendente de Farmácia, o que na maioria das vezes tornava muito complicado conciliar horários e para compreender melhor a prática do que era estudado em sala de aula. Por esse motivo, fazia-se necessário estudar ou realizar os trabalhos e atividades durante a madrugada, uma vez que não dava tempo no decorrer do dia, pois sempre saía do trabalho no horário de ir para faculdade.” (Narradora Ana Alice, 2023)

“Para fazer esse percurso, o dia começava muito cedo às 04 horas da madrugada era preciso acordar e comer algo, (algo que nem sempre era possível o preparo, muitas vezes por falta) para aguentar a rotina de estudo. As macaúbas e jambos da URCA, por muitas vezes foram o alimento no momento do intervalo. Visto que, o pouco dinheiro que tinha era destinado a xerox.” (Narradora Cicera, 2023)

“Atribuo a ida para a Urca ao concurso que fui aprovada como professora efetiva do município de Brejo Santo, porque foi o que me proporcionou ter condições financeiras de custear o ônibus e xerocar o material para o curso. Na minha linha do tempo na Pedagogia o ponto de partida, o portal mágico é a entrada do prédio que fica em frente a padaria Pão e Companhia. Essa padaria só frequentava no dia do pagamento. Achava que merecia me dar ao luxo de comer um sanduíche natural bem comprido e caro que lá vendia, pelo menos uma vez por mês.” (Narradora Sandra, 2023)

“Cursamos quatro anos de muitas cadeiras, a cada semestre mais conhecimento, mais amadurecimento, passamos por duas greves, participamos de atos públicos em busca de melhorias para a universidade, fomos às ruas! Fizemos nossa parte como cidadãos, ao mesmo tempo que lutava na minha cidade pelo transporte público, pois o prefeito não queria fornecer para estudantes de universidade, tivemos que fazer protestos, falas e solicitar audiências com a secretaria de educação e vereadores para que pudessem nos ajudar a garantir o direito, e assim conquistamos “na luta” e garantimos assim nosso futuro.” (Narradora Joice,

2023)

“Tive uma das experiências mais transformadoras da minha vida, mas o que foi, tenho quase certeza, o seu período mais conturbado e desafiador. Trabalhando de manhã e de tarde no supermercado, eu precisava permanecer no trabalho durante o horário de almoço para ser liberada uma hora mais cedo, pegar o ônibus e ir para a URCA, sendo que muitas vezes saía sem janta e sem sequer uma garrafa de água. Essa e outras intempéries puseram em teste minha resiliência, como a sede e da fome que eu passava até voltar para casa à meia noite, e como quando eu quebrei o pé descendo do ônibus na chegada da faculdade.” (Narradora Veridiane, 2023)

“Quantas vezes durante as aulas eu saía para ir ao banheiro chorar, porque me doía ver meu pai naquela situação, e como não podia me emocionar na frente dele nem da minha mãe, procurava me manter forte ou fingir para que não percebessem. Então, minha válvula de escape era a Universidade, era o banheiro.” (Narradora Eugênia, 2023)

Todas essas mulheres tiveram, em algum momento ou durante toda graduação, que se dividir entre o trabalho e o estudo. Diferente delas, quantas pessoas tiveram que desistir do sonho da graduação por terem que prover seu sustento e de suas famílias? Segundo Jacob (2000), as principais causas da evasão estão elacionadas às condições financeiras dos estudantes, à dificuldade de conciliar o horário de trabalho com o de estudo, à ausência de vantagem imediata com a titulação, aos problemas familiares e ao curso desinteressante. Assim, quando o sustento conflita com os estudos, são esses os abandonados, ou adiados. Muitos dos alunos da Pedagogia da URCA são trabalhadores, principalmente no turno da noite. Participei de uma pesquisa realizada na disciplina de Fundamentos Econômicos da Educação, ministrada pelo professor Thiago Chagas Oliveira na Universidade Regional do Cariri/URCA em 2019 sobre o Perfil Socioeconômico dos graduandos da Pedagogia, os dados apontaram que entre os estudantes do I ao IV Semestre 56% trabalhavam e entre V ao IX Semestre cerca de 82% dos alunos são proletariados. Enquanto no turno da manhã apenas 30% são trabalhadores.

O Curso de Pedagogia- URCA é formado majoritariamente por público feminino, segundo dados do Departamento de Tecnologia da Informação da URCA (DTI)² de dezembro de 2023, há no curso matriculadas 598 mulheres e 64 homens. O que leva a uma média de 90,03% de público feminino contra 9,7% masculino. Esse dado representa um aumento em relação a pesquisa citada acima de 2019 na qual 87% do total de discentes era feminino. Tal dado é significativo, pois não é uma realidade da URCA mas das graduações em pedagogia. Embora significativa a entrada da mulher no ensino superior, esta se deve

² Cedido gentilmente pelo Departamento de Ensino de Graduação (DEG) na pessoa de Iranide Brito.

ao fato de o magistério ser considerado uma função majoritariamente feminina, pois, a atividade docente limitava-se ao cuidar como vimos anteriormente, e o cuidar sempre foi considerado uma tarefa feminina, daí a feminização da docência em suas fases iniciais. Monteiro e Altmann (2013) pontuam os obstáculos para o aumento da participação masculina na docência com crianças, são eles:

a) os “mitos e ideias arraigados sobre masculinidade”, b) a questão de essa área profissional ser ocupada preferencialmente por mulheres, c) os baixos salários, d) as condições inadequadas de emprego, e) o baixo status da profissão, f) preocupações relacionadas à possibilidade de abuso contra a criança, em uma associação da masculinidade à violência. (MONTEIRO; ALTMANN, 2013, p. 4).

Na turma que fui regular, referente ao semestre 2016.1, haviam apenas 4 pessoas do sexo masculino. Somente eu já tinha uma graduação e era casado, me tornei pai durante a segunda graduação, quando cursava o VII semestre. Os números apontam para um desinteresse contundente por parte do público masculino pela Pedagogia, algo relacionado às construções sociais e aos estereótipos que o cuidar está relacionado ao feminino, pela questão da maternidade e afetividade. De certa forma, poderia explicar o não interesse dos homens neste curso de graduação o trabalho com crianças, principalmente de educação infantil. Lembro que quando tive que cursar a Disciplina obrigatória de Estágio em Educação Infantil, eu ficava tenso, angustiado, mesmo já sendo professor de adolescentes. Assustei-me com todo aquele ambiente, a dependência das crianças para coisas mais simples como fechar mochila, colocar água, etc. Quando foi no final da disciplina e o professor me perguntou o que aquela disciplina tinha me ensinado? Respondi, arrancando risadas dos colegas, que nunca devo ser professor de educação infantil. Um colega meu de turma que fez o estágio comigo na mesma sala dizia a mesma coisa. Sobre isso Straiotto (2017) discorre:

A implantação da Educação Infantil afastou a entrada dos homens no curso Pedagogia e conseqüentemente houve uma diminuição de egressos do sexo masculino no curso. Até porque uma porcentagem pequena da habilitação nova se estabeleceu na área de atuação do pedagogo, ocorrendo uma diminuição da procura dos homens pelo o curso de Pedagogia nessa nova habilitação. (STRAIOTTO, 2017, p. 118).

Como já exposto, há uma feminização da docência, algo que não vem de hoje. Desde a criação das primeiras Escolas Normais, no final do século XIX, as mulheres

começaram a ser recrutadas para o magistério das primeiras letras. A própria escolarização de nível médio da mulher se deu pela expansão dos cursos de formação para o magistério, permeados pela representação do ofício docente como prorrogação das atividades maternas e pela naturalização da escolha feminina pela educação (Gatti, 2010, p. 1362-1363). Percebemos através das narrativas que mesmo em alguns casos em que a Pedagogia não foi a primeira opção de graduação, há um encantamento, um deixar-se conquistar pelo curso por parte das docentes. Que particularmente no meu caso não aconteceu. É comum nas apresentações nos semestres frases como: não escolhi a pedagogia, a pedagogia me escolheu. Uma forma de dizer que não era o que elas queriam, não foi sua primeira opção de curso, mas que com o tempo foram conquistadas pela pedagogia. Aqui chegamos a outro desafio encontrado na graduação, o desafio de cursar uma graduação que não era a desejada por primeiro.

Cursar pedagogia sem dúvidas foi uma escolha incrível, onde na verdade costumo dizer que não fui eu quem escolheu pedagogia, mas a pedagogia quem me escolheu, pois a cada aula me encantava e me apaixonava pelo curso e suas diversas possibilidades de atuação. (Narradora Ana Alice, 2023)

Das sete narradoras, somente duas (Sandra e Veridiane) tiveram como primeira opção a Pedagogia, ambas já tinham experiência como professora. Essa realidade de escolha do curso como segunda opção não é algo incomum. No meu tempo mais da metade dos estudantes (53%)³ afirmavam não terem tido a pedagogia como primeira opção. Como disse uma de nossas narradoras: “Movida por transitar pelo caminho mais acessível, em 2008 veio o segundo vestibular. Dessa vez para pedagogia.” Segundo STEPHANI e TINOCO (2014) como os jovens das classes A e B preferem as profissões melhor remuneradas e prestigiadas, os poucos alunos que ainda “escolhem” a carreira de professores são, portanto, das classes C e D; na sua maioria, do sexo feminino” (p.5).

As principais razões para essa opção são constrangedoras, pois, [...] os fatores que levam tais alunos a escolherem o curso de licenciatura são os seguintes: 1º.) a garantia de emprego após o término do curso, pois o baixo número de formaturas implica menor concorrência no mercado de trabalho; 2º.) a facilidade de ingresso, uma vez que a baixa procura implica um maior número de vagas e uma menos acirrada concorrência; 3º.) o custo financeiro significativamente menor que os de outros cursos, visto que cursar licenciatura costuma ser menos

³Pesquisa realizada na disciplina de Fundamentos Econômicos da Educação, a qual participei, ministrada pelo professor Thiago Chagas Oliveira na Universidade Regional do Cariri-URCA em 2018/2019 sobre o Perfil Socioeconômico dos graduandos da Pedagogia, entre os estudantes do I ao IX Semestre.

oneroso tanto nas universidades públicas quanto nas instituições privadas, onde os cursos de licenciatura são os mais baratos. Por último: as licenciaturas são escolhidas em razão do fato de não serem consideradas cursos tão exigentes como os das outras profissões (STEPHANI; TINOCO, p.5).

A origem social e a situação econômica das famílias dos estudantes são fatores determinantes na trajetória da educação superior, as políticas públicas de acesso e permanência assumem papel central na inclusão dos grupos historicamente excluídos, em uma trajetória de democratização da universidade brasileira (RISTOFF, 2013. p. 20). Adentrando nessa questão socioeconômica dos graduandos, vemos, por exemplo, que as sete narradoras são egressas da escola pública. Algo quase que unânime na pedagogia. Quando realizamos a pesquisa na disciplina de Fundamentos Econômicos em 2019, mais de 96% dos graduandos da pedagogia vieram de escola pública. Cerca de 75% denominam-se de cor negra ou parda. Ressaltamos que, em relação aos pais desses graduandos, os números são expressivos no que se refere à escolaridade. Segundo a mesma fonte dos dados anteriores, apenas 9% dos pais têm Ensino Médio completo e 2% Nível Superior. Já as mães, 25% têm Ensino Médio e 9% Ensino Superior. Percebemos uma diferença considerável de um gênero pro outro, em ambos os casos os números são maior que o dobro. O número de pais que não tem nenhuma escolaridade é de 22% masculino e 13% feminino. Essas informações cruzam diretamente com os relatos das narradoras personagens desse trabalho, vejamos.

Mulher negra, camponesa, professora/pedagoga e militante dos movimentos sociais. Filha do casal Maria Socorro Ricarto da Costa e Geraldo Vilar da Costa, sendo os dois agricultores, que também vendiam cajá no mercado. Por esta razão durante muitos anos minha rotina era baseada em estudar, colher cajá, vender o fruto, ir para roça, além de realizar serviços domésticos, tal como minha mãe solicitava. Era uma realidade muito difícil, mas isso não significa que em algum momento eu senti vergonha de narrar minha história, pelo contrário, considero ser uma fase que devo lembrar como algo que me impulsionou a buscar um futuro melhor, para vencer as dificuldades financeiras que emergiam naquela época. (Narradora Luana, 2023)

A criança nascera do ventre de uma mulher pobre, negra e semianalfabeta que na época “gozava”, da mocidade ingênua de seus 17 anos. A criança, foi fruto de uma relação extraconjugal que o seu genitor tivera fora do casamento. Com muitas dificuldades, a menina foi crescendo aos cuidados e afeto da avô. Esta, não lhe deu a vida na placenta, mas cuidou, zelou e alimentou no ventre DA ALMA. Cuidados e amor, que sem dúvida transcenderão vidas e vidas ecoando pela eternidade. A menina cresceu e aos 07 anos mudou-se junto com a família para uma localidade vizinha, o distrito de Quincuncá tendo com uns dos motivos da mudança, os estudos. Quase nada mudou, a vida continuou sofrida e agora já com 07 anos ela se dividiria entre a ida a escola, e a ajuda no roçado do seu pai. Outra curiosidade, a danada sempre estudou pela manhã durante todo o Ensino

Fundamental. Fato que lhe dava a incumbência de levar o almoço para roça(não tinha como escapar), E LÁ FICAR!! (Narradora Cicera, 2023)

Minha infância não foi tão fácil, apesar de relatar nas linhas iniciais a alegria de ir à escola, dos valores familiares presentes, já que toda família tem suas dificuldades, e com a minha não foi diferente. No entanto, conseguimos superar os conflitos e as limitações quanto às necessidades básicas. Nada nos fez perder nossa fé e a esperança de dias melhores. Lembro-me que levava para a escola pão com suco artificial sabor uva. Uma delícia para aquela época. (Narradora Eugênia, 2023)

Fui pensar como iria já que a faculdade era em outra cidade, meu filho era pequeno, fui para casa pensando nas soluções para que eu pudesse ir estudar, estava sem emprego, sem trabalho, vivíamos das economias que trouxemos, o que não era farto, pois tínhamos que dividir para 9 pessoas quando não pra 12, era assim... família nordestina.Sou filha da dona Fátima, fui criada pela avó Nilza. (Narradora Joice, 2023)

Filha de Antônia Cordeiro de Lima Teodosio (Piquena) e José Devaldo Teodosio, os quais são meus maiores tesouros. Ambos são agricultores e sem escolaridade porém mesmo com todas as dificuldades enfrentados no dia a dia, nunca mediram esforços para acompanhar e manter todo processo estudantil meu e de minha irmã mais nova, Silvia Kellen a minha companheira de todas as horas. (Narradora Ana Alice, 2023)

Crescendo em uma casa com 12 pessoas, cujo sustento provinha majoritariamente do trabalho da roça. Reconheço que meu pai, com uma consciência política e um ativismo social inabaláveis, natos, é essencial para o momento que estou vivendo hoje. Ele, líder da associação de agricultores das circunvizinhanças, e ativo sindicalista pelos direitos da pessoa do campo, sempre me ensinou a lutar pelas minhas causas com afinco, sem deixar respeito principalmente por mim mesma de lado. Graças ao seu engajamento político-social, papai trouxe para o Compra Fiado incontáveis eventos, incontáveis que eu, “de enxerida”, jamais perdia; e levou pautas da luta da luta do nosso povo para Brasília durante a Assembléia Constituinte de 1988. (Narradora Veridiane, 2023)

Mulher, camponesa, filha de agricultores, ledora, leitora, professora, pedagoga, esposa, mãe, ouvinte, escritora e narradora de histórias do meu cotidiano, da Vila Compra Fiado e da lida. Meus avós também eram agricultores. As mulheres se dividiam entre as tarefas domésticas e a lida na roça com os maridos, repetindo o mesmo ciclo para seus descendentes. Uma vida de resistência e persistência compartilhada com a terra e a família, onde estudar era um apêndice. Minha mãe é costureira e do lar. É uma mulher extremamente criativa e corajosa. Sempre ajudou meu pai na roça, sabe ler e escrever e ainda hoje gosta de estudar. É mãe de três filhos e três filhas. Três deles são deficientes físicos e intelectuais, o que acrescentou ainda mais atividades à sua rotina materna. Multiplica o tempo e a paciência com sua resiliência cotidiana. Já o meu pai apresenta um fenômeno que nunca vi em outra pessoa. Sabe ler, mas não sabe escrever. Faz cálculo mental como ninguém, tem uma excelente capacidade comunicativa e só frequentou a escola por três dias. O que mais me intrigava nos diálogos que tínhamos na roça, eu, minha mãe, meu pai, minha irmã e meu irmão, era a certeza de que uma vida melhor passava pela educação. (Narradora Sandra, 2023)

Essas narrativas trazem à tona diversas realidades presentes nas histórias de vidas dessas pedagogas e que se entrelaçam com as histórias de tantas brasileiras e brasileiros os

quais os pais não tiveram como estudar e viviam do campo para manter suas famílias. Que foram criadas pelos avós, ou outro alguém que assumia esse papel dos pais. Casos de ser a primeira da família a “se formar”. Como aconteceu com Sandra, Joice, Veridiane, Cícera, Ana Alice e Eugênia. A Luana, até por ser caçula, viu a irmã mais velha ser a primeira graduada não só da família, mas da comunidade. Percebemos tanto através dos relatos como dos números relacionados a escolaridade dos pais das graduandas da pedagogia que esses mesmo sem terem estudo, esses pais (avós) reconhecem nele a importância e a possibilidade de uma vida melhor que os mesmos não tiveram acesso.

Essa realidade sobre a escolaridade, são dados tristes de uma realidade social do nosso país que durante muito tempo perdurou na educação pública. Paulo Freire atribui o analfabetismo a uma forma de injustiça social, na mesma linha de pensamento Vera Masagão Ribeiro (1994, p.142) afirma que é necessário combater essa injustiça social e para isso deve-se “combater as condições sociais que a geraram, ou seja, que produziram e continuam produzindo o analfabeto”. Freire (1989) ressalta “que o analfabetismo não é uma escolha e não se soluciona por decretos ou leis, porque vem sendo o resultado das múltiplas e infinitas transas dialéticas das pessoas, enquanto posicionadas nas classes sociais.” (p.15). Como explicar o almanaque de conhecimento que esses pais tiveram para orientar seus filhos para a educação, com tanta consciência de mundo? Com a ideia freiriana de que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra, e a leitura da palavra implica a continuidade da leitura do mundo. Freire (1983, p.35) apresenta o conceito de alfabetização “como ato de conhecimento e como ato político”. Alfabetizar seria então um esforço de leitura do mundo articulado com a leitura da palavra.

Destacamos que os filhos dessas pessoas, não só concluíram o ensino médio como ingressaram no ensino superior. Daí constatar, que estes pais veem na educação a oportunidade de os filhos terem uma vida melhor. Nos leva também a refletir sobre o quanto a falta de escolaridade dos pais pode ter sido um instrumento motivador para essas graduandas ir para docência. Durante a graduação eram comum falas das colegas em sala dizendo que na sua família foram os primeiros a entrar na faculdade e o quanto seus pais tinham orgulho disso, já que muitos deles não tiveram essa oportunidade.

Outra questão relevante na Pedagogia/URCA é o número de mulheres que são mães, ou engravidam durante a graduação. Na minha turma regular (2016.1), no período de 7 semestres, 5 alunas engravidaram. Das cinco somente uma já vivia com o companheiro, e com exceção de uma, quatro não conseguiram manter-se regular no semestre de origem.

Mais de 35% das alunas do curso no turno da noite já tinham pelo menos um filho⁴. Das nossas narradoras Cicera, Joice, Eugênia e Ana Alice já eram mães quando entraram na graduação. Sandra e Veridiane engravidaram durante a graduação. Luana não tinha nem teve filho. Acredito que apesar de ser um papel a mais para quem já é mãe, por outro lado torna-se um instrumental de motivação.

Em 17 de Maio de 2010 Deus me apresentou com mais lindo presente que alguém poderia ganhar: meu filho João Pedro, por quem luto todos os dias para ser uma pessoa melhor. Com ele, entendi o real significado para palavra amor, um amor puro e verdadeiro. João Pedro não foi gerado no meu ventre, mas sim no meu coração (Narradora Ana Alice, 2023)

No dia 10 de outubro de 2003, às 22 horas a nossa menina mulher, trouxe ao mundo uma linda criança, esta diferente de sua mãe nascera com amparo médico, e como auxílios que denotava uma vivência diferente. Com nome, que traz em seu significado: “delicada como uma flor”. A flor Iasmin, trouxe luz, esperança, amor e acima de tudo coragem. Coragem para não aceitar o destino que a vida claramente lhe reservava. Agora a vida da nossa personagem, não mais era uma. Seus sonhos necessitavam de um novo direcionamento. Não seria fácil, visto que agora de fato responsabilidades de “GENTE GRANDE” a assolava. Casa, filha, marido. E os estudos? Seriam esses abandonados? Não! (Narradora Cícera, 2023)

No ano 2000, ingressei em outro Ensino Médio profissionalizante, o antigo Curso Pedagógico, pelo Colégio Estadual Wilson Gonçalves, com mais três anos de aprendizado. Mesmo com uma gravidez complicada e conturbada, continuei estudando e só parei de ir para o colégio quando já estava bem perto de dar à luz. (Narradora Eugênia, 2023)

Tinha que reservar as madrugadas e os finais de semana para dar conta das obrigações do curso e do trabalho nas duas escolas. No meio do caminho casei e terminei o curso grávida. Realizei o estágio, a escrita da monografia e o relatório do estágio, cuidando do meu primeiro filho junto com meu esposo que também estava concluindo o curso de História. (Narradora Sandra, 2023)

É extremamente desafiador o processo de construção de uma educação emancipadora. Que esteja em sintonia com as mais diferentes realidades estudantis presentes na Universidade. Dialogar com essas realidades voltando-se para as necessidades passa pela compreensão das desigualdades existentes nas turmas. Somente com essa vivência é possível construir um ensino que favoreça os estudantes mesmo estando eles em classes sociais diferentes. Assim como alguns professores fazem, principalmente no turno da noite onde as demandas são maiores e os contextos mais difíceis devido o número de

⁴Pesquisa realizada na disciplina de Fundamentos Econômicos da Educação, a qual participei, ministrada pelo professor Thiago Chagas Oliveira na Universidade Regional do Cariri-URCA em 2018/2019 sobre o Perfil Socioeconômico dos graduandos da Pedagogia, entre os estudantes do I ao IX Semestre.

grávidas, trabalhadoras, mães, pais, etc. Lembro, por exemplo, de uma situação em que uma aluna tirou nota 3 numa prova e chorou muito, a aluna era das mais aplicadas do seu semestre (que não era o meu regular uma vez que adientei cadeira) o professor perguntou o que houve para aquele choro e a mesma disse que no dia da prova tinha vindo direto do hospital onde seu filho doente, estava internado. O professor refez a prova da aluna.

Não pensar de forma singular nos semestres, nas turmas, nos estudantes é um erro, pois não podemos comparar um aluno que precisa trabalhar para manter-se e manter sua família, que encontra dificuldades para ser liberado do trabalho para ir para um estágio, ou que está em situação de enfermidade com um filho, entre outras situações delicadas, com o aluno que é mantido pelos pais e que tem a oportunidade de se dedicar exclusivamente aos estudos. Mas, ressalto que o conhecimento da realidade social dos estudantes não pode acarretar um sentimento para com ele, de incapacidade intelectual.

Concordamos com Bourdieu, que tratar os estudantes de maneira igual é uma forma de manter as desigualdades, pois as necessidades são diferentes já que as realidades que cada um traz também é diferente. A igualdade formal que pauta a prática pedagógica serve como máscara e justificação para a indiferença no que diz respeito às desigualdades reais diante do ensino e da cultura transmitida, ou, melhor dizendo, exigida (BOURDIEU, 1998. p. 53).

Como dito muitas dessas graduandas vem de outras cidades, trabalham, leem os textos das aulas dentro dos veículos, nos celulares ou usando a lanterna do celular para iluminar a apostila. Pedem apostilas emprestadas a alunas de semestres anteriores, fotos dos textos, etc. Além de gastar com transporte, gastam com apostilas das disciplinas, livros, material, xerox e os estágios. Aliás, no caso dos estágios, os gastos com transporte, material didático, atividades, lanches, etc. são bem elevados. É comum ver nas aulas de estágios os alunos queixando-se dos gastos. Lembro que só no estágio de Educação Infantil quando cursei a disciplina gastei por base 500,00 reais entre combustível, material didático, etc. Em parte esses gastos se deram porque a escola pública (exigência do estágio que seja realizado em escolas públicas) não dispunha de recursos dos mais variados.

Assim como minha graduação a da Cícera, Ana Alice, Eugênia e Luana estava sob o Projeto Político Pedagógico (PPP) 2007, nele a carga horária era de 3.205 horas/aula, que somam um total de 9 semestres, até então eram somente 8 semestres, no caso da Sandra, Veridiani e Joice o curso durou 4 anos (8 semestres). Segundo Sandra (2023) que concluiu em 2002: “Atualmente a ementa do curso é bem diferente de vinte anos atrás,

quando terminei. Os tempos também são outros, assim como quem o frequenta e o próprio curso”.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica (2015) os cursos de Pedagogia devem ter, no mínimo, 3.200 (três mil e duzentas) horas, sendo 400 horas de prática como componente curricular ao longo do processo formativo, 400 horas dedicadas ao estágio supervisionado na área de formação e atuação na educação básica e 210 horas de atividades complementares. No PPP de 2007 eram 300 horas de estágio supervisionado. Segundo o PPC (Projeto Pedagógico Curricular) 2017 foi em virtude disso que o curso de Pedagogia da URCA necessitou de uma ampliação de 9 (nove) para 10 (dez) semestres, totalizando 3300 horas/aula, incluindo-se 420 horas de estágio supervisionado e 210 horas de atividades complementares. Ou seja, há um significativo aumento de 120 horas. As atividades complementares sobem de 100 horas para 210 horas, um aumento de mais de 100%. Se compararmos, por exemplo, com o Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC) segundo PPC de 2014 às horas aulas são 3216 sendo 320 horas de estágio obrigatório, 100 horas a menos do que o nosso. Já as atividades complementares são 176 horas, ou seja, temos 34 horas a mais de atividades. Perguntei a um professor efetivo do curso de pedagogia da URCA sobre essa diferença, ele disse que “o curso de Pedagogia da URCA é bem melhor que o da UFC!”. Retruquei dizendo: Será que seus colegas professores formados na UFC concordam? Ele sorriu e disse certamente não.

Percebemos que na graduação as disciplinas de Estágios vivem alguns desafios. Há constantes queixas das alunas sobre a má vontade de algumas escolas em recebê-las nos estágios. Os motivos são dos mais diversos, segundo algumas professoras que recebem estagiários o cumprimento do plano de curso fica sempre comprometido com a presença dos estagiários que segundo elas, às vezes “dão aula melhor do que nós” mas já outros só atrapalham. Outro motivo também está no fato de ter outra pessoa observando a prática dessas professoras que em alguns casos sentem-se intimidadas com a presença do estagiário, ressaltando que as primeiras horas dos estágios são dedicadas à observação. O número de estagiários durante o ano numa mesma escola e sala de aula é outro fator negativo. Neste caso uma solução seria os estudantes poderem escolher as escolas onde farão os estágios o que acarretaria num número maior de escolas e uma descentralização dos estagiários. Essa possibilidade esbarra segundo um professor do estágio, na impossibilidade de um professor sozinho dar de conta de acompanhar esses alunos em

diferentes escolas em diversos municípios, já que grande parte dos alunos do curso não mora na cidade do Crato ou mesmo no triângulo Crajubar (Crato, Juazeiro e Barbalha). Outros professores argumentam o fato da Universidade não custear transporte para o acompanhamento dos estágios. Recordo que dos 4 professores que tive nas Disciplinas de Estágio Supervisionado somente um era efetivo.

Uma das maiores críticas ao Estágio Supervisionado é que ele não é supervisionado. Os professores jogam vocês nas escolas e passam o estágio inteiro sem pisar lá. Por isso que não abro mão de ele acontecer em outras escolas, somente nas escolas em que eu já estive lá e conheço os gestores. Por que a partir do momento que mandamos vocês para as escolas, somos responsáveis pelo que acontece com vocês e pelo que vocês fazem lá na escola. Eu preciso ficar acompanhando vocês nos estágios, indo também as escolas e eu não tenho como ir a 20, 30 escolas. (Professor em 31/07/19)

Segundo o mesmo professor em conversa comigo “o estágio é o espelho do curso para quem está lá fora (da Universidade) até então o que fazemos aqui ninguém sabe, mas, lá fora nos estágios ao ver vocês, têm um retrato do curso”. Penso que em alguns casos o que acontece é que nem todos gostam de fotografias. É inegável a importância dos estágios por isso mesmo está dentro dos princípios norteadores do curso de Pedagogia (2017) que diz: é preciso que haja aquisição/construção de conhecimentos científicos e culturais, sobretudo aqueles relacionados às crianças da Educação Infantil e às dos anos iniciais do Ensino Fundamental assim como, os pertinentes à gestão democrática.

Então, chegamos a um dos períodos mais críticos e temido por mim: dar início aos estágios e todas suas exigências a serem cumpridas, entre elas horários, dias, locais, duplas, carga horária. Como citei desde o início, além de residir em outra cidade, nesse momento era preciso conciliar trabalho, família, aulas e estágios práticos, tornando o processo mais árduo e desafiador. (Narradora Ana Alice, 2023).

Considerando o número de alunas da pedagogia que trabalham e estudam, concluímos que para a maior parte do contingente de graduandas, dedicar-se exclusivamente aos estudos não é uma opção. Segundo a professora efetiva do curso de Pedagogia da URCA, Zuleide Queiroz (2016) a URCA é composta predominantemente por estudantes da classe trabalhadora, e essa classe é predominantemente negra ou parda. Para ela, é rara a presença de negros e negras em cursos de graduação ditos “nobres”, como Direito, Engenharias ou Medicina.

Sabe-se que, no Brasil, menos de 3% dos estudantes que concluíram Medicina são negros. Em 2015, a Fuvest (SP) identificou a falta de calouros negros em seis dos 10 cursos mais disputados. Eles ficaram com 1,5% das vagas. Em contraposição, esses estudantes estão nas graduações historicamente precárias, principalmente na área de Humanas e licenciaturas. (ZULEIDE QUEIROZ, Cariri Revista, Publicado em 28 abr. 2016.)

Longe de apenas números, trata-se de pessoas, mães, trabalhadoras, jovens e adultos, sonhadoras, esperançosas, sérias ou brejeiras, alguns sabem o que querem, não dá pra mapear cada uma, não dá pra mapear o todo, pode-se selecionar alguma coisa, desse todo que são as estudantes de pedagogia. De acordo com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE) as políticas de assistência estudantil existentes no URCA campus Pimenta são a Residência Universitária com capacidade para 108 estudantes, 18 apartamentos, 01 biblioteca, sala de estudo, sala de TV, copa-cozinha, área de serviço com lavanderia e 04 baterias de banheiros. Um Restaurante Universitário que fornece 1.500 refeições diárias (almoço e jantar), com cardápio disponível no site, sendo o valor da refeição para o estudante como já mencionado 0,80. Há também a concessão de bolsas estudantis que atualmente atinge boa parte dos estudantes da URCA. No edital 001/2022 a PROAE concede 245 bolsas de Estágio Extracurricular e no edital 002/2022 são ofertadas 35 bolsas de auxílio creche. Na chamada pública 01/2022 PIBIC-FUNCAP-URCA são concedidas 70 bolsas e na chamada pública nº 01/2022 PIBIC-URCA-FECOP são ofertadas 199 bolsas.

Participei de eventos, como também de programas estudantis, visando a bolsa para me manter, era tempo de muita necessidade financeira, estava desempregada e com filho pequeno, então me candidatava a toda bolsa que aparecia, isso me ajudou a manter a pagar despesas e ajudar na manutenção da alimentação do meu filho (Narradora Joice, 2023)

Hoje a Joice e tantas outras mães que passaram pela universidade poderiam dispor do Auxílio Creche, é um programa para alunas que necessitam de uma rede de apoio para dar continuidade aos seus estudos, visando justamente a ampliação das condições de permanência dessas mães no Ensino Superior apoiando assim sua formação acadêmica. As Bolsas na universidade também foram de muita valia para minha formação. Sem elas não teria tido condições de me manter na minha primeira graduação em Ciências Sociais tanto por ter que prover meu sustento, como pela questão do curso funcionar no turno da tarde, o que dificilmente conseguiria um emprego apenas de meio período. Participei do projeto de

pesquisa “Juventude em contexto de droga e violência” com apoio financeiro da FUNCAP pelo programa BPI. Terminado a pesquisa e tendo iniciado o 5º semestre, tive a oportunidade de participar do PIBID- Sociologia. A política de concessão de bolsas da Universidade Regional do Cariri é feita a partir do Programa de Bolsa Universitária (PBU) são elas: Bolsa de Assistência Estudantil, Bolsa de Monitoria, Bolsa de Iniciação Científica, Bolsa de Extensão, Bolsa de Estágio Extracurricular, Bolsa de Apoio Técnico e Bolsa de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico. Esse programa foi aprovado em 2012 e ampliou consideravelmente as modalidades e número de bolsas. Os valores das bolsas correspondentes são pagos pelas agências oficiais de fomento à pesquisa como CNPq, CAPES, FUNCAP E FECOP⁵, a maioria das bolsas tem carga horária de 20 horas semanais, permitindo que o aluno bolsista consiga ao mesmo tempo se dedicar ao seu curso, alimentar seu currículo e receber assistência financeira que o possibilita permanecer na universidade. Sendo a maior parte dos cursos da Universidade Regional do Cariri de licenciatura é inegável que o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) estabelece a relação teoria e prática, universidade e escola, preparando melhor os estudantes para a futura prática docente.

Ao final do segundo semestre consegui uma Bolsa de Apoio Técnico em Pesquisa-BAT, cujo objetivo era compreender as condicionalidades do programa Bolsa Família instituído pelo governo federal, com o foco especialmente nas mulheres beneficiadas pelo o mesmo. sempre acontecia seleção para novas bolsas na universidade, e então me submeti a participar de uma delas ofertadas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID, ao mesmo tempo em que também participei de uma seleção para monitoria de sala de aula, lembro que era para subsidiar a professora de avaliação educacional, outra disciplina que muito me chamava atenção. Passei nas duas seleções, mas fui chamada primeiro para a de monitoria, assumi por uma semana, e logo depois me chamaram para o PIBID do fundamental I. Aceitei, pois para mim seria uma experiência mais exitosa, já que estaria tendo contato direto com a sala de aula da educação básica, espaço em que iria atuar futuramente. Foi assim que abandonei o emprego de cuidadora e voltei a me dedicar às oportunidades no meio universitário. (Narradora Luana, 2023)

Considerando o que foi exposto até aqui sobre o perfil socioeconômico das estudantes do curso de Pedagogia- URCA, vemos a importância das políticas de assistência estudantil como um dispositivo da política pública, visto que ela cria mecanismos para

⁵ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento
Fundo Estadual de Combate à Pobreza

diminuir as disparidades sociais, possibilitando as graduandas e graduandos a sua permanência no ensino superior. Vemos assim que o financiamento da educação pública é um fator importante no que se refere às políticas públicas voltadas à educação, pois sem os recursos do fundo não há como mensurar como as classes mais excluídas teriam acesso ao Ensino Superior.

3.2 “Já não sonho, hoje faço com meu braço o meu viver:” Graduandas de aço e de flores.

Passado os estranhamentos, os primeiros desafios, o processo de adaptação, entramos nas memórias mais relacionadas à docência. Ao processo formativo, as vivências dentro da sala de aula. E a tudo que tange ao currículo. Essas memórias que essas sete narradoras trazem à tona não tem outro objetivo para elas, se não tornar pública suas experiências que consideram importante e digna de ser conservada a partir dos seus próprios crivos de valorização, independente do desejo ou boa vontade de nos ajudar na pesquisa. Quanto a mim enquanto pesquisador, somos guiados pelo nosso próprio interesse ao utilizar as narrativas, não pelos interesses das narradoras. Que ficam nesse caso em segundo plano. Assim, desde o início do trabalho a partir dos convites, explicações e interesses, o trabalho é comandado pelo pesquisador. Por mais voz que se possa dar às narradoras cabe ao pesquisar a posição de legitimador uma vez que cabe a ele o recorte do material segundo suas finalidades aproveitando da forma que melhor o convém. Isso tudo para dizer que uma vez transcrita a narrativa torna-se um texto como qualquer outro, diante do qual encontra-se um pesquisador e seu objeto do qual faz a análise, fragmentando o texto e seus elementos fundamentais, os recortes.

A história de vida, por sua vez, se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que ele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global que cabe ao pesquisador desvendar. Desta forma o interesse deste último está em captar algo que ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e que se insere nas coletividades a que o narrador pertence.
(QUEIROZ, 1991. p. 6).

Cientes da habilitação do pedagogo para atuar nas escolas públicas e privadas, em

secretarias municipais de Educação, nas Universidades, CREDES, movimentos sociais, coordenações de projetos e instituições, etc. Afirmamos que ele é em potencial um líder, gestor de pessoas. O que torna seu papel de ímpar importância, pois suas atribuições transcendem uma sala de aula. Nesse sentido a formação desse profissional requer dos docentes universitários preparo para uma prática reflexiva e autônoma, na qual esse professor assume papel transformador através da sua práxis. Paulo Freire afirma que todo educador é referência para seus educandos.

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1996, p.73).

Os limites da educação remetem a diferentes debates. Sobre o aprendizado, sobre a preparação dos docentes, sobre a assistência pública, sobre as oportunidades dos mais desfavorecidos, sobre recursos, sobre o sistema, etc. Portanto é preciso uma reflexão sobre o papel do professor acadêmico. Paulo Freire vem dizer "a importância do educador se educar." É necessário ter finalidades positivas, se as finalidades são boas a adaptação dos meios também deverão o ser, e é aqui que entra a ação docente. O homem virtuoso é aquele que aprendeu pela prática a desempenhar um papel social. A virtude está relacionada com o comprometimento com a comunidade. Havia uma preocupação em Paulo Freire na conscientização do ser, que o levaria ao engajamento na sociedade onde está inserido. Para Freire, por meio de um processo educativo seria possível romper com as injustiças, fomentando uma educação como prática libertadora. É de Freire a frase "Não sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser!" (1997 p.100). Em ambos os casos, a busca pela realização pessoal, do eu, está intimamente ligada ao bem comum. Em outras palavras, ao cultivo da ética que não pode ser desmembrada da liberdade. No meu acreditar não há prática docente sem ética ou sem liberdade.

Nossos docentes eram os melhores da universidade, mestre e doutores recém voltados de suas licenças e cheios de muito entusiasmo, foi o primeiro semestre que mais marcou nossas vidas, nosso "jardim de infância pedagógico". Lá aprendemos que poderíamos ir bem além do que era proposto, Tolovi – um filósofo extraordinário nos trazia falas que nos levava à reflexão do ser, Clara era a Pedagoga que mais me identifiquei, pronta, forte e pulsante. Lorival Luciano (in memória) foi fantástico com sua fala simples, tivemos o professor já uma idade avançada chamado Bezerrinha, ele era providencial! Passamos por

Zuleide, esplêndida, articulada e articuladora, ela era pronta. E com isso fomos nos moldando a reconstrução de novas ideias , novos conceitos, novo nós! (Narradora Joice, 2023)

Cabe destacar que foram nas aulas de Filosofia e Sociologia da educação que eu fiquei entusiasmada para dar continuidade, às professoras das disciplinas eram maravilhosas, nos faziam perceber o mundo de forma crítica e reflexiva. E quando cursamos a disciplina de História da educação me vi totalmente ganha para a sala de aula, estava então surgindo mais uma educadora ciente de que se faz o ensino e aprendizagem baseado em ações humanitárias. (Narradora Luana, 2023)

Essas realidades narradas levam-nos a refletir junto com Paulo Freire (2003) como a educação é um aparato de mudança. Freire crê na capacidade humana de superar situações de limite através da conscientização. Faz-se necessário que o professor acadêmico evite seguir apenas manuais de ensino. É preciso aprender com os novos tempos, permitindo aos discentes construir uma realidade melhor. Segundo Freire (2000.) “A luta já não se reduz ao retardar o que virá ou assegurar sua chegada; é preciso reinventar o mundo. A educação é indispensável nessa reinvenção” (p.40). Concordo que somente uma educação libertadora é capaz de contribuir no processo de libertação do ser oprimido, visto que essa opressão passa pela situação social desfavorável desse educando, situações essas explicitadas anteriormente. Essa educação que não é, nem pode ser neutra, ou ela aliena ou liberta. “Educação para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito” (Freire 2002, p.44). O homem-sujeito é aquele que realiza, que transforma, que pensa, que recria e isso é uma Educação Problematicadora, aquela que permite um constante construir, fazer, recriar, fundamentada na busca, na curiosidade, na dúvida. Gerando sempre valores que independem do tempo, promovem o bem-comum. Problematicando a nós e ao mundo, é possível saber para onde vamos.

Quando a Luana diz em relação às professoras das disciplinas de Sociologia e Filosofia da educação, que “faziam perceber o mundo de forma crítica e reflexiva.” Percebemos que o educador (a) apresenta-se como uma referência para a formação dos educandos e, é muito importante a maneira como se relaciona com eles. Como bem diz Paulo Freire (1991) ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática (p. 58). Ainda segundo ele, toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um, que ensinando, aprende, outro, que aprendendo ensina. Isso significa que deve haver a interação entre o ensino e a aprendizagem e que, a educação provém da relação entre professor e aluno.(FREIRE, 1996, p.77).

Voltando às lembranças que tenho em relação às disciplinas cursadas, recordo que algumas delas sempre me marcaram mais que outras, umas pelos sofrimentos que nós enquanto estudante compartilhávamos já que a pressão psicológica do docente sobre o alunado era enorme, e outras pela leveza de se discutir questões tão urgentes e necessárias voltadas para o âmbito educacional. Havia aulas que gerava uma grande confusão em nossa mente por trazer temas de forma engessada, enquanto outras despertava o senso crítico, reflexivo, criativo e emancipador. (Narradora Luana, 2023)

O método tradicional tão criticado na pedagogia é bem presente no fazer pedagógico de alguns professores. Lembro-me de um professor ainda no primeiro semestre que após pedir trabalhos escritos, nas aulas seguintes expunha ridicularizando os erros dos alunos. Fazia piada com tais erros, era um momento bem constrangedor, percebíamos nos rostos aquele semblante de vergonha enquanto o professor ridicularizava os erros em alto e bom tom para todos da turma ouvir.

Na disciplina seguinte o professor recém chegado na universidade parecia ter a necessidade de mostrar a que veio, exigindo ser respeitado através de brutas interações com os alunos. Todos nós assustados com sua postura tentávamos fazer o máximo para não sermos prejudicados. Só tivemos feedback de nosso trabalho ao final do semestre, e pasmem, eu estava reprovada, aquele pré-projeto aprovado com um dez, agora depois de alguns ajustes solicitados recebeu a nota dois. Com essa situação chorei desesperadamente, pois cada vez que olhava para meu trabalho me sentia inferiorizada, sem capacidade e humilhada, já que nunca havia reprovado em toda a minha vida de estudante. Fui então para a coordenação pedir revisão de nota, com isso, o professor enfurecido acabou me dando uma nota sete somente para não enfrentar um problema. (Narradora Luana, 2023).

No meu tempo de graduação tanto vivenciei situações semelhantes comigo e com colegas, em alguns casos de equívocos nas avaliações os professores voltaram atrás e corrigiram seus erros. Afinal, todos estamos sujeitos a eles. Mas também vi colegas que foram rever com professores questões corrigidas erroneamente e o professor não voltou atrás. Esses professores divergem do PPP do curso, que ressalta a função da avaliação.

A concepção de avaliação adotada pelo presente projeto consiste numa abordagem qualitativa e quantitativa, com prevalência do qualitativo, pois reconhecemos que a ação avaliativa deve incidir sobre o processo ensino e aprendizagem visando fornecer subsídios para docentes e discentes refletirem sobre a qualidade e desempenho tanto da aprendizagem como do trabalho pedagógico. Portanto, é oportuno considerar que a avaliação consolida-se como o ato de apreciar, dar um caráter valorativo sobre o desempenho do educando, é um processo que está a serviço do ensino e da aprendizagem, possibilitando a construção do conhecimento e um pensar crítico reflexivo transformador.

(Projeto Político Pedagógico. 2007P.19-20).

O Regimento Geral da URCA no artigo 68 parágrafo 5º também garante ao aluno esse direito de ter sua nota revista, diz – “Eventuais reclamações sobre os resultados poderão ser feitas pelos alunos, logo após o recebimento da verificação, devendo os docentes, quando as considerarem justas, retificar a nota atribuída”. Ou seja, o professor descumpre uma norma legal.

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (NÓVOA, 1992, p.13).

O papel do professor mudou, ele precisa estar atento às mudanças sociais, culturais, econômicas, tecnológicas e políticas. Os limites da educação remetem a diferentes debates, sobre o aprendizado, sobre a preparação dos docentes, sobre a igualdade de oportunidades e de gêneros, sobre os recursos que o país deveria investir em seu sistema educacional, etc. A fala do professor no I semestre do curso, “não aguento mais dá aula a aluno de ensino médio”, leva-nos a perceber como tem sido desafiador também para os docentes da graduação, lecionar para esse novo público universitário. Esse professor que acostumou-se dar aulas para adultos, ver em sua frente um adolescente, com suas urgências e exigências, suas verdades e suas metamorfoses.

Aprendi muito com este curso e, com a pandemia de Covid-19, vivi experiências jamais pensadas às quais me renderam momentos de superação e coragem para enfrentar aquela situação de crise e isolamento social. Posso dizer que vivi um acontecimento histórico e que, no curso de Pedagogia, todos se uniram num mesmo propósito: ajudar-se mutuamente, especialmente quando recebíamos a notícia de casos de Covid-19 entre nossos colegas. Vi também educadores e educandos, buscando soluções para minimizar as dificuldades quanto às aulas, principalmente, no que diz respeito aos estágios supervisionados, sendo mais um desafio a ser enfrentado por todos. Com muita determinação tudo foi se encaixando e as aulas, de forma remota, acontecendo com engajamento total. (Narradora Eugênia, 2023)

Sim, nesse tempo de pandemia os professores tiveram que se reinventar. Essa nova categoria passou a habitar a educação. O educador que já é quase que naturalmente um criativo, seria desafiado mais uma vez. Agora aprenderia a dar aulas online, gravar vídeos, criar comunidades virtuais, grupos em redes sociais. Abriria as portas de sua casa e faria de

um determinado cômodo uma verdadeira sala de aula-estúdio. O que exigiria não somente dele, mas de toda sua família (que também estava confinada) uma adaptação. Quantos professores gastaram horas preparando aulas, gravando vídeos, recebendo atividades etc. A minha colação de grau inclusive foi de forma remota, devido a pandemia. Para Nóvoa (1997, p. 27):

As situações conflitantes que os professores são obrigados a enfrentar (e resolver) apresentam características únicas, exigindo, portanto características únicas: O profissional competente possui capacidades de auto desenvolvimento reflexivo (...). A lógica da racionalidade técnica opõe-se sempre ao desenvolvimento de uma práxis reflexiva.

Quando a Sandra formada em 2002, ou seja, a mais de 20 anos diz “Os tempos também são outros, assim como quem o frequenta e o próprio curso” ela reconhece o que para Bauman (2001) representa o momento presente, caracterizado por ele como a era da liquefação do projeto moderno, a modernidade líquida. O grupo de parentesco, a comunidade tradicional fechada e isolada, os laços e obrigações sociais fundados na afetividade e na tradição, a religião, dentre outros, foram derretidos pela modernidade. Na obra “Cegueira Moral” (2014) Bauman em diálogo com o filósofo e cientista político Leonidas Donskis sobre a universidade na modernidade líquida, diz que quase não existe diferença entre universidades e empresas do ponto de vista dos governos inflamados pela “regra da neutralidade de valores”. No caso das universidades aplica-se o preceito do “deixe-os chegar ao seu próprio nível.” (p. 170). Segundo Bauman a educação era e continuará sendo a forma de socializar, o que ele chama de recém-chegados a sociedade. A educação qualifica os indivíduos para ingressar na sociedade. Sendo assim, diz ele, a educação, incluindo o nível superior, está enfrentando sua maior crise.

“Se assim for, porém, sua educação incluindo a superior, enfrenta agora a crise mais profunda e radical da história rica em crises, um tipo, de incerteza que afeta não somente esta ou aquela parte de suas formas costumeiras, herdadas ou adquiridas, de agir e reagir, mas sua própria razão de ser. Hoje espera que preparemos os jovens para a vida, num mundo que torna nula e vazia sua própria ideia de ser “preparado” (Zygmunt Bauman, 2014, p.171).

Segundo o sociólogo Machado Pais (2003) quando a juventude assume valores e ideias próprias, ocasiona ao que ele chama de “juvenilização”, ação pela qual a juventude marca efeito na sociedade, causando uma influência que faz com que alguns dos seus

valores e ideias inovadoras sejam absorvidas pela sociedade como um todo. Para Pais (2003) a juventude tem que ser compreendida em duplo sentido: como movimento e processo.

Em 2022 nós brasileiros tinham a tarefa militante de derrotar o fascismo em nosso país, estávamos nas ruas construindo a luta para garantir que pudéssemos estarmos vivas... Foi um ano sofrido! Mas, ao final mesmo estando fisicamente e mentalmente destruída, os resultados ainda sim foram bastante animadores.. (Narradora Luana, 2023)

Comparando a nossa caçula Luana, hoje com 27 anos, às outras narradoras veremos que ela é a única que nessa idade ainda não casou ou teve filhos. Todas as outras seis nessa idade já eram mães, sendo cinco delas casadas. Ana Alice fez a opção da adoção. Especificamente as duas mais maduras (Sandra e Veridiane) vemos que ambas têm dois filhos e um casamento (civil e religioso) de mais de 20 anos, algo cada vez mais raro nos dias atuais. As mudanças que marcaram este século tido como a “Era Digital”, têm sido cada vez mais rápidas e constantes. Zygmunt Bauman analisa a sociedade contemporânea na pós-modernidade e a denomina como “Modernidade Líquida”. Para ele, na modernidade líquida os indivíduos não possuem mais padrões de referência, nem códigos sociais e culturais que lhes possibilitasse ao mesmo tempo, construir sua vida e se inserir dentro das condições de classe e cidadão.

Certa vez, conversando com um dos nossos professores da pedagogia ele me disse que o que faltava na minha turma (2016.1) era vivência, que tratava-se nas palavras dele de uma turma “crua”. Em outras palavras sem referência, imatura, sem objetivos. Esse professor que já passa dos 45 anos de idade, é de um tempo onde a figura do professor era vista como alguém detentor da razão, e em alguns casos os alunos ficavam em pé quando o professor ou diretor entrava em sala de aula, eu com meus 30 anos ainda vivi essas situações. Algumas coisas como o respeito a autoridade (nesse caso o professor) era regra comum não só as crianças como aos jovens e até mesmo os pais que transmitiam para os filhos o quanto a palavra da professora ou “tia” era definitiva. Hoje os alunos entram em sala e ao ouvirem o professor falar sobre determinado autor que estuda há 10 anos, ver o aluno ao ler meia página quando não veem um vídeo na net, afirmar que não concorda com o autor. Desse embate entre valores definitivos e valores efêmeros entre a juventude e os mais velhos, desenvolve-se o chamado “conflito de gerações”. Bourdieu (1983) dá uma explicação estruturante desse conflito:

Uma coisa muito simples e na qual não se pensa, é que as aspirações das sucessivas gerações, de pais e filhos, são constituídas em relação a estados diferentes da estrutura da distribuição de bens e oportunidades de acesso aos diferentes bens [...] Muitos conflitos de gerações são conflitos entre sistemas de aspirações constituídos em épocas diferentes. Aquilo que para a geração 1 foi uma conquista de toda vida, é dado imediatamente, desde o nascimento, à geração 2. (p.118).

Boa parte dos alunos da Pedagogia são da geração Z (nascidos do início dos anos 90 a 2010). Já nasceram no mundo onde havia a internet, no caso da geração Z a internet não só existia como já fez parte do cotidiano, seja através dos notebook, tablets, celulares e smartphones. Basta entrar em qualquer sala de aula da graduação que facilmente você flagrará alguns alunos com seus aparelhos em mãos, deslizando seus dedos sobre as telas iluminadas. Sejam para responder algo que não pode esperar, seja para desopilar da aula pouco atrativa, comparada àquela tela tão chamativa. Os atuais professores além de lidar com as conversas paralelas entre os alunos, agora tem que lidar com essas novas ferramentas virtuais principalmente após a Pandemia da COVID-19. Está cada vez mais comum professores utilizarem dessas ferramentas, sejam por envios de materiais, textos, vídeos, criar grupos, entre outros, ou em sala de aula quando pede para aqueles alunos que tem internet privada no seu celular fazer alguma consulta durante a aula, ou mesmo aulas e reuniões remotas.

Fez-se necessário nesse novo processo de ensino aprendizagem que o professor buscasse formas de incorporar as tecnologias da informação e comunicação em sua prática docente fazendo do mundo virtual um aliado. Até porque esse aluno num futuro breve precisará aprender lidar com essas ferramentas nas escolas, as quais já passam por esse processo de adaptação. Como já refletia Paulo Freire:

Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado. De testemunhar aos alunos, às vezes com ares de quem possui a verdade, um rotundo desacerto. Pensar certo, pelo contrário, demanda profundidade e não superficialidade na compreensão dos fatos. Supõe a disponibilidade à revisão dos achados, reconhece não apenas a possibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazê-lo. (FREIRE, 2011, p. 35.)

A ideia de pensar errado está associada à memorização ou pensar mecanicamente. O pensar certo em Freire (2003) consiste em procurar descobrir e entender o que se acha de mais escondido nas coisas e nos fatos que nós observamos e analisamos. Só é possível

favorecer na relação ensino-aprendizagem o pensar certo, na perspectiva freiriana, se o educador, pensar certo, o que por sua vez, pressupõe o respeito, não nos apegando a nossas certezas. Pois a arrogância e a pretensão de ser dono da verdade, também é uma maneira de pensar errado.

Se acreditarmos como nos diz Bauman (2014) que o advento da internet representou um divisor de águas na história humana, então somos obrigados a ver a geração Z como um marco na história da cultura. Essa geração não considera ter respostas relevantes dos pais, chefes, ou autoridades públicas, e sim do Wikipédia, amigos do facebook ou no twitter, ou outra ferramenta virtual a quem legitimam como confiáveis e dignos de atenção. Basta ver como a frase “eu vi na internet” esta no vocabulário dessa geração e já tem atingido parte da geração anterior, fazendo das verdades virtuais quase que um verdadeiro dogma. Para Cunha (2005) os saberes docentes do ensino superior, também foram afetados pelas transformações e progressos sociais. As exigências são outras, os saberes são afetados pela inserção das tecnologias, que acabam, segundo ele, competindo com o próprio processo de ensino aprendizagem. Devendo ser pensada como possibilidades para este processo atual. Soares e Cunha assim dizem:

[...] uma revolução dos meios de comunicação e informação que ao possibilitar o acesso aos conhecimentos de forma ágil e dinâmica, põe em xeque o papel de porta voz inquestionável do saber assumido historicamente pelo professor universitário por meio dos métodos tradicionais de ensino. (2010, p.579)

O professor acadêmico necessita de métodos inovadores que vão frente às complexidades sociais em que os estudantes estão inseridos. É preciso mediar seu conhecimento com as informações científicas e as realidades virtuais. Para Anastasiou (2013) cada geração traz consigo capacidades diferentes, sendo auxiliares e complementares, contudo, novas. É necessário ao docente compreender que o aluno de hoje está acostumado a fazer diversas coisas ao mesmo tempo, não concentrando sua atenção por muito tempo no ensino quando este não desperta seu interesse.

As constantes mudanças do atual século, marcado pela soberania científica e pelas urgências e exigências de uma sociedade cada vez mais acelerada, plural, intercultural, leva-nos a refletir sobre o papel do professor acadêmico. A exemplo da sociedade, nas universidades também estão as questões sociais como pobreza, desemprego, preconceitos, desigualdades, conflitos familiares, disputas, entre outras questões. Também por isso a

formação não pode ser instrumentalizada. É preciso um olhar mais direcionado para a relação professor/aluno, esses seres tão próximos e por vezes tão distantes ao mesmo tempo.

Com relação aos docentes, todos sem exceção contribuíram de forma significativa para a minha formação. Para não cometer o esquecimento de citar alguns. Registro a minha relação com o Professor Dr Manuel Pina, o qual tenho grande carinho e admiração (meu pai da URCA). Foi este senhor de sotaque português de Portugal que esteve comigo em momentos marcantes como as aprovações em concurso e na seleção de mestrado. Assim. Faço questão de ressaltar nesse escrito a importância que Manuel Pina teve na minha formação, não só acadêmica mais humana e política, a ele minha reverência e respeito. (Narradora Cícera, 2023)

Quantas vezes durante as aulas eu saía para ir ao banheiro chorar, porque me doía ver meu pai naquela situação, e como não podia me emocionar na frente dele nem da minha mãe, procurava me manter forte ou fingir para que não percebessem. Então, minha válvula de escape era a Universidade, era o banheiro. Até que num dia de crise, por causa de tantos problemas, minha orientadora de monografia à época, e que com o tempo tornou-se minha amiga, viu o estado em que me encontrava e veio conversar comigo, me acalmar naquela ocasião de insegurança e incerteza. (Narradora Eugênia, 2023)

Essa relação é de suma importância tanto no ambiente escolar, por vezes contemplados nos estudos acadêmicos, como no ambiente universitário, que por vezes vem sendo deixada à margem, nesse sentido estudos no campo da docência acadêmica, ajudam a revelar o âmago da relação docente/discente. Relação essa envolta de diversos fatores externos e internos a universidade como, por exemplo, o currículo. Para conhecermos um determinado campo educacional, na figura dos seus agentes é preciso um olhar para o Currículo ao qual ele está submetido.

Contextualizando de forma breve o currículo partimos da teoria tradicional curricular destacando a relação Revolução Industrial e a origem do currículo. Nesse momento o currículo é ligado à técnica, racional, preparado para as demandas das indústrias, subalterno ao capitalismo. (SILVA, 2010, p.23) Como vimos fazia-se necessário a escolarização das massas operárias e para isso um currículo que atendesse tal demanda. Os comportamentos estavam assim relacionados ao que o capitalismo demandava, gerando uma racionalidade técnica que se impunha sob os indivíduos.

Segundo Soares (2021, p.3) existia um discurso reverso que negava uma intencionalidade do currículo. Longe de uma neutralidade o que existia era uma adaptação nada natural. A teoria tradicional distancia-se das particularidades. Forma o técnico, sem interrogações, apenas aceitando o que é tido como válido, apenas se apropriando do

conhecimento para aceitar e se ajustar. O modelo desse currículo advinda dos modelos de funcionamento das fábricas, com bases de conhecimento de Frederick Taylor (1856-1915), os conhecidos modelos do taylorismo e do fordismo. Essa teoria era voltada para a eficiência.

A Teoria Crítica do Currículo se contrapõe à teoria tradicional. Aqui já existe o questionamento, como o próprio nome diz há crítica. Vemos que nenhuma teoria é neutra, existe uma relação entre conhecimento, identidade e poder. A teoria crítica evidencia as lutas de poder e de classe, critica a exclusão da escola e o papel reprodutor das desigualdades que a educação assume. Segundo Silva (2010) a escola atua ideologicamente através do seu currículo. Além disso, a ideologia atua de forma discriminatória; ela inclina as pessoas das classes subordinadas à submissão e à obediência (p. 31-32). É preciso perceber como esse currículo é aceito, recebido pelos agentes. Teóricos como Bourdieu e Passeron, analisam o currículo como algo que reproduz a sociedade, principalmente as desigualdades e as exclusões. Para eles a dinâmica da reprodução social está centrada no processo de reprodução cultural, é através da cultura dominante que ela de forma mais ampla fica garantida (SILVA, 2010, p. 34) O Currículo deixa de ser visto como Natural e é percebido como Social.

Nas teorias Pós-críticas do Currículo enfatiza-se as diferenças, as relações saber-poder, o multiculturalismo, as diferentes culturas raciais e étnicas, segundo Silva (2007, p. 147) a teoria pós-crítica deve se combinar com a teoria crítica para nos ajudar a compreender os processos pelos quais, através de relações de poder e controle, nos tornamos aquilo que somos. Assim o currículo surge como crítico dos preconceitos, dos discursos e ideologias impostos por determinada classe. Essa teoria pós-estruturalista traz a tona diferentes discussões através dos movimentos de lutas por direitos dos grupos excluídos “por não pertencerem a uma classe social considerada superior, branca, americana, masculina e heterossexual. (SILVA, 2010). Ressaltamos que essas reivindicações perpassam a teoria crítica e segue com a pós-estruturalista. O currículo, a partir da teoria pós-crítica, deve ser visto como um complemento, como uma forma de aprofundamento e ampliação às teorias críticas. Para Silva (2007) as teorias tradicionais eram teorias de aceitação, ajuste e adaptação. As teorias críticas são teorias de desconfiança, questionamento e transformação radical (p. 30), Pacheco (2001) afirma que “a teoria crítica é um espaço de contestação, uma outra forma de olhar a realidade e um compromisso político com o que pensamos e o que fazemos” (p.51).

A proposta de um currículo crítico na formação de professores influência nos hábitos dessas docentes, numa preocupação de transformação da realidade, de se conscientizar da importância do seu papel como educadora e transformar a sua prática. Essas realidades citadas levam-nos a refletir junto com Paulo Freire (2003) como a educação é um aparato de mudança social. Freire crê na capacidade humana de superar situações de limite através da conscientização. É preciso aprender com os novos tempos, permitindo aos discentes construir uma realidade melhor. Segundo Freire (2000.) “A luta já não se reduz ao retardar o que virá ou assegurar sua chegada; é preciso reinventar o mundo. A educação é indispensável nessa reinvenção” (p.40).

Hoje a AMADA⁶ assiste não só crianças, mais também adultos em situações de vulnerabilidade social, em tratamento oncológico e portadores de enfermidades crônicas ou momentâneas. Para que possam chegar as ajudas até essas pessoas a instituição conta com a contribuição de sócios, profissionais como Psicopedagogo, Fisioterapeuta, Psicóloga, voluntários, além de doações para o bazar que funciona todos os dias na sede da associação. Fazer parte dessa associação faz de mim uma profissional e pessoa completamente realizada. (Narradora Ana Alice, 2023)

Dez anos atuando como professora de reforço escolar, atendendo em minha residência, realizando um trabalho individualizado, oferecendo muitas vezes, carinho e amor a estas crianças, este curso oportunizou a ampliação do meu conhecimento para saber lidar com minha profissão e também para a minha vida pessoal e espiritual. Vivenciei experiências maravilhosas com os trabalhos da faculdade, pois sempre que tinha a oportunidade desenvolvia as atividades acadêmicas com meus alunos, o que significava trocas valiosas de conhecimentos não só para mim como para eles. Era uma verdadeira festa. Ainda hoje, guardo fotografias desses momentos de aprendizado. (Narradora Eugênia, 2023)

Falar dessa trilha e da travessia pela Pedagogia na Urca me fez retomar minha trajetória de formação docente, me fez ver que não tive dificuldade para falar de nenhum momento porque não foi doloroso tanto quanto foi difícil e me fez valorizar cada momento de partilha que vivenciei, como por exemplo, na ida a congressos da Pedagogia em Natal e Fortaleza, na visita ao Assentamento 10 de Abril, no Crato. (Narradora Sandra, 2023)

Concomitantemente, eu e minha prima Sandra Sousa, que também fez parte da escola de narradores, iniciamos a liderança de um projeto em prol das memórias do nosso lugar, a princípio de maneira tímida, com a recolha de áudios em grupo de WhatsApp sobre lembranças relevantes da comunidade.

As provocações que foram direcionadas ao grupo colheram resultados promissores, sobre os quais nós desenvolvemos todo o projeto subsequente. Ficou nítido, para nós e para parte considerável da população, a importância dos Pés de Jatobá para a identidade coletiva do lugar, a necessidade urgente de resgatar esse lugar, e retornar a algumas das tradições culturais que demarcam nosso senso de coletivo. (Narradora Veridiane)

⁶ Associação Mãos Dadas Por Amor.

Concordo que somente uma educação libertadora é capaz de contribuir no processo de libertação do ser oprimido, visto que essa opressão passa pela situação social desfavorável desse educando. Essa educação que não é, nem pode ser neutra, ou ela aliena ou liberta. “Educação para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito” (Freire 2002, p.44). O homem-sujeito é aquele que realiza, que transforma, que pensa, que recria e isso é uma Educação Problematicadora, aquela que permite um constante construir, fazer, recriar, fundamentada na busca, na curiosidade, na dúvida. Gerando sempre valores que independem do tempo, promovem o bem-comum. Problematicando a nós e ao mundo, é possível saber para onde vamos.

Assim torna-se ainda mais significativa a formação docente, uma educação que preocupe-se com a formação docente não homogeneizada. Cunha (2004) a respeito da pedagogia diz:

Vale ressaltar, também, que, por sua vez, os conhecimentos pedagógicos se constituíram distantes do espaço universitário e só tardiamente alcançaram uma certa legitimação científica. Em geral o foco principal da pedagogia foi a criança, honrando a origem da palavra grega que a constituiu e construindo uma imagem social muitas vezes distorcida da sua amplitude e complexidade. Especialmente identificada como um campo aplicado das demais ciências sociais, a pedagogia constituiu-se, especialmente, tributária da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem ou da antropologia filosófica. Trouxe consigo, ainda, a herança de ser um campo feminino, decorrente da “natural” vocação das mulheres para educar as crianças. Nessa perspectiva, pouco dialogava com as estruturas de poder do conhecimento científico de outras áreas. (p. 527-528)

A mesma afirma que é preciso uma reflexão mais aprofundada da formação do professor universitário. A universidade, no papel de legitimadora do conhecimento profissional, tornou-se tributária de um poder que tinha raízes nas macroestruturas sociais do campo do trabalho, dominadas, fundamentalmente, pelas corporações. Destaca-se que a docência universitária recebeu forte influência da concepção epistemológica dominante, própria da ciência moderna ou ciências exatas e da natureza, que possuía o poder de legitimar o conhecimento (CUNHA, 2004). Importante essa nota para não cairmos no equívoco epistemológico de debruçarmos sobre o docente universitário olhando apenas pela ótica do indivíduo, sem levarmos em consideração todo contexto o qual ele está submetido.

A oportunidade de tratar da formação docente, a partir de Narrativas e dos diferentes relatos apreendidos, me animou não somente por acreditar no campo que

legítimo como importante, não só por crer na pedagogia como um instrumento de superação de obstáculos vivenciados na educação por ser um espaço propício para se construir diálogos, conhecimentos e outras possibilidades para o presente e futuro. Mas, sobretudo, por também ser professor e acreditar que refletir sobre o outro é sempre um refletir sobre si mesmo. Uma vez que acreditamos como Paulo Freire que somos seres do encontro, e quantos encontros transformadores essas mulheres tiveram na graduação, são os amores que os gregos chamavam de *philia* (Amizade).

A Pedagogia também me deu vários amigos - alunos e professores. Aprendi muito com este curso e, com a pandemia de Covid-19, vivi experiências jamais pensadas às quais me renderam momentos de superação e coragem para enfrentar aquela situação de crise e isolamento social. (Narradora Eugênia, 2023)

A pedagoga que sou hoje é resultado de tudo que vivi, das memórias que guardei, das pessoas com quem me relacionei, das aulas que assisti e não assisti, das escolas nas quais trabalhei, de todos os cursos dos quais participei desde então. Somos o que vivemos. Somos o resultado da travessia e do modo como somos atravessados pela vida. (Narradora Sandra, 2023)

Tive colegas de sala que me fortaleceram bastante, amigas que seguraram a minha mão, mas sobretudo uma família que enfrentou cada momento comigo, a fim de reconstruir a Luana sonhadora que sempre fui. (Narradora Luana, 2023)

Os desafios foram incontáveis, mas sobretudo com minha força de vontade, com o apoio de amigos, dos professores e do meu então namorado, consegui, ao cabo de 4 anos, formar-me pedagoga. (Narradora Veridiane, 2023)

Definida pelo sociólogo Georg Simmel como sendo a “forma lúdica da socialização”, a sociabilidade é a forma pela qual os indivíduos constituem uma unidade no intuito de satisfazer seus interesses, onde forma e conteúdo são na experiência concreta processos indissociáveis (Simmel, 2006, p. 65). Determinadas experiências cotidianas encontradas na universidade podem ser apontadas como exemplos por excelência do que Simmel descreve por sociabilidade: fazer amizades, jogar conversa fora, muitas vezes como já foi dito durante as aulas, paquerar, namorar, vestir-se bem, em geral, não têm outro fim principal senão o prazer e o sentimento de estar junto e de ‘praticar’ a própria sociabilidade.

E formamos um grupo de amizades para todos os trabalhos, alegrias e choros, caminhamos no espaço do aprender, e tivemos alegrias e decepções com o outro e conosco mesmo! Isso é aprender! (Narradora Joice, 2023)

Talvez nos esquecemos desse aspecto da sociabilidade. Muitos vêm na URCA a oportunidade de sair da sua pequena cidade pacata e socializar-se com um grupo maior de pessoas que pouco tem acesso a sua vida íntima na sua cidade. Percebe-se que em alguns casos funciona como uma fuga da família e conhecidos e que algumas vezes na sua localidade são reprimidos, até mesmo por questões de gênero. Portanto, a universidade é um ponto de encontro. Alguns alunos até lamentam as férias e não por que gostariam de estudar, ao contrário. Passarão dias em casa, com suas famílias, na sua cidade que segundo eles “não tem nada pra fazer”. Também por isso, alguns amam os jogos universitários, os congressos e colóquios, quando não trabalham engajam-se em monitorias, coordenações, organizações de eventos, centros acadêmicos, entre outras coisas. A necessidade de relacionar-se é algo da essência do ser humano, o ser humano é um ser de relação e essa relação também faz crescer, amadurecer e acima de tudo faz bem. Como bem lembra Paulo Freire no livro “Educação e mudança”.

O homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não-eu. Isto o torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender. (1983, p.30).

Muitos professores são amigos dos alunos, brincam, trocam ideias, aconselham, orientam, e até ajudam financeiramente como é o caso da professora que doou um notebook a uma aluna. Se dispõe a ajudar quando os alunos estão passando por uma dificuldade.

Mesmo diante das dificuldades, aos poucos o curso de pedagogia foi ganhando espaço afetivo, a rede de apoio de colegas e professores encorajava a não desistir. É preciso ressaltar que as pessoas que passam por nós sempre deixam algo, nem sempre positivo. Mas, deixam. Dentre os que marcaram, destaco minhas colegas/amigas: Maria Alessandra, Hinara Juca, Ana Paula Santos, Rosenilda Pinto e Laiane Rodrigues. (Narradora Cícera, 2023)

Entre os alunos há também uma grande amabilidade, não são poucos os grupos de rodas de conversas na hora dos intervalos. Grupos de 4 ou 5, mas que em geral se dão bem com os outros colegas de turma. Há alunos que são extremamente carinhosos uns com os outros, se abraçam, se beijam, se apertam, se implicam, e trocam boas e longas gargalhadas, muitas vezes na hora da aula. Fazem chá de fraldas para as colegas grávidas,

compram apostilas para o colega mais necessitado. Doam fichas do restaurante universitário, aconselham, choram juntas, oferecem a casa para o colega de outra cidade dormir, etc..

Nesse percurso também conheci pessoas maravilhosas, mais que colegas de curso, amigas e amigos que estavam sempre prontos para me apoiar e ajudar quando preciso, onde mantenho um grande carinho e atenção até os dias atuais, mantendo vivos os vínculos de amizade com alguns. A nossa turma foi uma turma muito unida, parceira e que procurava ter uma boa relação com os professores de todas as disciplinas. Tudo para nós era motivo de festa e comemoração: aniversário de um dos colegas, encerramento de disciplina e semestre, enfim, celebrávamos os bons momentos. (Narradora Ana Alice, 2023)

Sendo o ser humano um ser essencialmente social, precisamos de pessoas com quem possamos compartilhar nossas vidas e tudo que somos, nossas conquistas e fracassos, nossas alegrias e nossas tristezas, projetos e labutas. Sendo a universidade um lugar de aprendizado faz-se necessário reconhecer que a relação com o saber é relação de um sujeito com o mundo, com ele mesmo e com os outros. Analisar a relação com o saber é analisar uma relação simbólica, ativa e temporal. Essa análise concerne à relação com o saber que um sujeito singular inscreve num espaço educacional (CHARLOT, 2000).

Problematizar questões presentes nas narrativas é espalhar espelhos no qual quem deseja abrir os olhos verá seu reflexo naquilo que lhe é externo, mas que reflete seu eu. Trazer à tona as diferentes histórias dessas egressas é dar voz a essas pessoas não somente para se fazerem ouvidas mas,, principalmente para que se possa reconhecer em cada história um pouco da nossa. Essa construção traz grandes desafios, principalmente pelo difícil compromisso que é escrever sobre a realidade que me foi apresentada e da qual fiz parte. São as travessias dessas mulheres de aço e de flores que conservam um coração de estudante.

4 “CORAÇÃO DE ESTUDANTE: UMA VEZ FORMADA SEMPRE EM FORMAÇÃO.

Quando falamos sobre Formação Continuada estamos nos referindo ao processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade docente. Que acontece

após sua formação inicial, com intuito de assegurar a esse profissional a melhor condição para uma melhor qualidade do ensino. Essa necessidade se dá porque a sociedade não é estática, ela é dinâmica e assim o sendo a educação deve acompanhar essa dinâmica social, para que possa ser uma educação efetiva que atende os desafios do seu tempo, do seu contexto. Assim a formação é uma necessidade que se impõe diariamente e é através dela que o educador poderá ter contato com os novos saberes necessários para a melhoria da sua prática pedagógica.

A prática educacional está situada num contexto de complexidade, diversidade e imprevisibilidade. Por mais que tenhamos experiência existem muitas questões imprevisíveis que surgem no decorrer da prática docente. Kant (1964) já dizia que “O homem é a única criatura que precisa ser educada” (p. 697) Assim nascer é estar submetido a ter que aprender. Aprende-se para viver com outros da mesma espécie, aprende-se para aperfeiçoar-se, aprende-se para apreender o mundo dos homens, aprende-se para construir junto com os seus um mundo já pré-existente. Esse aprender está entrelaçado a um conjunto de relações que constituem um sistema chamado educação, elaborada no próprio movimento no qual o ser se constrói a partir de si e na relação com os outros. Uma mobilidade complexa, prolongada, e inacabada, por isso mesmo sempre em formação. Vejamos como seguiu a vida das nossas narradoras após a conclusão do curso e como conseguiram manter um coração de estudante!

4.1 “Nova aurora a cada dia”: As realidades pós diploma.

Concluir uma graduação, principalmente quando é a primeira, sendo a pioneira da família a ter um diploma universitário é a realização de um sonho, mas que por vezes inicia o pesadelo do desemprego ou de não conseguir trabalhar na área para a qual se preparou arduamente.

Após concluir as disciplinas do curso e apresentar a monografia estava eu aos 22 anos na última etapa da graduação, a colação de grau, que ocorreu em janeiro de 2018, a partir daí passei a pensar como seria minha vida ao sair da universidade. Com isso veio as indagações e eu sempre ficava refletindo como e quando começaria a atuar em escolas da educação básica. Então, surgiu uma oportunidade de me inscrever na seleção para ser professora temporária na cidade de Crato, e consegui ser aprovada. Porém, como toda professora recém formada tive dificuldade de ocupar esse espaço educacional justamente pelo fato de não ter experiência. O começo sempre é muito difícil para quem está ingressando no mundo do trabalho, por isso devemos aguçar a escuta sensível no

intuito de aprender e qualificar as nossas práticas pedagógicas, por meio da interação com os demais profissionais que estão inseridas nas instituições de ensino a mais tempo. (Narradora Luana, 2023)

Chegou a tão sonhada e esperada conclusão. A conclusão de um longo percurso de muito aprendizado e troca de conhecimentos. E junto com a aproximação desse momento surgiam vários questionamentos e dúvidas, de como seria o pós-curso, se iria conseguir emprego na área, se todo esse esforço e dedicação realmente seriam recompensados em algum momento, um misto de alívio e nervosismo tomava conta do meu coração, tornando-se assim algo com significado singular e repleto de muitas emoções, em especial no dia dedicado para a colação de grau, que foi o momento mais almejado durante toda trajetória acadêmica. (Narradora Ana Alice, 2023)

Segundo pesquisa realizada em 2021 pelo Núcleo Brasileiro de Estágios (NUBE) apenas 14,87% dos recém-formados que pegaram o diploma em 2019 e 2020 conseguiram vagas nas suas áreas de formação após três meses da formatura. Em relação ao último levantamento, feito em 2019 com formados entre 2014 e 2018, houve uma redução de 45% na quantidade de pessoas que se colocaram no mercado de trabalho para o qual se formaram em até um trimestre depois da formatura.

Dos entrevistados (8.465 pessoas), 52,12% afirmaram não estar trabalhando, 27,85% estão desempregados há mais de um ano. Dos 43,05% já inseridos no mercado, apenas 19,93% estão executando atividades relacionadas às suas profissões. Entre os exemplos apontados na pesquisa, estão administradores atuando como operadores de caixa e “pedagogos” exercendo funções de faxineiros ou acompanhante de idoso. Outros exemplos são contadores e advogados trabalhando como frentistas, designers de games como auxiliares de crédito imobiliário, enfermeiros como cabeleireiros, formados em letras na função de porteiro, nutricionistas trabalhando como babás ou manicures, engenheiro elétrico atuando como motorista de aplicativo e engenheiro mecânico que trabalha na função de motoboy.

Ainda de acordo com a pesquisa, embora 60,81% dos participantes tenham estagiado durante a faculdade, 65,71% relataram que a maior dificuldade para ser contratado por algumas empresas é o fato delas exigirem experiências as quais os candidatos não possuíam.

Depois de completa a jornada pedagógica, é chegada a hora de viver o pós vida acadêmica numa sociedade cheia de preconceito e falta de acolhimento com os recém-formados, exigindo uma experiência que só pode ser adquirida com a prática, pois o que foi construído na faculdade foram apenas embasamentos teóricos a serem praticados. (Narradora Ana Alice, 2023)

Lembro por exemplo quando conclui minha primeira graduação em 2015 e fui deixar currículo nas escolas, mal era recebido, só consegui trabalhar na área como professor porque o dono de uma escola da minha cidade era meu amigo e tinha visto meu trabalho (voluntário) com jovens na catequese da igreja a qual nós dois frequentávamos. Tempos depois em conversa com a coordenadora da escola, ela me disse que na época tinha sido totalmente contra minha contratação pois eu não tinha experiência. Mas que graças a Deus o diretor (dono da escola,) tinha batido o pé e dito a ela que ela não iria se arrepender. Mas não fosse o fato de já o conhecer dificilmente eu teria tido oportunidade logo após a graduação de lecionar. Quando fui cursar pedagogia durante a primeira aula de um professor do curso falou sobre quem era ele, começou falando sobre sua infância pobre de menino do interior que queria ser “alguém.” Contou sobre sua família patriarcal e com fortes traços de machismo. Falou sobre suas experiências religiosas, escolas dominicais e neste momento ele disse: as escolas dominicais, as catequeses nas igrejas onde vocês eram catequistas, isso já era docência.

A ideia de Formação docente está relacionada ao movimento de formar (dar forma), de constituir o professor, fazer dele um profissional, munido de saberes inerentes para o exercício da profissão, essa formação terá tempo de iniciar-se, da formação inicial, porém não de terminá-la uma vez que é contínua. Segundo Borges (2010) formação primeira é aquela que habilita profissionalmente, que permite a inserção no campo profissional da docência a educação básica, assegurada pela respectiva titulação legal (p.53). Legalmente somente a formação inicial o torna um profissional docente. Nesse percurso surge a necessidade da formação continuada a partir das demandas de uma sociedade cada vez mais dinâmica, plural e urgente. A docência está cada vez mais complexa dada a situação socioeconômica, cultural e política que vivemos.

Assim nesse processo contemporâneo e todas as transformações que as sociedades vêm passando, espera-se ainda mais dos docentes pois como bem já pensava Durkheim (1955) ao longo da história desenvolve-se um conjunto de crenças, valores morais, leis, costumes, concepções estéticas e práticas econômicas que cabe a educação introduzir nas consciências individuais das novas gerações de educandos. Para tanto, a educação deve ter duas dimensões combinadas, desenvolvendo-se, ao mesmo tempo, de forma unificada para o conjunto da sociedade em questão e de maneira diversificada para favorecer o desenvolvimento de capacidades individuais e grupais especializadas (p.31). Não podemos

ver a questão da formação continuada somente no sentido individual de alguém que decide aprimorar-se, mas também como uma demanda do coletivo, da sociedade a qual este sujeito faz parte, a qual cabe a educação na pessoa dos seus agentes (docentes) atender. A consciência coletiva deve educar os membros da sociedade para a vida social mais complexa, fundamentada na solidariedade (que não é aquela no sentido cristão) que se desenvolva com base nas diferentes funções desempenhadas pelos indivíduos e não com base na igualdade.

A personalidade individual deve desenvolver habilidades específicas que tornem ela capaz de desempenhar determinada função a qual possa contribuir para o conjunto social. Para Durkheim (1995) as especificidades das formas de pensar e as habilidades individuais não nascem no próprio indivíduo, mas surgem na coletividade (sociedade), que tem necessidade de algumas funções que sejam desempenhadas de forma especializada objetivando a promoção do bem-estar social, fundamentada na solidariedade (complementaridade) entre as partes. Assim o profissional da educação desenvolve uma atividade de caráter social e, por isso, encontra-se submerso em uma teia de relações que compreendem as dimensões coletivas (...). (SANTOS, 2010, p, 34).

No pensamento durkheimiano há uma diferenciação entre educação e pedagogia. A educação nomeia os processos de socialização dos membros de cada sociedade e ocorre desde o seu nascimento. A pedagogia segundo Durkheim é uma orientação consciente da ação educativa sistemática que visa formar as novas gerações. Entre elas deve haver uma complementaridade, ele mesmo diz que “o papel da pedagogia não é o de substituir a prática educativa, mas guiá-la, esclarecê-la, auxiliá-la, remediando as lacunas que venham a produzir-se, e corrigindo as insuficiências que venham a ser observadas.” (Durkheim, 1995, p.55)

Do ponto de vista epistêmico aprender é apropriar-se de um objeto virtual, nesse caso o saber, e encarná-lo no objeto empírico, por exemplo livros, artigos, etc, possuídos por alguém que já percorreu o caminho, no nosso caso os docentes. Aprender seria a atividade da apropriação de um saber que apesar de apropriado, não nos pertence, pois à medida que aprendemos depositamos esse saber em objetos, locais e pessoas. A relação com o saber é sem dúvida o processo de construção da identidade do ser. Aprender só faz sentido porque faz referência a história daquele sujeito aprendiz, as suas visões de mundo, suas referências de pessoas e valores, as suas relações com os outros e a partir de tudo isso a busca de si naquilo que oferece ao outro e que recebe do outro. Relacionar-se com o

saber num sentido é relacionar-se consigo. É nessa dimensão que acreditamos no processo de formação inicial e na significância da formação continuada.

Segundo levantamento feito pela Semesp⁷, entidade que representa mantenedoras de ensino superior do Brasil, a maioria dos cursos de pós-graduação procurados pelos estudantes são das áreas de Educação, Ciências Sociais, Negócios, Administração, Direito e Saúde e bem-estar social. De acordo com a pesquisa, as mulheres são as que mais participam de cursos de pós-graduação, o que representa 66,9%. Em 2021, considerando apenas a população com 24 anos ou mais no Brasil, estima-se que 6,3 milhões já tenham frequentado um curso de especialização como nível de instrução mais elevado, número 3,5 vezes menor que a graduação (cerca de 22 milhões). Além disso, em 2021, o número de estudantes que frequentam um curso de especialização ultrapassou 1,3 milhão, quantidade 4,8% maior que no ano anterior, enquanto o número de alunos na graduação recuou 5% no mesmo período.

Entre os alunos do mestrado e doutorado, apesar de ter ocorrido uma redução de 1,7% entre os anos de 2019 e 2020, houve um crescimento considerável de 18,1% em 2021, chegando a 441 mil matrículas⁸. No Brasil, há mais de duas mil instituições de ensino que ofertam cursos de especialização de nível superior nas modalidades presencial e EAD, sendo que 90% delas são privadas. Nos últimos dois anos houve um pequeno aumento de 0,9% nesse total, passando de 2.053 para 2.071 instituições. Em torno de 73% dessas instituições ofertam cursos de especialização somente na modalidade presencial (1.430 privadas e 90 públicas). Além disso, entre as instituições privadas, 59% são com fins lucrativos.

O número de cursos de especialização ativos no Brasil chegou a 173 mil em 2021, o que representou um aumento significativo de 136% em relação a 2019. A maioria dos cursos ativos é ofertada por instituições de ensino privadas (97%), 64% são presenciais e 86% são disponibilizadas nas áreas de “Educação”, “Ciências sociais, negócios e direito” e “Saúde e bem-estar social”. Apesar disso, percentualmente, o maior aumento foi em cursos EAD, em torno de 288%. O número muito maior de cursos de especialização em

⁷ Esse estudo tem como objetivo fornecer um diagnóstico sobre o ensino de especialização de nível superior (Lato Sensu) no Brasil. As análises tiveram como base os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes ao segundo trimestre dos anos 2016 a 2021. Também foram consideradas informações contidas no site do e-MEC, do Ministério da Educação.

⁸Fonte: Instituto Semesp Base: PNAD/IBGE

comparação com de graduação se deve à desregulamentação desses cursos, a ofertas mais específicas e ao ciclo de vida mais curto⁹.

4.2 “Há que se cuidar do broto, pra que a vida nos dê flor e fruto”: O Pós-Curso.

A partir daqui convocamos novamente nossas narradoras com a pergunta fazendo-lhes a pergunta chave, o que mudou em suas vidas após a Pedagogia- URCA? Quais flores e frutos a graduação lhes trouxe? Essas perguntas não foram feitas diretamente a elas, mas surgiram a cada narrativa que chegava a nós.

Luana passou em 2018 a atuar na educação infantil e ensino fundamental I, Com isso, começou a ter experiência no infantil II pela manhã, ao mesmo tempo em que ministrava aulas de inglês e recreação do primeiro ao quarto ano no turno da tarde. Segundo ela, foi à teoria adquirida na graduação que ajudou em muitas situações, em contrapartida nem tudo tinha sido apresentado ao longo de seu processo formativo, por isso, teve que continuar estudando e pesquisando, buscando sempre exercer a função profissional cada vez mais baseadas em ações qualificadas. Segundo Imbernón:

A formação terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc., realizando um processo constante de auto-avaliação que oriente seu trabalho. (2001 p.48-49)

Segundo nossa narradora, na prática o contexto educacional é ainda mais complexo do que podia imaginar enquanto cursava pedagogia. Por esta razão teve que atualizar-se teoricamente e procurar soluções para as adversidades vivenciadas no dia a dia.

Eu já tinha noção do que é ser profissional da educação, de quantos problemas existem dentro desse espaço e quantas lacunas ainda estão se apresentando e dificultando o processo de ensino e aprendizagem. Por isso, me submeti a cursar duas especializações no intuito de voltar a estudar, uma delas era em Gestão Educacional (presencialmente) pela URCA e a outra em Docência da Educação Infantil e dos anos iniciais no Ensino Fundamental I (no formato de Educação a distância-EAD) pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante-FAVENI. Com isso, passei um ano estudando, buscando respostas para o que ainda não tinha compreendido, mesmo depois de cursar pedagogia durante cinco anos. No entanto, a cada disciplina cursada resultava em mais questionamentos sobre as nossas vivências e práticas pedagógicas. (Narradora Luana, 2023)

⁹Fonte: Instituto Semesp Base: Sistema e-MEC

Em 2021, aos 25 anos de idade, Luana efetiva-se na profissão docente, convocada pelo concurso que realizou em 2019 na cidade de Juazeiro do Norte, e assume as turmas do fundamental I. Seguido de ingresso no Mestrado, onde fomos colegas de turma.

Ainda em 2021 me submeti pela quarta vez a uma seleção de mestrado na tentativa de conseguir realizar o meu sonho de ser mestre em educação, e mesmo desanimada com a pandemia e com os retrocessos que tivemos nos últimos anos devido ao desgoverno que tanto massacrou a educação eu consegui passar no Programa de Mestrado Profissional em Educação da URCA. Com isso, em 2022 me matriculei nas disciplinas e iniciei essa nova jornada, consequentemente surgiram novos problemas em minha vida, estes nunca deixam de aparecer... A complicação agora era entender como eu iria conseguir conciliar 200 horas de trabalho (no probatório) com as disciplinas que deveria cursar ao longo do ano que por sua vez aconteciam no mesmo horário de trabalho. (Narradora Luana, 2023)

A pedagoga Cicera um ano após concluir a pedagogia já trazia em seu histórico aprovação em concurso público municipal para o magistério. Antes de concluir a graduação, no ano de 2009 já tinha passado no concurso para auxiliar de serviços gerais, função de merendeira na sua cidade natal. Em 2014 retornou à URCA como professora substituta. Teimando e enfrentando o mundo em 2016 é aprovada no Mestrado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Segundo ela, o mais doloroso era ter que se ausentar do seio familiar, principalmente por deixar a filha, porém era a própria filha quem lhe dava forças para não desistir. Mesmo vendo a mãe a cada 15 dias.

Continuando as memórias, trago o relato de uma senhora que gozando de memória invejável na mocidade dos seus 82 anos. E também para revelar quem é essa personagem tão ilustre. Dona Neusa, com orgulho que brilham nos seus olhos diz: “Minha filha se lembra que quando tu era pequena me perguntava “mãe será que eu vou ser uma professora? E eu dizia vai!!! Se Deus quiser você vai”. Como dizem: dona Neusa falou pela boca de um anjo. Se bem que prefiro acreditar na força do amor e da fé que ela traz consigo na sua imensa generosidade. A filha de Antonia Marcos de Souza (Dona Neusa), e Seu Raimundo Cosmo (in memoria) de fato se tornou uma professora. Para muitos (talvez) só a professora Cicera, mas, para aqueles que me têm afeto, para tantos outros, e PRINCIPALMENTE PARA ESSA QUE VOS FALA, EU SOU ORGULHOSAMENTE A PROFESSORA CICERA COSMO. Grata pela vida, e por todos que de forma direta ou indireta contribuíram para que eu chegasse até aqui. (Narradora Cícera, 2023)

Ana Alice narra que logo após a graduação foi procurar por uma oportunidade de trabalho na área de Formação. Em pouco menos de um ano, veio a primeira aprovação em

uma seleção para professora de educação infantil em um município vizinho. Um novo ciclo começava em sua vida, conta ela que dessa vez como pedagoga e professora, era o momento de colocar em prática todo conteúdo aprendido no processo de formação acadêmica em sala e extra sala de aula. Com esse novo tempo muitas escolhas e mudanças aconteceram. Em primeiro lugar, pelo fato de ser em outra cidade, sendo necessário estar se deslocando de uma cidade para outra, além do medo vindo da falta de experiência prática com sala de aula, uma vez que este seria o primeiro contato com o universo da educação enquanto docente. Aceitou essa oportunidade de conhecer de perto esse universo escolar e sua realidade, mesmo tendo dentro de si o pensamento que a sala de aula não seria seu local de atuação enquanto pedagoga a longo prazo. Enquanto assumia a seleção em outro município, ainda no primeiro bimestre, surgiu a oportunidade para lecionar em sua cidade (Assaré) em um colégio particular e, dessa vez, na turma de primeiro ano de fundamental I. Por motivo de praticidade e por ser mais uma experiência, optou por aceitar a nova oportunidade. No segundo bimestre do mesmo ano uma nova proposta surgiu, dessa vez, para uma turma de alfabetização, dessa vez na rede pública.

No decorrer dessa trajetória comecei a estudar e pesquisar de que forma poderia ampliar e qualificar a metodologia de ensino. Então, dei início ao curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional, onde pude me encontrar ao longo das disciplinas da especialização e ter certeza de que era esse tipo de trabalho que eu, enquanto profissional da educação, estava a procura para me sentir realizada e completa. O curso de especialização durou um ano e nove meses, em razão da pandemia do Coronavírus, onde tivemos uma pequena pausa para a conclusão, pois se fazia necessário realizar os estágios práticos em clínicas e órgãos institucionais. Após a realização dos estágios e todo conhecimento adquirido resolvi investir na atuação de Psicopedagoga Clínica, comprando materiais pedagógicos como: jogos, tintas, folhas, lápis e todos os recursos necessários, além de materiais para divulgação e a procura de um local para realizar os atendimentos. Após a preparação de todos os itens necessários para iniciar os atendimentos clínicos, chegou a hora de por em prática o conhecimento teórico adquirido com os módulos e estudos extras. (Narradora Ana Alice, 2023)

Atualmente, Ana Alice atua como Psicopedagoga Clínica, atendendo crianças e adolescentes com as diversas dificuldades e transtornos de aprendizagem. Para ela, cada estudo de caso, nasce um desafio e um jeito único de avaliar e compreender para chegar ao resultado ao final do processo de investigação e isso lhe permitiu envolver-se e apaixonar-se pela escolha que fez. “A psicopedagogia sem dúvida foi o complemento que faltava em minha vida profissional.” De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura Resolução CNE/CP Nº 1, no Art. 4º define que:

O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. Parágrafo único. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando: I - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação; II - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares; III - produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares.

A pedagogia é um campo dinâmico com área multifacetada oportunizando o trabalho do pedagogo em vários espaços que vão além do ambiente escolar. Locais de atuação como empresas, a educação especial, a área hospitalar, a orientação educacional, a indústria de brinquedos, o desenvolvimento pedagógico, etc. Nossa narradora Eugênia também fez opção por atuar fora da escola, ainda que sua escolha tenha total relação com ela. Conta-nos que assim como a Biblioteconomia, a primeira formação acadêmica lhe abriu portas para trabalhar nessa área, com a Pedagogia não foi diferente. Dez anos atuando como professora de reforço escolar em sua residência. Realizando um trabalho individualizado, oferecendo muitas vezes, carinho e amor a estas crianças.

E como resposta ao cuidado que tenho com as crianças, algumas delas já estão na Universidade, e outras são meus afilhados. Quanta alegria para um professor(a)!!! As sementes um dia plantadas nos corações desses pequeninos contribuíram para a formação de adultos conscientes de seus atos, críticos e reflexivos, participantes na vida em sociedade, com responsabilidade. Coração transborda em saber que fiz e faço parte da história de cada um deles. Frequentemente ex-alunos passam por mim e me chamam de tia, e sabe o que é melhor? Não sentem vergonha. Raro de se ver... Já vivi tantas histórias com as minhas crianças nesses anos de professora! Cito aqui alguns exemplos: racismo, aceitação do seu corpo, intolerância religiosa, pedofilia, transtornos de diferentes tipos e graus, maus tratos dos pais com as crianças, violência doméstica, até agressão contra a minha pessoa (aluno em crise), entre tantos outros fatos presenciados. Enfim, cada um com uma história de vida e que felizmente, estava eu ali, para solidarizar e levar uma palavra amiga e de conforto. Não tem como não se emocionar. (Narradora Eugênia, 2023)

Esse trecho da narrativa da Eugênia nos remete a duas coisas importantes, em primeiro lugar a ideia de como a educação e transformação transcendem os muros da escola, pois numa aula de reforço a mesma faz acontecer a transformação através do contato com as histórias de vida dos seus alunos. Em segundo nos remete a uma ótica de sociedade que por muitas vezes não paramos para analisar, como é o caso do oprimido,

daquele que tem seu direito tirado de si pelo opressor, aquele ingênuo que não tem perspectiva de melhorar sua realidade social principalmente no caso das crianças que sequer tem maturidade para tal. Este oprimido, segundo Freire (2013), não poderá modificar sua realidade se não pela educação e pela prática da liberdade, a qual é sua de direito.

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens, não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. (FREIRE, 2013, p. 93)

Não seria a ação de nossa narradora essa práxis a qual Freire se refere? Em *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire (2013) apresenta uma ideia de liberdade na educação, uma emancipação na forma de ver o mundo, conhecendo primeiro para depois transformar a sua realidade através do conhecimento. Para Eugênia o que a faz continuar e enfrentar as adversidades que tem nessa profissão é saber que tem tanta criança que precisa de atenção e que, muitas vezes, não tem uma palavra amiga, um apoio de alguém para desabafar.

Digo que me tornei muito mais que uma professora de reforço escolar. Sou psicóloga, terapeuta, mãe, tia... Não reclamo em nenhum momento e sim, sinto-me parte na vida dessas crianças, adolescentes e adultos. Não podemos dizer que tudo são flores na vida, que tudo é fácil. De forma alguma. O que conquistamos é sempre com muito esforço. Apesar de tantas situações vividas, contexto familiar difícil, pois não sou a única no mundo a ter problemas, exalto com louvor tudo que passei e por estar contando um pouco da minha história. (Narradora Eugenia, 2023)

Essas experiências transformadoras seguem com as nossas pedagogas. Veridiane concluiu o Mestrado Profissional de Educação da URCA nesse ano (2023) com uma pesquisa voltada às histórias orais de sua comunidade. Atualmente é formadora da equipe multidisciplinar da Secretaria Municipal de Educação Básica de Brejo Santo- CE. Antes disso, logo após a graduação Veridiane foi contratada para trabalhar em uma escola particular de Brejo Santo, como professora auxiliar no ensino infantil, depois professora polivalente no fundamental, da qual mais tarde se tornaria sócia. Para ela os 2 anos e meio que passou nessa escola foram a graduação na prática, pois teve que reaprender a aprender para assim poder lecionar. Depois desse período foi aprovada no concurso e assumiu como

professora de ensino infantil, na rede municipal, que pouco mais tarde foi somado à minha seleção para o ensino fundamental. Nesse período concluiu a especialização em psicopedagogia pela Universidade do Vale do Acaraú, segundo ela, pela primeira vez na vida, foi capaz de aliar o trabalho docente à paixão pela leitura, método não só de ensino, mas de vivência pessoal, que carrega até hoje.

Atualmente desenvolvo um projeto chamado Memórias do Compra Fiado, desde 2021, que tem por princípio e por objetivo o meu lugar e o seu povo. Junto à minha prima Francisca Sandra Sousa, além de cada um dos membros da nossa comunidade, conseguimos restaurar o ponto de encontro da comunidade, que há muito vinha sendo negligenciado, arrecadamos centenas de volumes para a biblioteca comunitária, fundamos uma casinha de livros, fizemos eventos literários, culturais e acadêmicos mais diversos. Como principal resultado das nossas ações, eu hoje vejo o senso de coletividade do meu lugar reforçado, e a cada ano crescemos como comunidade e trabalhamos para melhorar as nossas condições de vida e fruição. Este é o momento em que me encontro agora, na vida pessoal, acadêmica e profissional. Mas a motivação e o longo histórico de onde procedem os sonhos e cada um dos projetos que eu desenvolvo hoje em dia nasceram em outras conjunturas de minha vida, e têm por raiz originária a minha infância no Compra Fiado. (Narradora Veridiane, 2023)

O que a Veridiane e a Sandra fazem na comunidade do Compra Fiado, a qual pude conhecer, é o que na sociologia chamamos de Memória Social. Que pode ser entendida como a transmissão de contedos que permitem a organização, manutenção e reprodução social. Tais memórias são a base da formação de conhecimentos, valores, crenças e modos de vida daquele lugar. Para Simmel, os limiares da sociabilidade são transpostos caso os indivíduos interajam movidos por propósitos, objetivos ou interesses pessoais, como, por exemplo, estabelecer laços de amizade ou estabelecer uma organização. Porque “os sociados sentem que a formação de uma sociedade como tal é um valor; são impelidos para essa forma de existência” (SIMMEL, 1983, p.168). As necessidades e interesses específicos fazem com que os seres humanos se unam em forma de associações de diversas ordens, tais como econômicas, religiosas, profissionais e outras.

Ficou nítido, para nós e para parte considerável da população, a importância dos Pés de Jatobá para a identidade coletiva do lugar, a necessidade urgente de resgatar esse lugar, e retornar a algumas das tradições culturais que demarcam nosso senso de coletivo. Assim surgiu o projeto Memórias do Compra Fiado, a que me dedico com uma paixão inigualável, e trouxe resultados incontáveis para mim e para o sítio, a começar pelo seu status de vila. Com o projeto, acompanhado de uma associação de moradores, fomos capazes de reformar os pés de jatobá, o prédio histórico da nossa associação, datado do início dos anos 80, exigir perante o poder público direitos políticos da comunidade, entre tantos outros. Do ponto de vista mais subjetivo, a nossa casinha de livros, o fomento do

afluxo de leitores pela comunidade, a recolha de diversas histórias que circulam na nossa oralidade em livros, a criação de eventos e retomada festas tradicionais, e o fortalecimento da identidade cultural coletiva da comunidade, são frutos que se destacam. (Narradora Veridiane, 2023)

Sandra que é prima de Veridiane faz parte desse projeto. Como citado anteriormente, quando ela concluiu a graduação já era concursada no seu município. Conta-nos que nesse período já trabalhava em uma escola da rede privada. Em ambas as escolas era alfabetizadora. Na escola privada chegou a ser coordenadora, diretora, mas sempre em sala de aula também, acumulando as funções. Na escola pública depois foi para o fundamental II, dando aula de matemática, mas também deu aula de diversas disciplinas. Em 2009 vai para o fundamental I, porque precisava de uma autorização para ser professora do fundamental II. Foi quando decidiu fazer a faculdade de matemática numa extensão da URCA na sua cidade (Brejo Santo). Terminada essa segunda faculdade ela ingressa numa pós-graduação em ensino de matemática. Faz ainda outras 3 pós, em psicopedagogia clínica institucional, em educação musical e outra em libras. Vinte anos depois de concluir a pedagogia Sandra faz a seleção para o mestrado profissional em Educação da URCA. Sendo aprovada na segunda tentativa.

Eu fiquei nas duas escolas pública e particular até 2011. Em 2011 resolvi ficar só um horário, sai da escola particular que eu era sócia, vendi minha parte na sociedade e fiquei só no município e cuidando dos meus dois filhos, já tinha Davi e tinha Sofia e resolvi ficar em casa. Em 2013 teve outro concurso aqui no município de Brejo Santo e eu passei novamente e aí assumi as 40 horas semanais. Fui trabalhar com a educação infantil. Fiquei de 2013 até 2015 e em 2015 fui trabalhar com os anos iniciais. Em turmas de 2º e 5º Anos. Fiquei até 2018, quando fui convidada para ser formadora de matemática do eixo de alfabetização do 1º ao 3º Ano na secretaria municipal de educação. Até passar no mestrado eu fiquei como formadora de matemática, como eu tinha garantido no PCCR para me afastar, fiquei trabalhando só 3 expedientes, 3 manhãs, sai do eixo de matemática e fui ser do eixo de gestão. Desde 2022 faço a locação dos professores nas escolas. (Narradora Sandra, 2023)

Vemos na história da Sandra o quanto a formação continuada a acompanha desde sua graduação. Ela não só continuou seu processo de formação como tornou-se formadora. Santos (1998, p.124) define a formação continuada ou formação contínua, ou formação em serviço, em sentido mais estrito, todas as formas deliberadas e organizadas de aperfeiçoamento profissional do docente, seja através de palestras, seminários, cursos, oficinas ou outras propostas. Na minha turma do mestrado de Educação éramos 5 mestrandos (incluindo eu, Luana e Sandra que participam desse projeto.) egressos do

Curso de Pedagogia da URCA , de um total de 25 vagas. Se contarmos licenciados em pedagogia mesmo de outras universidades totalizamos 8. Conheci diversos ex-alunos da pedagogia que foram das turmas anteriores ou estão nas turmas após a nossa. O que demonstra que há uma procura por parte desses graduandos em cursar uma pós-graduação, em especial, a ofertada na própria instituição onde fizeram a formação inicial.

Continuando nos caminhos da pós- graduação nossa narradora Joice conta que passando os quatro anos de graduação, surgiu o que chamou de “oportunidade da minha vida”. O concurso para professora na cidade de Juazeiro do Norte, eram dez vagas e a mesma dizia que uma seria sua. Ao mesmo tempo que estava faltando três meses para concluir o último semestre da graduação, mesmo assim fez o concurso, pois algo lhe dizia que ia dar tempo de concluir, ter o certificado e assim assumir o concurso.

Fiz a prova, passou o tempo, o resultado saiu no mesmo tempo que íamos encerrando no semestre, e tudo foi se encaixando nos pedidos que tinha feito a Deus, tirei o quinto lugar no concurso, e concluí a graduação em outubro de 2009. Estava agora pronta para contribuir com a educação do país, muita ideologia formada, muita experiência vivida, muito sofrimento superado, eu era professora, eu era pedagoga! Em março de 2010 assumo a sala de aula, com esperança e muita força de vontade, abria pra mim, naquele momento, um leque de oportunidades e vivências que precisaria um livro para relatar, pois sendo pedagoga, pude perceber a cada sala de aula que fui lecionar como nossa região é diversa, rica e maravilhosa. Tive, também, decepções pois o serviço público não é entendido como público e sim como político, tive muitas alegrias e satisfação com cada avanço de alunos que superavam suas diferenças sociais, são vivências extraordinárias. A graduação em pedagogia me trouxe grandes possibilidades, com o curso pude me tornar quem eu desejei, mudar minha vida social e financeiramente. Construí novos objetivos e pude traçar um vida acadêmica mais pautada para aquilo que ia identificando minha atuação, pude cursar uma especialização em Psicopedagogia (2011-2013), onde acumulo a função de psicopedagoga, tendo em mim a solicitude de ajudar as crianças com deficiência e dificuldade na aprendizagem, o curso de Pedagogia me abriu portas, me possibilitou vida diferente e melhor do que havia imaginado, me deixou aprimorada para o exercício da função como professora e cidadã. (Narradora Joice, 2023)

Lendo e relacionando as narrativas acima, vemos a importância da formação continuada, a fala final da professora Joice vai em concordância com o que Gasparin (2012, p.141) diz, “a prática do período de formação extrapola a dimensão acadêmica porque a finalidade da escola, em todos os níveis e áreas do conhecimento, não é apenas preparar um profissional, mas um cidadão”. Nesse sentido podemos dizer que a formação continuada é uma maneira de possibilitar ao docente possibilidades de perceber e compreender as modificações que acontecem na sociedade a todo momento, e ainda,

reflexões de como agir diante dessas mudanças para que seu trabalho com os educandos possa garantir uma prática social voltada para a emancipação cidadã desses sujeitos.

A graduação é importante e a pós graduação também, ao lermos esses trechos expostos pelas pedagogas vemos que elas foram para além da sala de aula. Percebemos assim a ação transformadora da realidade, a práxis, fundamental e de extrema importância para a Educação, com a união da teoria e prática. Sabemos que no sistema capitalista com a divisão do trabalho houve a separação do pensamento com a prática. O trabalho passou a ser definido entre aqueles que pensavam sobre a produção e os que fazem o produto. O materialismo histórico e dialético nos faz refletir sobre a capacidade humana de pensar e planejar o que vai realizar de acordo com essa possibilidade que ele tem de prever suas ações. Segundo Saviani:

O homem necessita produzir continuamente sua própria existência. Para tanto, em lugar de se adaptar à natureza, ele tem que adaptar a natureza a si, isto é, transformá-la. E isto é feito pelo trabalho. Portanto, o que diferencia o homem dos outros animais é o trabalho. E o trabalho instaura-se a partir do momento em que seu agente antecipa mentalmente a finalidade da ação, conseqüentemente, o trabalho não é qualquer tipo de atividade, mas uma ação adequada a finalidades. É, pois, uma ação intencional. (2003, p.11)

Ao planejar mentalmente as suas ações e colocá-las em prática continuamente, o homem se tornam sujeitos históricos e sociais. Seria a efetiva práxis, faz surgir um trabalho que Saviani (2003) chama de “não-material”. Onde não se separam produto e sujeito.

A compreensão da natureza da educação enquanto um trabalho não-material, cujo produto não se separa do ato de produção, permite-nos situar a especificidade de educação como referida aos conhecimentos, ideias, conceitos, valores, atitudes, hábitos, símbolos sob o aspecto de elementos necessários à formação da humanidade em cada indivíduo singular, na forma de uma segunda natureza, que se produz, deliberada e intencionalmente, através de relações pedagógicas historicamente determinadas que se travam entre os homens.(SAVIANI, 2003, p.22)

É na análise da reflexão de sua prática que o docente descobre uma nova percepção da ação, é no pensar para fazer e no fazer para pensar que inicia a auto-reflexão-crítica sobre sua ação praticada. Dessa maneira, a reflexão crítica permanente deve constituir-se como orientação prioritária para a formação continuada dos professores que buscam a transformação através de sua prática educativa.

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. [...] O que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. [...] A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.(FREIRE, 2001 p. 42-43)

Percebemos em Freire duas categorias, a crítica e a formação permanente. A crítica é a curiosidade epistemológica, causada pela transformação da curiosidade ingênua, enquanto a formação permanente é o resultado do conceito da condição de inacabamento do ser humano e a consciência desses inacabamentos leva-o a estar em constante formação. Para Konder (2004, p.39), a Dialética é uma maneira de pensar elaborada em função da necessidade de reconhecermos a constante emergência do novo na realidade humana. Ou seja, a educação deveria humanizar os sujeitos que devem ter contato com a cultura que a humanidade produziu e continua a produzir nas nuances da história. Para que isso ocorra é necessário aprimorar os conhecimentos e qualificação não apenas na sua área específica, uma vez que o mundo nas pessoas que o fazem, está cada vez mais plural. Além disso, todo aparato de tecnologias e da internet, aumenta a demanda de profissionais no mercado de trabalho, inclusive já se discute se é necessário a criança ir até a escola para aprender, uma vez que o conhecimento pode ir até o estudante em sua própria residência na palma de sua mão ou numa tela a sua disposição. As exigências do mercado sobre o profissional docente é cada vez maior e este se quiser permanecer indispensável, num mundo de tanta liquidez, deve estar capacitado e atualizado. Isso apresenta a importância cada vez mais de uma formação continuada.

Ressaltamos que quando falamos nas exigências do capitalismo não estamos dizendo que o mesmo ofereça condições para que isso aconteça. As exigências da modernidade não são setas que indicam para onde se deve ir. É muito mais um filtro que diz quem pode ir. Um curso de pós-graduação não é acessível a todos. Mesmo um mestrado gratuito tem seus custos e as diferentes dificuldades que as secretarias impõem para liberar esse professor. Se é difícil para um professor efetivo, imagine para os contratados na rede pública ou privada. No meu caso para poder cursar o mestrado tive que sair da rede privada que estava trabalhando. Tive colegas que pediram demissão das escolas que trabalhavam para poder cursar o mestrado. Entre outras tantas realidades. Mas, diante de tantos problemas, o que nos faz querer continuar com a carreira docente é saber

que podemos e devemos modificar nossa realidade e conseqüentemente a realidade das nossas escolas, causa primeira do educador. Sempre na busca pelo complemento uma vez que somos seres em construção. Visando esse inacabamento e tudo que essas narradoras vivenciaram e vivenciam pós pedagogia cabe a pergunta e agora quais são os sonhos?

4.3 “É preciso ter sonho sempre”: Um instrumento de liberdade!

Indubitavelmente foi através da Educação que essas mulheres reescreveram as páginas das suas histórias. Foi a educação que permitiu a criança negra, camponesa Luana parar de colher cajá e colher transformação social em sala de aula como professora! Foi a educação que fez a Cícera teimar e enfrentar o mundo, quebrando a genealogia de tantas mães negras pobres do nosso país. E permitindo a sua filha um caminho menos árduo, que a fez entrar na URCA aluna e voltar professora! Foi a educação que permitiu a Sandra guardar a pequena pedra que recebeu do seu pai aos quatro anos de idade e construir seu eu professora sobre a rocha que é a educação, realizando o sonho de seus pais e seu de ter uma filha formada, que foi além e tornou-se formadora, ledora, leitora, pedagoga, escritora, narradora de histórias! Foi a educação que fez Eugênia voltar a sonhar após um relacionamento abusivo e o direito de trabalhar negado. Realizando seu sonho de criança de uma graduação e ajudar as suas crianças a terem seus direitos à educação garantidos. Foi a educação que fez a Joice vislumbrar através da janela do ônibus não um anúncio de um cursinho pré-vestibular mas o horizonte que a faria navegar mares mais seguros para além do desemprego, e falta do básico para seu filho. Hoje professora formadora, alguém que soube enfrentar os desafios! Foi a educação que permitiu a Veridiane, tantas vezes carregada pelos irmãos mais velhos nas costas até a escola, devido a distância da escola e as chuvas, carregar nos ombros do seu ser pedagoga tantas crianças que por ela passaram e ter voltado a comunidade do Compra Fiado pagando aquilo que um dia pegou naquele lugar sua história! Foi a educação que fez Ana Alice filha de agricultores e sem escolaridade, ter ensino superior e semear através da Associação Mãos Dadas Por Amor (AMADA) esperança em crianças e adultos em situações de vulnerabilidade social, em tratamento oncológico e portadores de enfermidades crônicas ou momentâneas.

Segundo Freire (2000.) “A luta já não se reduz ao retardar o que virá ou assegurar sua chegada; é preciso reinventar o mundo. A educação é indispensável nessa reinvenção” (p.40). Concordo que somente uma educação libertadora é capaz de contribuir no processo

de libertação do ser oprimido, visto que essa opressão passa pela situação social desfavorável desse educando. Essa educação que não é, nem pode ser neutra, ou ela aliena ou liberta. “Educação para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito” (FREIRE 2002, p.44). O homem-sujeito é aquele que realiza, que transforma, que pensa, que recria e isso é uma Educação Problematizadora, aquela que permite um constante construir, fazer, recriar, fundamentada na busca, na curiosidade, na dúvida. Gerando sempre valores que independem do tempo, promovem o bem-comum.

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens, não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. (FREIRE, 2013, p. 93)

Com Freire (1987) aprendemos que quando os oprimidos desconhecem seus direitos, nem ao menos querem lutar pela sua liberdade. Ninguém além daquele que sofre a opressão para saber a importância da liberdade para sua vida. Por isso expomos algumas formas de opressão vividas por nossas narradoras. Opressão já presente só no fato de terem nascidas mulheres. Opressão pelo analfabetismo dos pais. Opressão pela cor da pele Pela falta do alimento, pela falta da escola, pela falta de oportunidade. É interessante falar sobre a falta de conhecimento na liberdade pois ela tem um custo, por isso muitas pessoas que são oprimidas socialmente não querem ser livres, acham que está tudo bem do jeito que vivem. Não querem assumir os riscos e responsabilidades que a liberdade propõe. Como diz Freire (1987, p. 34) “quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tende a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos”. Nossas sete narradoras foram ao encontro com essa ideia freiriana na qual a prática da liberdade deve partir do próprio oprimido. Ele(a) se liberta dessa condição de oprimido(a), quando se reconhece dentro de sua realidade. Entretanto não basta apenas se reconhecer como sujeito oprimido, mas a partir desse reconhecimento procurar mudar a sua prática social. Inclusive se permitindo sonhar.

Muitos ainda são os desejos e objetivos a serem alcançados, como montar uma clínica própria, planejada e projetada do meu jeito, onde possa ofertar melhor conforto e comodidade para os meus aprendentes e seus familiares, bem como todos que precisarem os meus serviços, sempre vivendo o presente e focando em um futuro promissor com muito mais reconhecimento e oportunidades no mercado de trabalho. (Narradora Ana Alice, 2023)

Assim, por um tempo meus sonhos e planos para o futuro estão guardados de forma cuidadosa e vigilante. Uma vez que, meus esforços e trabalho no momento estão canalizados para a concretização dos objetivos da minha filha. Dos sonhos guardados, estar o doutorado e o concurso efetivo para docente no Ensino Superior. Na terapia, a psicóloga indagou-me sobre como eu vejo a Cícera Cosmo no futuro... E rapidamente respondi: eu me vejo Doutora em educação, concursada como professora em uma universidade e com Iasmin médica. Tenho muitos sonhos, e acredito que os sonhos é a essência da vida. (Narradora Cícera, 2023)

Mesmo com as situações adversas da vida, os sonhos não pararam e aqui estou: pronta para o que a vida tem a oferecer. Se você me perguntar se os sonhos pararam, te respondo que não. Ainda tenho alguns guardados e esses serão cenas para os próximos capítulos. (Narradora Eugênia, 2023)

Somos propulsores, não paramos, e nesse sentido além de exercer a minha função, tenho planos de cursar o mestrado, para qualificar minha carreira, construir minha clínica própria, já tenho os grupos de estudos para atenuar nosso conhecimento e faço parte da Associação Educativa, a qual realizamos atendimento social para crianças e pessoas carentes. Sobre sonhos, os meus foram realizados durante o caminhar da minha carreira, consegui com a graduação em pedagogia, muito mais do que havia sonhado, pois como dizia Vygotsky: “a natureza determina que o homem tenha necessidades, e a história, por sua vez, determina quais são essas necessidades.” Decorre então que pude sonhar de forma palpável, adquiri experiência nas muitas funções que a história me presenteou, passei pela sala de aula com crianças pequenas, fui da Sala do AEE, já atuei com adultos (EJA), estive na gestão de escola, tutora por quatro anos do IFCE e como psicopedagoga institucional, muitas funções... mesma dedicação por aquilo que faço, não me detenho ao que não se pode fazer, me agarro as possibilidades que dar pra fazer. (Narradora Joice, 2023)

Pretendo concluir o meu mestrado e ingressar no doutorado para que seja possível construir conhecimento e contribuir ainda mais nas discussões acerca da dicotomia existente dentro da minha área de atuação profissional.

Concluo dizendo que não quero somente conseguir titulação para o meu currículo, mas também contribuir para efetivação de uma educação de qualidade em que todas as pessoas tenham acesso. Quero poder plantar a semente da transformação social em cada lugar em que tenha a marca dos meus passos, quero poder contribuir para o avanço do bem viver de crianças que assim como eu não tiveram a “sorte” de ser herdeira (risos). E assim, quem sabe um dia eu também possa realizar o sonho de formar professores para atuar na rede básica, sendo eu, uma mulher negra, do campo e filha de agricultores que estaria ingressando como docente no meio universitário. (Narradora Luana, 2023)

O meu primeiro livro, Histórias que Nascem Debaixo dos Pés de Jatobá, já tem duas sequências por vir, seguindo essa proposta de memórias temáticas para a literatura infantil. Galgar essa importante conquista foi uma felicidade multifacetada, não só pelo significado que é o título de mestra em educação, mas pela formação ter me trazido de volta ao meu lugar, e firmado meu papel como escritora. O próximo passo, naturalmente, é o doutorado, que já está em planos para o futuro próximo, como um amadurecimento da pesquisa previamente desenvolvida no mestrado, focando somente nas histórias. (Narradora Veridiane, 2023)

Em tempos tão dúbios de tanto dualismo e agressividade, de tantas certezas e verdades individuais, faz-se necessária dúvidas, um pouco de ignorância, um pouco de não

razão, um simples “eu não sei”, por isso posso e quero aprender. Seja formal ou informal, escolar ou universitária, debaixo dos pés de jatobá ou nas secretarias, nas salas de aula ou na sala de casa no reforço, nas ONGs ou nas formações, a educação é um processo que leva os sujeitos a pensar por si mesmos. É papel da educação promover a liberdade para pensar e agir. Ajudar a criar sem oprimir ou suprimir a criatividade, ajudar a interferir libertadoramente na realidade sem medo e sem censura. Provendo em tempos de tantas disputas e absolutismos o diálogo! Recordo uma bela passagem do livro Dicionário de valores:

Estou muito mais próximo da convicção do amigo Rubem, que nos diz ser o educador um esperançoso. Porque o otimismo é da natureza do tempo e a esperança é da natureza da eternidade, e, entre o sim e o não, muita coisa existe... existe a esperança de um tempo novo, um tempo de atos criadores e de vida gratuita. Esperança, em seu sentido mais genuíno, significa fé na bondade da natureza humana. Significa confiar, acreditar ser possível ensinar (e aprender!) o diálogo, o reconhecimento da diversidade, a amorosidade, a solidariedade, a alegria, a justiça, a ética, a responsabilidade social, o respeito, a cidadania, a humanização da escola. (PACHECO, 2013, p. 19).

Continuando na fala do José Pacheco onde ele relaciona a esperança à crença de ser possível ensinar e aprender o diálogo, diálogo que para Paulo Freire (1980) é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Para ele se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é pois, uma necessidade existencial. Lembrando o filósofo Martin Buber (1923) o qual diz que a existência humana emerge do encontro dialógico que determina a palavra como interação entre os homens. No diálogo a palavra não é mais o logos, puramente anunciador, pois fundamenta a existência, estabelecendo uma dimensão ontológica o inter-humano, evento no qual o homem pode assegurar sua soberania e sua liberdade de estabelecer relações.

Freire (1980) foi feliz ao relacionar o diálogo a uma necessidade existencial, que não se reduz a uma troca de ideias ou imposição da mesma, ou uma busca pela verdade ou por imposição da verdade. Para Paulo Freire o diálogo só pode existir com um profundo amor pelo mundo e pela humanidade. O amor que para ele é ao mesmo tempo o fundamento do diálogo e o próprio diálogo. Buber (1974) reflete o diálogo sem uma premissa condicionante, para ele basta o encontro para que o diálogo aconteça. Existindo o Eu-Tu, o próprio reconhecimento do Eu já é o reconhecimento do Tu, Buber coloca o

diálogo como um elemento fundante na existência humana.

Para Martin Buber o primeiro modo de estar no mundo ele chama de EU-ISSO. No EU-ISSO a relação é objetificada, o outro é transformado em coisa, em uma utilidade. O EU-ISSO é mais racional. Ele não diz que não é necessário esse tipo de relação, mas ressalta que se ficarmos somente nela, deixamos de ser autênticos e seremos sempre supérfluos. O inverso disso é justamente o que Buber chama de Eu-Tu, quando o verdadeiro encontro ocorre, pois aqui nos revelamos, somos autênticos. Para ele essa relação EU-TU se dá em três esferas, diz ele:

O mundo da relação se realiza em três esferas. A primeira é a vida com a natureza. Nesta esfera a relação realiza-se numa penumbra como alguém da linguagem. A segunda é a vida com os homens. Nesta esfera a relação é manifesta e explícita: podemos endereçar e receber o Tu. A terceira é a vida com os seres espirituais. Aí a relação, ainda que envolta de nuvens, se revela, silenciosa, mas gerando a linguagem (1974, p.-7).

Freire concorda com Buber ao dizer que essas relações não se dão apenas com os outros, mas se dão no mundo, com o mundo e pelo mundo (FREIRE, 1983, p.30). Pacheco complementa falando sobre o papel da escola, que também podemos atribuir a universidade principalmente a um curso de pedagogia, nessa relação diz:

Urge, pois, converter as nossas escolas em espaços de bem-estar, onde não se fragmente a realidade, nem se banalize os gestos de humanidade. Um ambiente caracterizado pela serenidade, pelo cuidar da relação. Numa relação de um Eu com um Tu, na qual o professor seja aquilo que é, seja tão autêntico quanto for possível e o Tu não seja tomado por mero objeto. (2013, p. 12)

Ainda que a finalidade da graduação seja o diploma, levamos em conta que para tal o processo exige os mais diversos encontros. Encontros esses que ficarão para toda a vida. Acreditar nas habilidades humanas de construir uma convivência, um diálogo, não é simples. É acreditar que há uma outra paisagem que pode ser construída. Acreditar é nunca deixar de ter esperança. É não ter medo de sair do supérfluo em busca do essencial. E o essencial é a busca de si que só é possível no encontro com o outro. E essas narrativas nasceram de incontáveis encontros que cada narradora teve durante sua vida. Do meu encontro com elas. Dos encontros das narrativas dialogando entre si e com a teoria aqui apresentada. Tudo formas distintas de diálogo de pessoas que acreditam nele, pois sabem

que ainda tem muito o que aprender, pois mesmo formadas estão sempre em formação, pois conservam em si um coração de estudante!

5 CONCLUSÃO

Tendo chegado o momento de concluir a discussão proposta primeiramente explicito o tipo de pesquisa aqui apresentada. Por tratar-se de uma pesquisa Narrativa, minha primeira preocupação foi construir um contato direto com as pessoas do grupo por mim selecionadas. Procurei deixar claro para elas o meu envolvimento e participação na pesquisa e o que se desejava da parte delas como contribuição para esse trabalho. Primeiramente esclareci que desejava conhecer suas histórias e torná-las conhecidas. A ideia era dá voz a essas mulheres através das suas histórias de vidas e fazer o cruzamento com o curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri. Confiamos que através das narrativas saberíamos quem são essas mulheres. Quais caminhos a levaram para o ensino superior, particularmente a Pedagogia, partindo de quê contexto de vida. Como foi o processo de graduação em suas diferentes nuances. Por fim como se deu o pós-curso, ingresso no mercado de trabalho, a formação continuada e os projetos de vida, sonhos, etc.

À medida que essas histórias iam chegando até mim, buscava ter ciência do meu papel enquanto pesquisador. Nesse método de estudo de pesquisa narrativa nosso papel de pesquisador foi interpretar os textos e, a partir deles, e com respeito a eles, teorizar. Coube a mim, enquanto pesquisador, decidir quais dados obtidos nas narrativas, se adequavam mais ao perfil da pesquisa. Uma vez que no Produto Educacional consta a íntegra das Narrativas, a escolha por alguns elementos não impede que o leitor tenha acesso ao todo narrado pelas participantes. O objeto de estudo de uma pesquisa narrativa são as próprias histórias narradas. Nelas as participantes são entendidas como indivíduos que estão sempre em interação e inseridas em um contexto social amplo.

Durante essa pesquisa passamos por mudanças, tudo dentro do previsto, foi preciso entrar em contato com as narradoras para algumas vezes para tirar dúvidas sobre determinadas falas, ou comparar conceitos, se era isso mesmo que queriam dizer, ou ainda para complementar alguma informação que não continha na narrativa. Em todas as vezes que entrei em contato com elas, gentilmente e pacientemente elas me atenderam. Como

diz Clandinin e Connelly (2011) a relação entre o pesquisador e o sujeito de pesquisa, muitas vezes, necessita de negociação, “os relacionamentos precisam ser trabalhados” (p.110).

Acreditamos e isso ficou mais evidente no decorrer desse trabalho, que a pesquisa narrativa pode provocar mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Distanciando-se do momento de sua produção, é possível fazer uma nova leitura de si mesmo. A pesquisa narrativa é um estudo da experiência como história, assim, é principalmente uma forma de pensar sobre a experiência, que pode ser desenvolvida apenas pelo contar de histórias, ou pelo vivenciar de histórias. A narrativa também permite as narradoras que questionem, avaliem o que escreveram e como escreveram, posicionando-se como autoras e leitoras das experiências e vivências narradas. O texto é modelado pelo processo de interpretação nossa (pesquisador), delas (participantes) e dessa relação, contextualizado pelas circunstâncias particulares das situações.

O pesquisador não está apenas como teórico, sem corpo, registrando a experiência de alguém, ele está vivendo essa experiência, torna-se parte dela, daquele contexto. Pois nas histórias há um encontro com a sua própria história de superação, de conquistas, de sonhos, etc. Por isso é importante que o pesquisador não se envolva completamente com o estudo, é necessário um distanciamento para manter o máximo possível a objetividade do estudo. Para isso foram necessárias várias leituras, a primeira leitura de cada história era envolvido por uma emoção da qual não há como escapar devido o teor de cada narrativa e nesse primeiro momento se permitir tal sentimento. Passado esse primeiro contato com as histórias, fomos a parte de teorização, de um olhar mais crítico sobre as escritas, que nos permitiu a produção desse trabalho.

Esse trabalho envolveu duas dimensões inter-relacionadas. A primeira delas referiu-se a histórica: A história das mulheres nas sociedades ocidentais e sua exclusão; o lento processo de inserção da mulher na sociedade brasileira, desde seus primórdios. O acesso delas a educação e sua inserção na docência. O curso de Pedagogia; a busca por uma identidade; as lutas; as políticas educacionais; caminhando até os dias atuais. A segunda dimensão entra no campo da subjetividade das Narradoras: As diferentes histórias, esperanças, superações, lutas e realizações; a relevância da Graduação em Pedagogia. Essa segunda dimensão é necessária para se saber o sentido, os valores e significados que essas agentes deram às suas ações. Nesta dimensão também entra a formação continuada de professores que amplia o conhecimento; leva a reflexão; aponta soluções de problemas;

aperfeiçoa esse docente fazendo com que se sinta parte de um contexto onde o levará a formar novos educandos visando as demandas contemporâneas.

Juntas, essas duas dimensões, remetem numa unidade de múltiplas inter-relações, que possibilitam uma melhor compreensão da educação e conseqüentemente da relação dos seres, dando ênfase na busca por uma dialética no decorrer dessa relação. Concordamos com Paulo Freire (1983) que é a educação uma forma de intervenção no mundo. Assim estando a Universidade, a exemplo da Escola, na sociedade nela também estão as questões sociais como pobreza, desemprego, preconceitos, desigualdades, conflitos familiares, entre outras questões. Todas essas realidades ficam evidentes no decorrer desse trabalho, por isso mesmo a graduação seja ela qual for, não pode ser instrumentalizada. Para Freire (2011) quanto mais o homem é chamado a refletir sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais surgirá a necessidade de uma consciência de compromisso com a realidade. Pensando no papel da Pedagogia como espaço para formar educadores que atuarão principalmente nas escolas, entre outros espaços educacionais, coordenando pessoas e projetos, ensinando desde a leitura das palavras a leitura de mundo. Então diríamos que a Pedagogia tem um papel socializador e formador de sujeitos críticos e autônomos, não separando-se a graduação das famílias, escolas, sociedade e da relação homem-natureza. As reflexões dessas questões devem ocorrer dentro do curso, e a própria pedagogia possui junto às outras áreas de humanas que ela abrange instrumentais adequados para lidar com tais questões.

É o pedagogo um ser educador capaz de repensar constantemente suas práticas, seus valores. Percebendo as transformações sociais e o momento histórico atual de intensas mudanças e conflitos, que exigem da Pedagogia ir além do senso-comum e daquilo que o discente conhece. Podendo ampliar as experiências de aprendizagem, propiciando o diálogo como caminho seguro usado pelo professor-universitário para que o aluno se insira num tipo de conhecimento crítico de sua realidade, em busca de um sentido e da raiz dos fenômenos educacionais e sociais, saindo de uma crítica vazia e promovendo assim uma verdadeira mudança nos espaços educacionais que irá atuar. A exemplo do que fizeram nossas narradoras após saírem da universidade, como bem lembra Paulo Freire:

“Uma educação que possibilite ao homem a discussão corajosa de sua problemática. Que advertisse sobre os perigos do seu tempo para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que colocasse em diálogo constante com o outro. (1979, p. 89-90).

Por fim acredito que os objetivos desse trabalho foram atingidos. Através de uma análise minuciosa sob as narrativas percebemos a importância do Curso de Pedagogia da URCA para essas mulheres e os caminhos trilhados por elas até a graduação. Apresentamos as visões dessas egressas sobre o curso, suas práticas e seus docentes. Lembranças das aulas, docentes, colegas, expectativas, etc. Percebemos a partir das narrativas quais currículos se fazem presente na formação o associando ao contexto histórico. Verificamos o pós-curso, o que mudou profissionalmente, como se deu a formação depois da pedagogia, projetos de formação, sonhos. Por fim refletimos sobre a relevância da formação continuada.

A pesquisa me oportunizou por meio das narrativas, a reflexão que precisamos ser mais humanos, humanizarmo-nos. Pensar não apenas na educação como um conteúdo, um método. Mas pensar a educação como libertadora, foi educação que libertou essas sete mulheres. Concordamos com a visão de Paulo Freire, de que conhecer o que não se sabe, leva à busca incessante do conhecimento e reconhecemos a necessidade do utópico, mas observamos que saber apenas não basta, é preciso considerar as limitações impostas pelo sistema econômico vigente, que restringe a ação humana. Mas para Freire, esse é o ponto de partida, a consciência de si no mundo leva à busca de respostas, numa constante busca de ser mais e não se conformar com o ser menos: “a sociedade passa assim, aos poucos, a se conhecer. Renuncia a velha postura de objeto e vai assumindo a de sujeito” (FREIRE, 2011, p.74).

Acreditamos com esse trabalho que a educação é uma prática de emancipação humana que livra as pessoas da ignorância. Não faltou a essas narradoras e antes delas e pós elas a tantas mulheres, a esperança! A esperança por dias melhores, pela libertação da opressão. Esperança que para Paulo Freire, não é pura espera, é ação e reflexão para novas ações. É saber de si e, sabendo de seu estar no mundo, saiba da necessidade de compor com o outro.

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas prescindir da esperança na luta pela melhora do mundo, como a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. (FREIRE, 2011, p. 15)

A luta pela humanização é a luta contra a acomodação e o ajustamento em prol da integração. A pessoa integrada é consciente de seu ser e estar no mundo não se deixando esmagar pela opressão que muitas vezes é realizada “em nome de sua própria libertação”. (FREIRE, 2011, p. 60). Acreditamos que o caminho da liberdade se deu para essas egressas através da educação. Todavia, a prática da liberdade parti da próprio oprimida. Ela se liberta dessa condição de oprimida, quando se reconhece dentro de sua realidade. Entretanto não basta apenas se reconhecer como sujeita oprimida, mas a partir desse reconhecimento procurar mudar a sua prática social. Percebemos durante a pesquisa que em tempos tão voraz de consumo de tudo e todos, inclusive da educação Paulo Freire continua atual, nos remetendo a refletir sobre a educação desejada. Seja formal ou informal, escolar ou universitária, a educação é um processo que leva os sujeitos a pensar por si mesmos. É papel da educação promover a liberdade para pensar e agir. Ajudar a criar sem oprimir ou suprimir a criatividade, ajudar a interferir libertadoramente na realidade sem medo e sem censura. cremos com base em Paulo Freire que a educação não pode ser mais um instrumento de dominação e opressão, mas “um ato de amor e, por isso, um ato de coragem.” (FREIRE, 2011 p. 127).

A produção desse trabalho trouxe realização e satisfação, levando-me a cada vez mais acreditar numa visão transformadora da educação sempre perpassando pela relação que se dá através do diálogo que constrói o autoconhecimento e o conhecimento do outro. Valores esses que não ficam só no campo educacional mas a nível de humanidade. Esse trabalho não se esgota aqui, já que há ainda muito a ser dito e dialogado sobre a Pedagogia-URCA e todas aquelas que a fizeram, fazem e a farão, pois a mesma continua em movimento, com seu corpo docente e seus discentes, que a cada dia se transformam. Acreditamos que essas páginas motivarão tantas pessoas em especial as mulheres que carregam em si essa “estranha mania de ter fé na vida!”.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. A Cidade de Deus. 7ª ed. Trad. Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Editora, Vozes, 2002. Parte I.
- ALVES, B.M, Pintanguy, Jaqueline – O que é Feminismo- abril Cultura/Brasiliense - Coleção primeiros Passos 1981.
- ARISTÓTELES. A Política. Trad. Nestor Silveira Chaves. 14ª. Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999, p. 12.
- AZEVEDO, Fernando de. A Cultura Brasileira. 4. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1963.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt, DONSKIS, Leonidas. Cegueira Moral. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BEAUVOIR, Simone de. – O segundo Sexo: a experiência vivida – volume2, / Tradução Sérgio Milliet - 3. ed. – Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016.
- _____. – O segundo Sexo: Fatos e mitos – volume1, / Tradução Sérgio Milliet - 3. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016.
- BORGES, Livia F.F. Um currículo para a formação de professores. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro e SILVA, Edileuza Fernandes da (orgs.). A escola mudou. Que mude a formação de professores! Campinas, SP: Papirus, 2010, p. 35-60.
- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: Nogueira, M. A.; Catani, A. (Orgs.). Pierre Bourdieu: escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998a. p. 39-64.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução: Maria Helena Kühner. 11º ed. Editora Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2012. 160p.

BORDIEU, P. Apud Preuss, M. R. G. A Abordagem Biográfica – História de Vida – na Pesquisa Psicossociológica In: Revista Série Documenta, ano VI, 1997, n. 8, UFRJ.

BRASIL, CAPES. **Documento de Área 46- Ensino**. Ensino. Brasília, 2019 a. p. 15- 16.

BRASIL. Decreto-lei nº 1.190, de 4 de abril de 1939. Dá organização à Faculdade Nacional. de Filosofia. Disponível em www.senado.gov.br. Acesso em 14 mai. 2012. Correio dos Açores, 7 de Abril de 2016. O número 7 e as suas ligações. Por: Helena Sousa Melo.

BRASIL. Resolução CNE/CP n. 1 de 15 de maio de 2006. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação, Brasília (DF);2006.

BUBER, Martin. Eu e Tu. 2ª ed. São Paulo: Moraes, 1974. (Tradução Newton Aquiles Von Zubem)

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CUNHA, Maria Isabel da. Verbetes: formação inicial e formação continuada. Enciclopédia de pedagogia universitária. Brasília: MEC/INEP, 2006.

CUNHA, Maria Isabel da. Diferentes Olhares Sobre as Práticas Pedagógicas no Ensino Superior: a docência e sua formação* Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 3 (54), p. 525 – 536, Set./Dez. 2004.

DURKHEIM. E. As regras do método sociológico. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1960.

DURKHEIM. E. Educação e Sociologia. São Paulo: Melhoramentos, 1955-1978.

DURKHEIM, E. Le suicide. Paris: PUF, 1986 [1897].

FREIRE, Ana Maria. Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever. São Paulo: Cortez, 1993. (Biblioteca de Educação).

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. A educação na cidade. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. Alfabetização: leitura do mundo e leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. Alfabetização: leitura do mundo e leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. Pedagogia do Oprimido. 54º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 14 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

_____. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011c.

GASPARIN, João Luiz. Uma Didática para uma Pedagogia Histórico-Crítica. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

GAULEJAC, V. de (2005) La société malade de la gestion: idéologie gestionnaire, pouvoir managérial e harcèlement social. Paris: Seuil.

GATTI, Bernardete A. Formação de Professores do Brasil: Características e Problemas. Revista Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. São Paulo: Perspectiva, 1989.

GOHN, M. G. M. A pesquisa na produção do conhecimento: Questões metodológicas. EccoS- Revista Científica, v.7, n.2, p. 255-274, 2005.

HEGEL, G.W.F. Filosofia do Direito. Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito ou Direito Natural e Ciência do Estado em Compêndio. Trad. Paulo Meneses, et al. São Leopoldo, RS, Ed. Unisinos, 2010.

Helena Sousa Melo, Correio dos Açores, 7 de Abril de 2016. Disponível em https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/4013/1/O%20n%C3%BAmero%207%20e%20as%20suas%20liga%C3%A7%C3%B5es_07_04_2016.pdf.

IMBERNÓN, F. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2001.

JACOB, C. A. R. A evasão escolar e a construção do sujeito / profissional em curso de Ciências Econômicas. Três Rios, 2000, 76p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Petrópolis. Petrópolis.

JOAQUIM, Juliana Teixeira; MESQUITA, Cristiane. Rupturas do vestir: articulações entre moda e feminismo. DAPesquisa, Florianópolis, v. 6, n. 8, p. 643–659, 2018. DOI: 10.5965/1808312906082011643. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/da_pesquisa/article/view/14040. Acesso em: 19 nov. 2023.

<https://www.migalhas.com.br/quentes/49623/simbologia-do-n--7---homenagem-ao-aniversario-de-migalhas>

<https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2021/12/Pesquisa-Graduacao-e-Pos-Graduacao-Instituto-Semesp-1.pdf>.

JOHNSON, Paul. Sócrates: um homem do nosso tempo. Trad. Leila Kommers. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

KANT, Immanuel. Über Pädagogik. In: Werke (Band IV). Frankfurt: Insel Verlag, 1964.

KONDER, Leandro. O que é dialética. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LARROYO, Francisco. História Geral da Pedagogia. 4. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982.

MAGNANI, José Guilherme Cantor “A etnografia como prática e experiência”. Horizontes antropológicos. Vol.15, N.32, Porto Alegre, jul./dez. 2009.

MARTINS, Isayanne Carneiro Magalhães. Ensinar e Aprender Antropologia: um estudo etnográfico do processo de ensino e aprendizagem na formação docente. Banco de dissertações da UFC, Fortaleza: 2017.

MILLS, Charles Wright- Sobre o ofício do sociólogo- A imaginação sociológica. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MINAYO, M.C. de S.; (Org.). A avaliação por triângulos de métodos: Abordagem de programas sociais.

_____.: SANCHES, O. Quantitativo- qualitativo: oposição ou complementaridade? Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p.239-262. 1993.

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil: In: 36ª reunião nacional da ANPED, 2013, Goiânia. Anais do... Goiânia: ANPED, 2013, p. 1-17.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm – A Gaia Ciência; 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

_____.; Além do Bem e do Mal – Prelúdio a um filosofia do futuro; 1ª ed.

São Paulo: Companhia das Letras, 2005

_____.; Crepúsculo dos ídolos, ou Como se filosofa com o martelo / Friedrich Wilhelm Nietzsche ; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia de Bolso, 2017.

NOGUERIA, M. L. Mobilidade psicossocial: a história de Nil na cidade vivida. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, FAFICH: 2004

NÓVOA, Antônio. O regresso dos professores. [E-book]. Pinhais: Melo, 2011.

NÓVOA, Antônio. FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFISSÃO DOCENTE. Lisboa : Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/12424596.pdf>.

NUBE. Disponível em www.nube.com.br/clipping/2021/04/18/apenas-15-conseguem-emprego-na-area-em-ate-3-meses-apos-formatura-diz-pesquisa-pequi-87-5. Acesso em 01 de dezembro de 2023.

PACHECO, J. A. Teoria curricular crítica: os dilemas e (contradições) dos educadores críticos. Revista Portuguesa de Educação. P. 49-71. 2001. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/542/1/07JosePacheco.pdf>.

PACHECO, J. Pequeno Dicionário de Absurdos em Educação. Porto: Artmed. 2008.

PACHECO, J. Dicionário de Valores em Educação. São Paulo: Ed.SM. 2013.

PAIS, J.M. Culturas Juvenis. Lisboa: Editora Casa da Moeda, 2003

PEIRANO, Mariza A favor da etnografia. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1995.

Pesquisa realizada na disciplina de Fundamentos Econômicos da Educação, ministrada pelo professor Thiago Chagas Oliveira na Universidade Regional do Cariri-URCA em 2019 sobre o Perfil Socioeconômico dos graduandos da Pedagogia, 2018/2019.

PEREZ GOMEZ, A. (1992). O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, Antonio. Os professores e sua formação. Lisboa: Editora Dom Quixote.

PLATÃO. A República. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Variações sobre técnicas de gravador no registro da informação viva. São Paulo: T.A Queiroz, 1991. Capítulo: Introdução- Relatos Oraís: do indizível ao dizível. P. 02-32; e anexo III: História de vida e depoimentos pessoais, p.154-165.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres educadas na colônia. In: 500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: autêntica, 2000. pp.79-94

RISTOFF, Dilvo. Perfil Socioeconômico do Estudante de Graduação: Uma Análise de Dois Ciclos Completos do ENADE (2004 a 2009). Cadernos do GEA. Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP, 2012- v. Semestral. n.4, jul./dez. 2013. ISSN 2317-3246.

RODRIGUES, Leda Maria Pereira. A Instrução Feminina em São Paulo. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1962.

SANTOS, Edlamar Oliveira. A formação continuada na rede municipal de ensino do Recife: concepções e práticas de uma política em construção. 2010. Tese (Doutorado em Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão. Dimensões pedagógicas e políticas da formação contínua. IN: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (org.). Caminhos da profissionalização do magistério. Campinas: Papirus, 1998.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 8ª ed. Campinas, SP: Autores associados, 2003.

SCHUMAHER, Schuma – Mulheres no poder: trajetória na política a partir da luta das sufragistas do Brasil / Schuma Schumacher, Antonia Ceva. – 1ed. – Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

SILVA, A. O. Filósofos e pensadores contra as mulheres. 02/07/2011. Disponível: <https://antoniozai.wordpress.com/2011/07/02/>. Acessado em 11/10/2023.

SOARES, M. A. B.; COSTA, L. G. TEORIAS CURRICULARES: uma leitura sobre seus fundamentos e significados. Revista Espaço do Currículo. V. 14, n.2, p 1-11 2021. ISSN1983-1579.

Simbolismo dos Números e Cabala, de Maela Paul, Ed. Ágape
<https://www.migalhas.com.br/quentes/49623/simbologia-do-n--7---homenagem-ao-aniversario-de-migalhas>.

SIMMEL, G. A natureza sociológica do conflito. São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. (2006). Questões fundamentais de sociologia: individuo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar.(Tradutor Pedro Caldas.)

SIMMEL, Georg. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. (Organizador da coletânea: Evaristo de Moraes Filho).

SILVA, T. T. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

STEPHANI, Adriana Demite; TINOCO, Robson Coelho. A formação dos professores mediadores de leitura literária: os desafios atuais. 2014. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/1045.pdf>> Acesso em: 10 novembro. 2023.

STRAIOTTO, Débora Silva; “... E eu pensei: o que estou fazendo aqui?!” homens egressos do curso de pedagogia: estabelecimento e deslocamento na profissão. 2017. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2017.

TOBIAS, José Antônio. História da Educação Brasileira. 3. ed. São Paulo: IBRASA, 1986.

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI. Comissão Própria de Avaliação – Relatório de Autoavaliação 2013. Crato, 2013. Disponível em: <http://www.urca.br/proplan/wp-content/uploads/sites/33/2022/01/cpa-relatorio-2014-anobase-2013.pdf>. Acesso em: 19 set. 2023.

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI. Chamada Pública Nº 001/2022 – PROAE. Crato, 2022. Disponível em: http://www.urca.br/portal2/wp-content/uploads/2022/03/EDITAL_FECOP-_001_2022_PROAE.pdf. Acesso em: 10 set. 2023.

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI. Plano de Desenvolvimento Institucional da URCA 2017 – 2021. Crato, 2017. Disponível em: <<http://www.urca.br/novo/portal/index.php/documentos/category/2-plano-de-desenvolvimento-institucional-pdi>> Acesso em: 30 set. 2023.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In. NUNES, Edson de Oliveira (Org.). A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso, e método na pesquisa sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. P. 36-34.

VERISSIMO, Ignácio José. Pombal os Jesuítas e o Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1961.

APÊNDICE

Descrição do Produto Educacional.

Título do Produto Educacional: Histórias e Narrativas- Elas e a Pedagogia.

Tipo do Produto: Livro; E-book.

A proposta de um Produto Educacional serve para agregar valor ao espaço onde desenvolvemos nossa pesquisa. Segundo documento da área 46 da CAPES/2019¹⁰ – A área de ensino entende como produto educacional o resultado de um processo criativo gerado a partir de uma atividade de pesquisa, com vistas a responder a uma pergunta ou a um problema, ou ainda a uma necessidade concreta associados ao campo prático profissional, podendo ser um artefato real ou virtual, ou ainda um processo. Pode ser produzido de modo individual ou coletivo. A apresentação de descrição e de especificações técnicas contribui para que o produto possa ser compartilhado ou registrado. (p. 16). Ainda segundo esse documento diferente do Mestrado Acadêmico, no Mestrado Profissional o mestrando necessita desenvolver um processo ou produto educativo e aplicado em condições reais de sala de aula ou outros espaços de ensino, em formato artesanal ou em protótipo. (p. 15). Nesse sentido o Produto não pode ser um apêndice da dissertação, uma ilustração. Para além disso, ele é parte do processo de pesquisa, com embasamento teórico e metodológico.

Cientes da importância do Produto resolvemos buscar narrativas de egressas do curso de Pedagogia- URCA. Esse trabalho trata de histórias, de experiências a elas relacionadas. A ideia é que as histórias apresentadas tragam percepções, sensações individuais, mas que levam a construção de algo coletivo. Os diferentes enredos que serão apresentados, possibilitará uma apreensão de sentidos nos conteúdos narrados.

O Livro contará com 8 capítulos. Cada capítulo contemplará uma narrativa feita por uma pedagoga, graduada pela Pedagogia-URCA e um, capítulo introdutório meu abrindo assim o produto. Levando em conta o perfil do alunado do curso, que abrange diversas cidades, selecionamos pessoas de diferentes cidades para participar. Haverá ex-alunas da pedagogia com mais de 20 anos de diferença do ano de graduação. Também buscamos não repetir idades das pessoas. Acreditamos que com esses recortes as pessoas que lerem a

¹⁰ BRASIL, CAPES. Documento de Área 46- Ensino. Ensino. Brasília, 2019 a. p. 15- 16.

obra, terá em mãos uma construção histórica, social, cultural, bem heterogênea. Que possibilitará identificar os traços que compõe o conjunto cultural de onde falam as narradoras. Localizar e distinguir fatos e versões. Compreender a representação simbólica presente nas evocações das personagens. Interpretar saberes que subsidiam a vida social. E finalmente analisar o conhecimento das experiências de vida, que se entrelaçam pelo fio comum da pedagogia, entrelaçamentos esses indispensáveis ao eu pedagoga.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Eu, Francisco Raniel Alves Rodrigues, estudante do curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri- URCA, estou realizando uma pesquisa que tem como tema: “A Estranha mania de ter fé na vida:” Narrativas e travessias de egressas da Pedagogia da URCA.” e do produto educacional : Narradoras da Pedagogia. O Objetivo é através dessas histórias perceber o papel da educação, de forma mais específica o Ensino Superior, no empoderamento feminino.

Por esse motivo, convido a Sra a participar dessa pesquisa. Sua participação consistirá em contar sua história através de narrativa. Me comprometo em evitar o menor risco e desconforto mantendo uma postura ética e respeitosa. Nessas oportunidades, planejamos dialogar em torno do objetivo apresentado acima seguindo uma metodologia participante. Almejamos que essa pesquisa possibilite saber como o curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri, influenciou na construção dessas narrativas de vida. Uma vez que vivemos numa região fortemente marcada pelo patriarcalismo e pelo machismo, onde o feminino foi e continua sendo silenciada das mais diferentes e cruéis maneiras. Assim esse trabalho buscará da voz a essas mulheres que com suas histórias influenciaram tantas outras mulheres.

Me comprometo em tratar as gravações obtidas de forma zelosa e fiel aos objetivos da pesquisa, fazendo com que seu conteúdo conste de forma fidedigna no trabalho dissertativo e contribua com o seu produto que será um material destinado a publicação dessas narrativas e um evento de socialização com as narradoras que participarão desse trabalho e pessoas convidadas. Esse material terá formato de livro e e-

book e estará disponível em uma plataforma da internet que permita a todos tanto a sua leitura como a discussão e diálogo contínuos em torno do mesmo.

Assumo a responsabilidade de que sua participação se dê da forma mais confortável possível ao mesmo tempo que, também me comprometo em permanecer vigilante para agir eficazmente em seu favor caso haja qualquer desconforto para sua pessoa no decorrer das referidas atividades. O tipo de procedimento apresentará um risco mínimo uma vez que os relatos obtidos serão de total livre-arbítrio da narradora que relatara aquilo que deseja tornar público. Mesmos os pequenos risco que possam surgir deverá se reduzido mediante esclarecimentos e informações adicionais por nós prestadas. Os benefícios esperados são no sentido de este estudo contribuir para a formação docente no curso de Pedagogia da URCA uma vez que suas futuras egressas poderão se reconhecer nas diferentes histórias de vidas de egressas do curso. Como também para as participantes há indubitavelmente a oportunidade de deixar registrada suas histórias que muito terá a contribuir para com aqueles que a lerem, além de contribuir com seus currículos uma vez que se trata de uma publicação.

Nos casos em que o procedimento utilizado traga algum desconforto ou sejam detectadas alterações que necessitem de assistência imediata ou tardia, eu Francisco Raniel Alves Rodrigues ou a professora orientadora Maria Dulcinea Silva Loureiro seremos os responsáveis pelo encaminhamento, quando necessário, à coordenação do Mestrado Profissional em Educação – MPEDU da Universidade Regional do Cariri - URCA para obter os devidos esclarecimentos.

Caso haja alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, favor procurar Francisco Raniel Alves Rodrigues por meio dos seguintes contatos: (88) 99624-4360. E-mails: Raniel.alves@urca.br. Ou ranielf@hotmail.com

Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa- CEP da Universidade Regional do Cariri, localizado na Rua Coronel Antônio Luiz, 1161, 1º andar, Bairro: Pimenta, CEP: 63.105-000, telefone: (88) 3102-1212, ramal 2424, Crato, CE.

Se estiver de acordo em participar, por favor preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue.

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, a Sra. _____

declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, estando ciente dos procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

_____ de _____ de ____.

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, a Pedagoga Luana Ricarte da Costa, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Crato-Ce, 24 de Fevereiro de 2023.

Luana Ricarte da Costa

Assinatura do participante ou representante legal

Francisco Raniel Mour Rodrigues

Assinatura do Pesquisador

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, a Pedagoga Veridiane Rosa da Silva, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Crato-Ce, 24 de Fevereiro de 2023.

Veridiane Rosa da Silva

Assinatura do participante ou representante legal

Francisco Rival Moreira Rodrigues

Assinatura do Pesquisador

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende as exigências legais, a Pedagoga José Maria de Souza Ferreira declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo:

Crato-Ce, 29 de Abril de 2023

José Maria de Souza Ferreira

Assinatura do participante ou representante legal

Franisco Rival Almeida Rodrigues

Assinatura do Pesquisador

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, a Pedagoga Cicera Carmo de Souza, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Crato-Ce, 29 de Maio de 2023.

Cicera Carmo de Souza

Assinatura do participante ou representante legal

Francisco Romil Nogueira Rodrigues

Assinatura do Pesquisador

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, a Pedagoga Francisca Sandra de Sousa, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Crato-Ce, 22 de fevereiro de 2023.



Assinatura do participante ou representante legal



Assinatura do Pesquisador

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, a Pedagoga, *Antônia Eugênia de Oliveira* declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Crato-Ce, 22 de fevereiro de 2023.

Antônia Eugênia de Oliveira

Assinatura do participante ou representante legal

Franisco Romel Alves Rodrigues

Assinatura do Pesquisador

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, a Pedagoga Ama Alice de Lima Teodoro, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Crato-Ce, 01 de junho de 2023

Ama Alice de Lima Teodoro

Assinatura do participante ou representante legal

Assinatura do Pesquisador